



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

IURI SANTOS SILVA DO ROSÁRIO

**VISITANDO AS DÓRCADES ENCANTADAS: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS
CULTURAIS DOS POVOS BIJAGÓ NA GUINÉ-BISSAU**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2016

IURI SANTOS SILVA DO ROSÁRIO

**VISITANDO AS DÓRCADES ENCANTADAS: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS
CULTURAIS DOS POVOS BIJAGÓ NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Fábria Barbosa Ribeiro.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

R713v

Rosário, Iuri Santos Silva do.

Visitando as dórcaes encantadas : um olhar sobre as práticas culturais dos povos Bijagó na Guiné-Bissau / Iuri Santos Silva do Rosário. - 2016.

151 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fábria Barbosa Ribeiro.

1. Bijagó (Povo africano) - História. 2. Guiné-Bissau - Historiografia. 3. Guiné-Bissau - Na cultura popular. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 966.5

IURI SANTOS SILVA DO ROSARIO

**VISITANDO AS DÓRCADES ENCANTADAS: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS
CULTURAIS DOS POVOS BIJAGÓ NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Profa. Dra. Fábيا Barbosa Ribeiro.

Data de aprovação: 05/12/2016.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fábيا Barbosa Ribeiro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Profa. Dra. Juliana Barreto Farias

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

À Nindo (Deus em Bijagó), pela confiança e Dons que confiou a mim.

Aos meus avós, por nunca terem desistido de mim.

Aos meus pais, pelo amor, carinho e educação.

Ao meu povo Bijagó, que, com todo afeto, soube me acolher da melhor forma possível.

À memória do meu amigo, Danilson Costa Banca (in memoriam), que não mediu esforços para me ajudar e me receber durante a minha estadia na Guiné-Bissau.

AGRADECIMENTOS

É, meus queridos. Cheguei e estou concluindo mais uma nova fase da minha vida. Depois de enfrentar tantas batalhas e obstáculos, me mostrei forte e superior a eles e é por isso que estou aqui.

Esta monografia tem para mim um significado muito importante, ela é fruto de um rápido amadurecimento que mudou completamente a minha vida. Por todos os esforços, afirmo também não utilizar do fracasso para me apoiar.

Agradeço primeiramente a Deus, por ser meu fiel protetor e apoiador das minhas aventuras, vontades e desejos de crescer na vida.

Agradeço aos cuidados incansáveis dos meus avós, Florisvaldo Domingos Doria da Silva e Ione dos Santos Cruz.

À memória da minha avó, Maria José Ribeiro do Rosário.

Aos meus pais, Rosenilda Santos Silva e Ubiraci Ribeiro do Rosário, pelos ensinamentos, dedicação, amor e pela aposta feita em mim ao longo dos anos, principalmente pelo incentivo e apoio incondicional.

À minha madrasta, Denise Borges, pelos tempos de conversa e histórias vivido juntos.

Aos meus queridos irmãos, Lais, Joseane. Ubiraci e Wellington que mesmo com a distância, soube compreender a minha ausência.

Aos meus tios e padrinhos, que me acompanharam diretamente nesta formação, em especial: Rejane, Sidney, Reginaldo, Maria Farias, Zenilda, Nídia, Floricea, Simone, Marcelo, Jacislay (tio Dinho).

Aos meus primos que sempre me enviavam mensagens de força, reafirmando o afeto e carinho. Agradeço a cada um de vocês. Vocês são muitos, graças a Deus, mas, não citarei nomes, pois o que importa é a satisfação de quem dá e o reconhecimento de quem recebe.

À Iony Santos, minha tia e amiga. Que mesmo de longe, nunca deixou de me amar, educar, incentivar. Sempre dedicando o seu tempo e ensinamentos para me fazer um homem de bem e melhor a cada dia mais.

À Máira Castro e sua família, por terem me acompanhado, sempre me incentivando e me apoiando nos momentos difíceis que passei na vida durante a formação. Por isso e por outros motivos, o meu sincero e muito obrigado!

À José Carlos Borges de Oliveira Júnior, que com toda satisfação e humildade, partilhou-me sua casa e sua família, recebendo-me de braços abertos, estreitando os laços que criamos para além da nossa formação colegial.

Agradeço imensamente aos meus amigos e suas famílias, que não deixaram com que a distância nos afastasse. Agradeço também aos amigos que estiveram comigo nesta jornada, reconhecendo a importância e a essencialidade de cada um deles, palavras estão longe para expressar o quanto sou grato pelo afeto e pela irmandade.

À Sara Cristina Salvaterra, Chitungane Sebastião, Emilly Sampaio, Emanuel Semedo, Danilson Gonçalves, Rafaela Bacelar, Beatriz Borges, Leonardo Faíslon, Fabiana Gelard, Magnusson da Costa, Ocante Ié, Luís Fernandes Júnior, Ícaro Amancio, Bruna Maia, João Dito, Rosa Baldé, Solange Cabral, Braima Seide, Suleimane Alfa Bá, Elaine Ribeiro, Joice Lorena, Daiane Teixeira, Kaick Yuri, Klylissa Carla, Itelvina Fernandes, Luciano Guedes, Mabel Araújo, Naiane Jesus, Nemésio Alves, Ró Gilberto Cá, Ronald Rosário, Tânia Correia, Tatiane Barros, Vera Lúcia Bispo, amigos que fiz durante a formação, obrigado de coração por terem partilhado por algum momento parte das suas vidas comigo. Alguns mais do que os outros, mas todos, de forma especial.

À Everly Caroline e sua família, pelo companheirismo e apoio, principalmente na fase final desta monografia. Foram muitas horas de discussões, debates e dialogo além das horas perdidas pela madrugada adentro. A vocês, meu muitíssimo obrigado!

Um agradecimento especial para todos àqueles que contribuíram com meu livro de ouro, livro este que me fez conseguir realizar a minha viagem para a Guiné-Bissau. Aos amigos de Salvador, Flávio Gonçalves, Núbia Moura, Nelson Pelegrino, Olivia Santana, Luciana Embilina. Aos professores e técnico-servidores da UNILAB, Fábria Barbosa Ribeiro, Jaciara de Santana, Matilde Ribeiro, Paulo Proença, Tomaz Aroldo, Juliana Farias, Maurílio Machado, Adelmária Ione, Maria José Gualberto, José Carlos da Cruz, Pedro Leyva, Cristiane Santos, Claudilene Silva, Marcio André, Caterina Rea, Lídia Silva, Thiago, Márcio, Vanessa, Fabrício, Silvia, Lorene, Daisy, Marcos, José, Dart, Paulo, Gisele, Plínio, Reinaldo, Lislane, Dilson, Iramir, Luciana, Leila. Do Prefeito, Secretários e Vereadores da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde – BA, Evandro Almeida, Ana Cristina Marques, Marivaldo do Amaral, Eliezer de Santana, Vanessa Dantas, Silmar Carmo, Renato Costa Rosa, Beto Maria, Luis de Campinas, Venilson Chaves, Ana Christina, Aloísio de Souza, e dos amigos, Acácio Almeida em São Paulo e Sandra Petit, no Ceará.

Ao meu povo guineense, os de Bissau e os das Ilhas Bijagós.

Eu não tenho palavras para descrever o quanto sou e fui grato por todo que vivi durante minha pesquisa de campo. Primeiramente, dedico este trabalho, também, à memória do meu amigo, *Danilson Banca*, que veio a óbito alguns meses depois da minha viagem.

Citar nomes não seria o correto, haja em vista tanta gente que passou por mim e que me fez tão bem, mas, em agradecimento pleno, cito os que me marcaram e sei que os que estarão aqui representarão e me farão sempre lembrar os outros:

Matchon de Pina, Onimoto Cassama, Nesa, Amadu Talibe Baldé, Ani de Pina, Deke de Pina, Magno de Pina, Juleica, Mamadu, Fode, Juzelia, Besna, Crishilda, Antonia, Dimiro, Samanu, Sami, Axa, Valeria, Mama M'Balía Cumba Sá, Amelia, Nelson, Fátima, Zezinho, Cremildes, Neuza, Neuzazinho, Meju, Domiguinhos da Costa, Domingos da Costa, Leopoldina Natchabaqui, Vladimir, Victória, Mariama, Sandro, Kizito, Carla, Adão Lopes Correia, Aissa Regalla, Magda Bull, Frederico Cabral, Francisco Conduto de Pina, Miguel de Barros, Augusto Fernandes, Pedro de Pina, Bintó, Ivanildo, Wilson, Mario, Nisio, Osvaldo de Pina, Iony de Pina, Fabiano de Pina, Arlindo, Marcelo, Mamadu e tantas outras crianças, jovens e adultos, que se eu continuasse a escrever aqui daria um livro.

Meu muito obrigado às Famílias de Pina e da Costa pelo acolhimento e pela recepção de grande valia. Palavras não são suficientes para agradecer tudo o que sinto por vocês e pela humildade que me receberam.

Ao bairro de Plack II em Bissau e às Ilhas de Bolama, Bubaque, Canhabaque e Orango Grande por terem me recebido tão bem e ter me deixado sentir em casa. Ao IBAP e INEP pela oportunidade e parceria. Ao Centro Cultural Brasil Guiné-Bissau e à Embaixada do Brasil em Guiné Bissau, pelas portas que me abriram quando cheguei.

Por fim, agradeço a todos os congressos, simpósios, palestras, encontros, eventos científicos e estudantis que participei, também, à UNILAB, por seu projeto integrativo, pois foi a partir dele que despertei a curiosidade de enfrentar o que não era cabido à palma da minha mão e à minha Orientadora, Fábía Barbosa Ribeiro, por ter tido a maior paciência do mundo para me orientar e saber construir junto comigo um sonho o qual se tornou esta monografia.

Enfim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram, me apoiaram e se dedicaram a mim e as minhas conquistas durante todos esses anos.

Meu muito obrigado a todos!

ESSETA!

**Sol, suor e o verde e mar
Séculos de dor e esperança!
Esta é a terra dos nossos avós!**

**Fruto das nossas mãos
Da flôr do nosso sangue
Esta é a nossa pátria amada.**

AMÍLCAR CABRAL

RESUMO

A presente monografia tem como foco apresentar os resultados finais de uma pesquisa de iniciação científica, cuja tem como objetivo principal, observar aspectos nas práticas socioculturais da etnia Bijagó, na qual resultou na pesquisa de campo realizada nas Ilhas Bijagó em Guiné-Bissau e em diversos estudos realizados com estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) desta mesma etnia. Nesse sentido, buscarei trazer dados sociais, demográficos e geográficos dentro de uma perspectiva quantitativa; apresentarei dados qualitativos a fim de observar as diferenças, transformações e mudanças pelas quais passaram algumas práticas Bijagó no decorrer dos últimos anos, após a independência da Guiné-Bissau. Por fim, esta monografia vem trazer relatos de uma experiência entre os Bijagó nas ilhas de Bolama, Bubaque, Canhabaque e Orango Grande, e, a partir das longas conversas, das vivências e sensações experimentadas e da contribuição oral do povo Bijagó, empreender um esboço de análise das dicotomias entre tradição e modernidade no interior desta etnia, possíveis de serem observadas, por exemplo, no êxodo dos que saem em busca de trabalho, estudos e uma vida modernizada e padronizada “inventada” pelo ocidente e na permanência de outra parte, que sobrevive nas ilhas com uma vida simples e humilde, porém lucrativa, pensando nos poderes e benefícios oferecidos pela natureza.

Palavras-chaves: Bijagó (Povo africano) - História. Guiné-Bissau - Historiografia. Guiné-Bissau - Na cultura popular.

ABSTRACT

This monograph aims to present the final results of a scientific initiation research, whose main objective is to observe aspects in the socio-cultural practices of the Bijagó ethnic group, which resulted in the field research conducted in the Bijagó Islands in Guinea-Bissau and in several Studies carried out with Guinean students from the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB) of the same ethnic group. In this sense, I will seek to bring social, demographic and geographic data within a quantitative perspective; I will present qualitative data in order to observe the differences, transformations and changes that some Bijagó practices have undergone in the last few years after the independence of Guinea Bissau. Finally, this monograph brings reports of an experience among the Bijagó in the islands of Bolama, Bubaque, Canhabaque and Orango Grande, and, from the long conversations, experiences and sensations experienced and the oral contribution of the Bijagó people, to undertake a draft Of analysis of the dichotomies between tradition and modernity within this ethnic group, which are possible to be observed, for example, in the exodus of those who go out in search of work, studies and a modernized and standardized life "invented" by the west and in the permanence of another part, Who survives on the islands with a simple but humble yet lucrative life, thinking of the powers and benefits offered by nature.

Keywords: Bijagó (African people) - History. Guinea-Bissau - Historiography. Guinea-Bissau - In popular culture.

RÉSUMÉ

Cette monographie vise à présenter les résultats finaux d'une recherche d'initiation scientifique dont l'objectif principal est d'observer des aspects des pratiques socioculturelles de l'ethnie Bijagó qui ont abouti à la recherche sur le terrain menée dans les îles Bijagó en Guinée-Bissau et Plusieurs études réalisées avec des étudiants guinéens de l'Université d'Intégration Internationale de la Lusophonie afro-brésilienne (UNILAB) du même groupe ethnique. Dans ce sens, je chercherai à intégrer les données sociales, démographiques et géographiques dans une perspective quantitative; Je présenterai des données qualitatives afin d'observer les différences, les transformations et les changements que certaines pratiques de Bijagó ont subies au cours des dernières années après l'indépendance de la Guinée-Bissau.

Enfin, cette monographie apporte des rapports d'une expérience parmi les Bijagó dans les îles de Bolama, Bubaque, Canhabaque et Orango Grande, et, à partir des longues conversations, expériences et sensations vécues et la contribution orale du peuple Bijagó, Analyse des dichotomies entre la tradition et la modernité au sein de ce groupe ethnique, que l'on peut observer par exemple dans l'exode de ceux qui vont à la recherche du travail, des études et d'une vie modernisée et standardisée "inventée" par l'Occident et Dans la permanence d'une autre partie, Qui survit sur les îles avec une vie simple mais humble mais lucrative, en pensant aux pouvoirs et avantages offerts par la nature.

Mots-clés: Bijagó (Peuple africain) - Histoire. Guinée-Bissau - Historiographie. Guinée-Bissau - Dans la culture populaire.

RESUMO

Es presenti monografia i tene suma focu, aprisenta resultados finais de um pesquisa di iniciason científica. Si objetivo principal i analisa aspectos di praticas socioculturais di etnia Budjugu, ku parti di um pesquisa di campu fasido na Ilhas di Budjugus na Guiné-Bissau i di manga di estudos realizados ku estudantes guineenses di Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) di es mesmo etnia. Nes sintido, i na busca tissi kusas, suma: dados sociais, demográficos e geográficos dentru di um perspectiva quantitativo; i na aprisinta dados qualitativos ku finalidade di djubi diferenças, transformason i mudanças ku passa pa alguns praticas di Budjugu na decorrer di últimos anos, dipus di independência di Guiné-Bissau. Pa fim, es monografia na tissi relatos di um experiência entre Budjugus di Ilhas di Bolama, Bubaqui, Canhabaqui e Orango Garandi, i a partir di manga di cumbersas, di vivências e sensason experimentadus i di contribuison oral di povo Budjugu, empreender um esboço di análise di dicotomias entre tradison e modernidade dentru di etnia Budjugu, ku pudi sedu djubidu, pa exemplo, di djintis ku sai busca tarbadju, studa i um vida nobu i padronizado, “inventadu” pa ocidente i na permanência di utro parte, ku sobrevive na Ilha ku vida simples, humilde i lucrativu, ku pensamento na pudes i beneficius pa natureza.

Palabras-chaves: Bijagó (Afrika-mense) - Geskiedenis. Guinee-Bissau - Historiografie. Guinee-Bissau - In populêre kultuur.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Momento de trocas de experiência com os estudantes guineenses, no dia da comemoração do Dia Internacional Nelson Mandela ¹	22
Imagem 2 - Um dos momentos da convivência com o amigo de quarto.	24
Imagem 3 - Bandeira da Guiné-Bissau.	29
Imagem 4 - Túmulo da Rainha Okinka Pampa, que se encontra localizado no Museu Histórico da Rainha Okinka Pampa, em sua antiga tabanca, de nome Eticoga na ilha de Orango Grande.	41
Imagem 5 - Augusto Pereira Fernandes, atual Régulo da tabanca de Eticoga da Ilha de Orango Grande.	41
Imagem 6 - Ingresso para a viagem de barco de Bissau para Bolama.	42
Imagem 7 - Embarcação de passageiros e cargas no porto Cais.	42
Imagem 8 - Visita à tabanca de Kaleidje.	44
Imagem 9 - Crianças comendo e quebrando o coco do caju (castanha).	44
Imagem 10 - Comida de pagamento di garandessas.	46
Imagem 11 - Mulheres participantes da cerimônia de pagamento di garandessas em passagem pela tabanca de Kaleidje.	46
Imagem 12 - Mulheres participantes da cerimônia de pagamento di garandessas em passagem pela tabanca de Kaleidje.	47
Imagem 13 - Mulheres participantes da cerimônia de pagamento di garandessas em passagem pela tabanca de Kaleidje.	47
Imagem 14 - Interação com mulheres Bijagó na Tabanca de Kaleidje.	48
Imagem 15 - Família que me acolheu em Bolama.	48
Imagem 16 – Panorâmica do Porto principal da Ilha de Bolama.	49
Imagem 17 - Desembarque no Porto de Bubaque.	51
Imagem 18 - Placa de recepção aos turistas e estrangeiros à Bubaque.	52
Imagem 19 - Saindo da Pousada em direção ao Porto para fazer o traslado Bubaque - Canhabaque.	54
Imagem 20 - Chamada e embarque dos passageiros do traslado de Bubaque - Canhabaque.	54
Imagem 21 - Primeira parada de desembarque em Canhabaque.	56
Imagem 22 - Segunda parada de desembarque em Canhabaque.	56
Imagem 23 - Trilha da parada do desembarque para a tabanca de Angumba.	57
Imagem 24 - Casa que fiquei hospedado em Canhabaque.	57
Imagem 25 - Senhor Marcelo, tocador do bombolom.	59

Imagem 26 – Cacho de <i>Chabeu</i>	60
Imagem 27 - Mulher e criança tirando o fruto do chabeu para fazer o óleo de palma.	60
Imagem 28 - Mãe e filha compondo palha para colocar no teto da casa.....	61
Imagem 29 - Irmãs compondo palha para colocar no teto da casa.....	61
Imagem 30 - Homem compondo as talhas da palmeira para o telhado da sua casa.	62
Imagem 31 - <i>Bemba</i>	62
Imagem 32 - Tocadores do bombolom avisando as tabancas vizinhas da dança do Cabarô no dia seguinte na tabanca de Angumba, ilha de Canhabaque.....	63
Imagem 33 - Tocadores do bombolom avisando as tabancas vizinhas da dança do Cabarô no dia seguinte na tabanca de Angumba, ilha de Canhabaque.....	64
Imagem 34 - Tocadores do bombolom avisando as tabancas vizinhas da dança do Cabarô no dia seguinte na tabanca de Angumba, ilha de Canhabaque.....	64
Imagem 35 - Tocadores do bombolom avisando as tabancas vizinhas da dança do Cabarô no dia seguinte na tabanca de Angumba, ilha de Canhabaque.....	64
Imagem 36 – <i>Mindjer garandi</i> . Rainha de uma tabanca na ilha de Canhabaque.	66
Imagem 37 - <i>Homi garandi</i> fazendo remo para canoa.	66
Imagem 38 - Arroz com <i>katoré</i> para servir antes de começar a dança do <i>Cabarô</i>	67
Imagem 39 - <i>Buli</i>	67
Imagem 40 - Dança do <i>Cabarô</i> e <i>Canhocãs</i> posicionados para iniciar a dança.	68
Imagem 41 - <i>Baca bruto</i> em cena.	69
Imagem 42 - <i>Baca bruto</i> em cena.	69
Imagem 43 - <i>Baca bruto</i> em cena.	69
Imagem 44 - <i>Baca bruto</i> em cena.	70
Imagem 45 - <i>Baca bruto</i> em cena.	70
Imagem 46 - <i>Baca bruto</i> em cena.	70
Imagem 47 - <i>Baca bruto</i> em cena.	71
Imagem 48 - Tocador do tambor longe afinando a pele do instrumento.....	72
Imagem 49 - <i>Baca bruto</i> em cena.	72
Imagem 50 - Encerramento da dança do <i>Cabarô</i>	73
Imagem 51 - Família da Costa durante a viagem de Bissau para Bubaque.	75
Imagem 52 - Amigo Dominginhos da Costa, amigo e fiel escudeiro, oriundo da ilha de Orango Grande, tabanca de Eticoga.	75
Imagem 53 - Paisagem da saída do Porto de Bubaque.....	76
Imagem 54 - Porto da Ilha de Uno. Espera da aproximação da canoa para fazer o embarque e desembarque.	76
Imagem 55 - Espera do desembarque do pessoal restante.	77

Imagem 56 - Desembarque das pessoas no Porto de Orango Grande.....	77
Imagem 57 - Menino bijagó de Orango Grande após pintar o rosto com as cinzas da madeira queimada.	81
Imagem 58 - Meninos bijagó de Orango Grande, após pintarem os rostos com as cinzas da madeira queimada.....	81
Imagem 59 - Pós-embarque de Cabo Verde para Guiné-Bissau, África.....	85
Imagem 60 - Fruto da cabaceira.....	85
Imagem 61 - Comendo <i>bianda</i> com os amigos, da esquerda para a direita: Iuri, Matchon, Magno, Onimoto, Mejú e Danilson (<i>in memoriam</i>).	86
Imagem 62 - Estátua de Amílcar Cabral em frente ao Aeroporto Internacional da Guiné-Bissau, Osvaldo Vieira.....	87
Imagem 63 - Palácio do Governo.....	87
Imagem 64 - Mercado de Bandim.....	88
Imagem 65 - Palácio da Presidência.	88
Imagem 66 - Praça da Independência.....	89
Imagem 67 - Tirando caju do cajueiro.	90
Imagem 68 - Fruta caju.	90
Imagem 69 - Da esquerda para a direita: Valeriana, Zezinho, Iuri e Juzelia.....	92
Imagem 70 - Retirando água da fonte.	93
Imagem 71 - Mama M’Balía Cumba Sá.	93
Imagem 72 - Informativo sobre a missão e projeto da cooperação da UNILAB com os países parceiros.	102
Imagem 73 - Término da Sessão Solene de envio dos estudantes da UNILAB. Da Guiné-Bissau para os estados da Bahia e Ceará no Brasil.	103
Imagem 74 - Placa de abertura do IBAP.....	103
Imagem 75 - Foto da fotografia de um homem segurando um cacho de <i>chabeu</i>	104
Imagem 76 - Foto da foto do contato do homem com a natureza.	105
Imagem 77 - Entrevista com Tomé Mereck no IBAP.....	106
Imagem 78 - Foto com o Diretor Geral do Instituto Nacional de Pesquisa da Guiné-Bissau, INEP, Prof. Dr. Leopoldo Amado.	108
Imagem 79 - Saia tradicional da etnia Bijagó pendurada na sala do então Ministro Francisco Conduto de Pina.....	109
Imagem 80 - Tambor pequeno de madeira pendurado na sala do então Ministro Francisco Conduto de Pina.	110
Imagem 81 - Saia tradicional da etnia Bijagó pendurada na sala do então Ministro Francisco Conduto de Pina.....	110

Imagem 82 - Chegada do <i>Cabas</i> à casa da família de Janete.....	111
Imagem 83 - Espera da noiva e de seus familiares para abertura do <i>Cabas</i>	112
Imagem 84 - Família do noivo a espera da família da noiva para abrir e conferir o que estava no <i>Cabas</i>	112
Imagem 85 - Chegada da noiva para se apresentar aos convidados e familiares do noivo.	113
Imagem 86 - Noiva sentada conferindo os itens contido no <i>Cabas</i>	113
Imagem 87 - Cumprimento da noiva aos familiares, amigos e convidados.....	114
Imagem 88 - Entrada da noiva carro para ir ao encontro do noivo em sua nova casa.	115
Imagem 89 - Noiva em casa recebendo os familiares e amigos após cerimônia de casamento tradicional.....	116
Imagem 90 - Noiva recebe cumprimentos dos primos.....	116
Imagem 91 - Foto com os noivos, Carlos e Janete, após a cerimônia tradicional de casamento em Bissau.	117
Imagem 92 - <i>Cabas</i> com <i>combe</i> catado na beira da praia do Porto da Ilha de Orango Grande.....	119
Imagem 93 - Dominginhos da Costa me trazendo almoço.	119
Imagem 94 - Prato do dia: arroz, <i>combe</i> e salada vinagrete.....	119

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estudiantes de BHU 2014.1.....	26
Gráfico 2 - Estudiantes de Letras 2014.1	26
Gráfico 3 - Estudiantes de BHU 2014.3.....	26
Gráfico 4 - Estudiantes de Letras 2014.3	27

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa da Guiné-Bissau.....	29
Mapa 2 - Divisão Administrativa do Arquipélago Bolama/Bijagós.	30
Mapa 3 - Mapa etnográfico da Guiné-Bissau.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS

- UNILAB** – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.
- DRCA** – Diretoria de Registro e Controle Acadêmico.
- BHU** – Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades.
- CPLP** – Comunidade de Países de Língua Portuguesa.
- UNESCO** – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
- BA** – Bahia.
- ANP** – Assembleia Nacional Popular.
- CEDEAO** – Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental.
- BCEAO** – Banco Central dos Estados da África Ocidental.
- UEMOA** – União Econômica e Monetária do Oeste Africano.
- CFA** – Franco da Comunidade Financeira Africana.
- PAIGC** – Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde.
- PIDE** – Polícia Internacional e de Defesa do Estado.
- FLING** – Frente de Libertação e Independência Nacional da Guiné.
- UNEB** – Universidade Estadual da Bahia.
- CBPN** – Congresso Baiano de Pesquisadores Negros.
- UESB** – Universidade Estadual do Sul da Bahia.
- ONG's** – Organizações Não Governamentais.
- Sr.** – Senhor.
- PALOP** – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.
- PNO** – Parque Nacional de Orango.
- INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.
- IBAP** – Instituto de Biodiversidade e Áreas Protegidas.
- PIDE** – Política Internacional e de Defesa do Estado.
- CBD** – Convenção sobre a Biodiversidade Biológica.
- TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO I – A GUINÉ-BISSAU, SUA HISTÓRIA E SEUS POVOS.	29
CAPÍTULO II - A EXPERIÊNCIA NAS DÓRCADES ENCANTADAS.	38
2.1 O ARQUIPÉLAGO DOS POVOS BIJAGÓ E SEUS HABITANTES.	38
2.2 VISITA À ILHA DE BOLAMA E CERIMÔNIA DE PAGAMENTO DI GARANDEZAS.	42
2.3 BUBAQUE E CANHABAQUE: UMA CONEXÃO EM VISTA.	49
2.4 A INESPERADA VIAGEM À CANHABAQUE E UMA CERIMÔNIA A SER ACOMPANHADA.	55
2.5 A PASSAGEM PELA ILHA DE ORANGO GRANDE: EXPERIÊNCIA DE COMO VIVER NUMA “CIDADE MARAVILHOSA”!	74
2.5.1 Experiência com a comunidade da Ilha de Eticoga.	80
CAPÍTULO III – VIVÊNCIAS EM BISSAU, A CAPITAL DA GUINÉ.	84
3.1 CHEGADA À GUINÉ-BISSAU, ÁFRICA.	84
3.2 EXPERIÊNCIA EM BISSAU, RECEPÇÃO E CONVIVÊNCIA EM PLACK II.	89
3.3 ÊXODO DOS JOVENS BIJAGÓ.	94
3.4 PARTICIPAÇÃO NO EVENTO QUE MARCA A IDA DOS ESTUDANTES GUINEENSES PARA A BAHIA E CEARÁ, BRASIL.	101
3.5 VISITA E PARCERIA COM O INSTITUTO DA BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS – IBAP.	103
3.6 PARCERIA COM INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA DA GUINÉ- BISSAU, INEP.	106
3.7 VISITA AO MINISTÉRIO DE CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO.	108
3.8 VIVÊNCIA EM UM CASAMENTO TRADICIONAL E RELIGIOSO DA ETNIA BIJAGÓ EM GUINÉ-BISSAU.	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

Essa monografia origina-se da minha experiência como estudante da UNILAB, a qual resultou em uma viagem de intercâmbio realizada em Guiné-Bissau entre os meses de abril a junho de 2016, com duração de 43 dias.

Essa pesquisa teve como intuito a realização de um trabalho de campo para o projeto de iniciação científica ainda em curso. A motivação de escrever sobre o povo bissau-guineense, parte sobretudo de minha vivência estudantil.



Imagem 1 - Momento de trocas de experiência com os estudantes guineenses, no dia da comemoração do Dia Internacional Nelson Mandela¹.

Fonte: Valu Ribeiro, 2014.

Ao entrar na UNILAB no período de 2014.1 (maio), deparei-me com uma realidade multicultural, muito diferente de tantas outras universidades federais e estaduais aqui no Brasil. Em um ambiente com alunos oriundos de diferentes países, discussões intensas e profundas sobre racismo, miscigenação e colonização nos “espaços *lusófonos*¹”, traziam inquietações e reflexões. O poder da ancestralidade também se fazia presente.

A vivência não era tão simples e fácil como se imaginava. Várias gentes. Vários povos. Várias culturas dialogando. Cada um com sua peculiaridade. Cada qual com sua língua

¹ Tomo emprestada essa expressão, baseado na obra (GAIVÃO, S/D), onde ele diz que a noção de Lusofonia é tomada pelo lado dos estudos culturais e localizada no conceituado como “Sul”, metafórico/geográfico.

e formas de falar e se expressar. Várias línguas ouvidas pelos corredores, todas se encontrando no *crioulo* falado no cotidiano de Cabo Verde e Guiné-Bissau e terminando na “Língua Oficial Portuguesa”, “lugar” em que todos eles se entendiam.

A UNILAB é ricamente qualificada em seu projeto, principalmente no quesito cultura, que pensa em unir oito países parceiros e participantes da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em uma única universidade com o intuito de se integralizarem, academicamente, culturalmente, socialmente e politicamente.

Pensar num projeto que formaliza a união cultural por meio da educação é visto como um bom desempenho e desenvolvimento da capacidade intelectual. Unir povos e dar a eles a capacidade, poder e força, para juntos construir uma nova comunidade é muito válido, vide a situação que cada país passa, e cada realidade vivida por aqueles povos.

Ver juntos, estudantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste², é de uma significância sem tamanho. Cada um desses países teve um passado histórico digno de ser lembrado, com desafios que vem sendo superados a cada dia que passa.

A história desses povos é rica sob todas as formas. É notória a integração por meio de várias formas de relacionamentos na UNILAB. Desde os relacionamentos amorosos, novas criações de famílias, grandes amizades e fortes laços sociopolíticos que marcarão para sempre a vida não apenas dos alunos, mas de toda a comunidade acadêmica. É importante o realce para aquilo que se chama de integração e intercâmbio cultural, ao qual estou inserido.

Aprender a falar o crioulo, que tanto é falado em Cabo Verde, como em Guiné-Bissau, faz parte da experiência de estudar numa Universidade de cunho integrativo. A minha experiência parte da minha curiosidade em ver tanta gente falando de forma “diferente”, e eu ali, no meio das conversas, sem entender muita coisa. A partir dali, quis aprender de tudo um pouco. Sobre a Guiné-Bissau, sobre Cabo Verde, sobre África. Por início, aprendi a falar o *crioulo*.

A experiência de vivenciar cada momento e experiência dos guineenses dentro da universidade foi que despertou em mim a vontade de conhecer mais sobre esse povo. E foi desde o momento em que decidi morar com mais três estudantes da Guiné-Bissau em São Francisco do Conde-BA – cidade sede de um dos *campi* da UNILAB – que se formou a ideia da presente pesquisa.

² Portugal está no projeto, no entanto, a UNILAB ainda não possui estudantes pertencentes a esta nacionalidade. E no campus dos Malês, ainda não há alunos oriundos do Timor-Leste.

Muitos me perguntavam o “por que” de ir morar com eles³, de viver com estudantes de uma única nacionalidade se eu tinha outras quatro para escolher; e o “por que” de me aproximar de forma rápida apenas deles, e eu não sabia responder. Eu só dizia que fazia parte de uma força que eu chamava de “energia”, que me puxava e eu ia de coração e peito aberto, pois minha vontade era só aprender. Eu só queria aprender!

E mais outra pergunta: como é morar com estudantes que falam o *crioulo* e o português ao mesmo tempo? Até porque, a língua oficial de seu país é o português! E eu só respondia: é normal! O que há de diferente, é que eu aprendo com eles e eles aprendem comigo. E era desta mesma forma que acontecia com o meu amigo João Sambú⁴, de etnia mansonca da cidade de Mansoa, com o qual dividia o quarto na casa onde morávamos.



Imagem 2 - Um dos momentos da convivência com o amigo⁵ de quarto.

Acervo pessoal. Setembro/2014.

Ele me dizia, você fala comigo em português e eu falo com você em *crioulo*, o que você não entender você me pergunta. Mas isso já era numa fase em que eu só tentava falar o *crioulo* com todos os guineenses da Universidade⁶, então, de certa forma, já havia certa compreensão da minha parte.

³ Estudantes guineenses da UNILAB.

⁴ João Dito Sambú, guineense, 27, estudante de Letras da UNILAB.

⁵ Idem.

⁶ Refiro-me ao âmbito do campus ao qual integro o quadro de estudantes da UNILAB. Campus dos Malês – São Francisco do Conde – BA.

Depois da convivência, o tempo fora passando, e algumas decisões precisavam ser tomadas, a exemplo da escolha do tema para o trabalho de conclusão de curso. Decidi então, tentar realizar uma viagem à Guiné-Bissau.

Lugar de pesquisa eu já tinha: o Arquipélago das Ilhas Bijagó, alvo de meu interesse desde que descobri esse país. Pessoas para fazer ponte para uma provável e futura pesquisa de campo foram aparecendo ao decorrer do tempo. Incentivo e energia, além das que recebia, eu mesmo criava. E foi assim que foi surgindo à história de estudar sobre o povo Bijagó.

Queria trabalhar com algo relacionado à etnografia. Pensar e pesquisar a cultura de uma etnia. E queria estudar a cultura, mas sendo pensada diretamente e ligada às especificidades de um povo. Todavia, percebi ser necessário conhecer primeiro a diversidade étnica guineense presente na UNILAB.

Iniciei então, um levantamento das etnias presentes nesta Universidade. Junto a Diretoria de Registro e Controle Acadêmico (DRCA) do Campus dos Malês obtive acesso à relação dos estudantes (vide anexos de número 5, 6 e 7), derivados de duas entradas: 2014.1 e 2014.3, dos cursos presenciais do Instituto de Humanidades e Letras – IHL, Bacharelado em Humanidades e Licenciatura em Letras (vide anexos de número 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15).

Já com a relação dos estudantes em mãos, pedi licença aos professores em sala de aula e passei uma lista na qual o estudante confirmava seu nome e preenchia em forma de autodeclaração, a sua etnia e a de seus pais.

No curso de Bacharelado em Humanidades – BHU, com entrada em 2014.1, havia 31 (trinta e um) alunos guineenses e em 2014.3, 15 (quinze). Já no curso de Licenciatura em Letras, com entrada em 2014.1, havia 16 (dezesesseis) alunos e em 2014.3, apenas 04 (quatro). Totalizando 66 (sessenta e seis) estudantes da Guiné-Bissau, ingressados na UNILAB campus dos Malês nesse período.

Dessa forma, elaborei, a partir da coleta de dados, o seguinte quadro étnico: 08 Balanta, 02 Bijagó, 15 Papel, 08 Fula, 03 Mandinga, 15 Manjaco, 07 Mancanha, 01 Biafada, 01 Mansonca e 06 não quiseram ou souberam se identificar. Segue abaixo os gráficos indicativos.

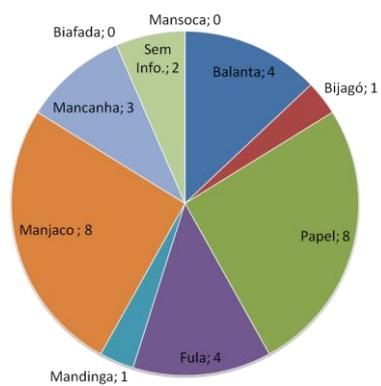


Gráfico 1 - Estudantes de BHU 2014.1

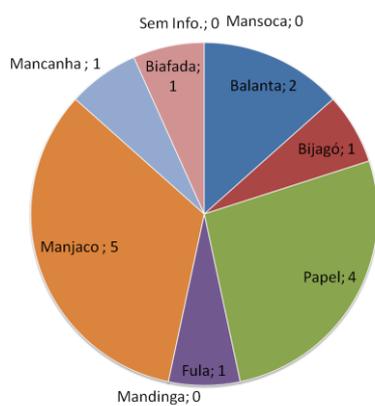


Gráfico 2 - Estudantes de Letras 2014.1

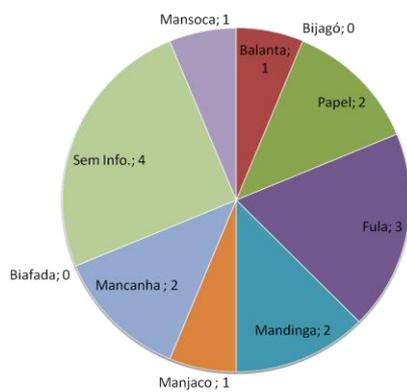


Gráfico 3 - Estudantes de BHU 2014.3

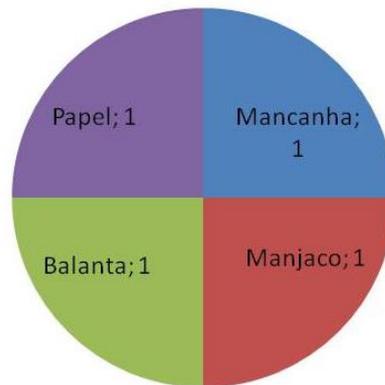


Gráfico 4 - Estudantes de Letras 2014.3

Obtendo o resultado do levantamento étnico, fui à busca de informações condizentes com os determinados povos que consegui colher na pesquisa e então, comecei a ler alguns documentos e livros e a pesquisar vídeos que mostrassem um pouco de cada povo. Ao ver alguns vídeos, percebi que havia bastante manipulação por parte daqueles que os produziam. Já na leitura da bibliografia, a obra de Landerset Simões (1935), trouxe importantes contribuições. Trata-se de um levantamento etnográfico que retrata os povos da Guiné- Bissau ainda na época colonial.

Ao ler essa obra, e, mais a frente, ao me deparar com um *teaser*⁷ intitulado: “Bijagós, As Ilhas Sagradas”, produção da Lx Filmes, foi que escolhi determinadamente a etnia que me faria mergulhar pelo mundo afora, ou melhor, pelo mundo adentro do povo guineense. Escolhi a etnia Bijagó para realizar meu trabalho de conclusão de curso. E quando escolhi a etnia, sabia que não era apenas isso. Escolhia um povo. Uma cultura. Um mar de diversidade cultural. Uma peculiaridade, ou melhor, uma multi-inter-culturalidade indiscutível, que é o povo Bijagó.

Nesse sentido, a proposta desta monografia é trabalhar as questões da tradição e modernidade no que tange ao espaço do Arquipélago Bolama/Bijagós, em especial as ilhas de Bolama, Bubaque, Canhabaque e Orango Grande. Perceber em pouco espaço de tempo, através da visita de campo e das leituras realizadas, as diferenças das práticas culturais, numa perspectiva de mudanças, a partir do referencial teórico oferecido por SILVA (1986); RANGER, HOBSBAWN (1997); PINTO, (2009).

Este trabalho de conclusão de curso consiste na divisão de três capítulos. O **primeiro capítulo**, intitulado como: A Guiné-Bissau, sua história e seus povos. Nele, faço um

⁷ Trecho ou sequencia curta de algum trabalho audiovisual. É uma técnica de marketing usada para chamar atenção do público.

panorama sobre a Guiné-Bissau enquanto país, usando a metodologia qualitativa e quantitativa, apontando os números de habitantes, de línguas faladas e etnias, e também de outros quesitos. Além de retratar um pouco sobre a geografia, a religião e aspectos socioculturais e geopolíticos do país.

No **segundo capítulo**, intitulado: A experiência nas Dórcades Encantadas, no qual o divido em seis subcapítulos, trago um pouco da minha vivência intercambista nas quatro ilhas em que visitei: Bolama, Bubaque, Canhabaque e Orango Grande. Antes de relatar cada experiência, faço um rápido apanhado sobre cada Ilha, falando um pouco de sua história, demografia e um pouco das especificidades de seus povos.

Neles, também faço relatos da minha vivência com base na partilha do cotidiano dos povos Bijagó das Ilhas já referidas, relatando também suas maneiras e tradições, seus modos de vida e suas relações entre anfitrião e visitante.

No **terceiro capítulo**, relato um pouco sobre minha experiência vivida em Bissau. Foram poucos dias, entre idas e vindas da capital para as Ilhas, mas que serão lembrados para sempre. Dias intensos de pesquisas, entrevistas, andanças, visitas, conhecimentos e bastante observação. Nele retrato um pouco sobre o êxodo dos jovens Bijagó da Guiné-Bissau. Relato também um pouco da minha recepção no bairro de Plack II, onde fiquei hospedado, e das experiências que tive ao conhecer a Embaixada do Brasil e o Centro Cultural Brasil Guiné-Bissau, o Ministério e o Ministro de Cultura, Juventude e Desporto, as instalações e responsáveis do IBAP e INEP e também, um casamento tradicional e religioso da etnia Bijagó com outra etnia na capital do país.

CAPÍTULO I – A GUINÉ-BISSAU, SUA HISTÓRIA E SEUS POVOS.

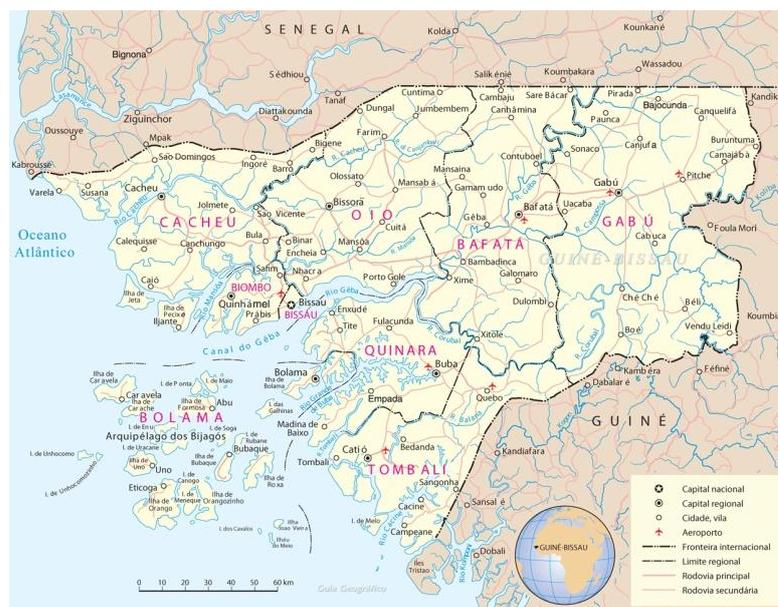
Guiné-Bissau é um país que fica localizado na costa ocidental da África, fazendo fronteira ao norte com o Senegal, a oeste, e sudoeste com a Guiné-Conacri e ao oeste e sul com o Oceano Atlântico, e tem como capital a cidade de Bissau.



Imagem 3 - Bandeira da Guiné-Bissau.

Disponível em: <http://www.anpguinebissau.org/institucional/historia/historia-guine-bissau/Flag_of_Guinea-Bissau.png/view> Acesso em: 23 de abril de 2015.

Trata-se de um país relativamente pequeno, com pouco mais de 1.844.325 milhões de habitantes até o ano de 2015, segundo dados fornecidos pelo Banco Mundial, e com aproximadamente 36,126 km² de extensão territorial, sendo 1.500 km² deles pertencentes à parte insular do país, onde se localiza o arquipélago dos Bijagó e, os oito principais rios do país: Rios Mansôa, Cacheu, Tombali, Cumbijã, Buba, Geba, Corubal e o Cacine.



Mapa 1 - Mapa da Guiné-Bissau.

Disponível em: <http://www.gov.gw/images/guinebissau/mapa-guine-bissau_peq.jpg> Acesso em: 05 de outubro de 2015.

O arquipélago Bolama/Bijagós ocupa boa parte da extensão aquática na Guiné-Bissau e é composto por oitenta e oito grandes ilhas e ilhotas, sendo que atualmente apenas dezessete delas são habitadas. As Ilhas Bijagós, espaço geográfico desta pesquisa, foram classificadas pela UNESCO em 1996 como reserva de biosfera.



Mapa 2 - Divisão Administrativa do Arquipélago Bolama/Bijagós.

Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3b/Map_of_the_sectors_of_the_Bolama_Region%2C_Guinea-Bissau.png> Acesso em: 23 de abril de 2015.

A Guiné-Bissau, em termos administrativos se divide em oito regiões: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali, e Bissau, conhecido como setor autônomo. Estas regiões ainda se subdividem em trinta e seis setores e também em seções, compostas por aldeias, as chamadas tabancas.

Seu clima é predominantemente tropical com características marítimas. Às vezes muito quente outrora muito úmido. Possui apenas duas estações climáticas totalmente

distintas, são elas: estação da seca, que dura do mês de novembro ao mês de abril; e a estação das chuvas, que vai de maio a outubro. Em destaque para os meses mais frescos estão dezembro e janeiro e os mais quentes de março a maio.

Sua língua reconhecida oficialmente é o português, embora seja falado apenas por cerca de 13% da população (COUTO; EMBALÓ. 2010, p.30). Além do português, os guineenses usam o *crioulo*⁸, sua língua materna, falado pela maioria da população. Podendo ser ainda observada a permanência de diversas línguas étnicas faladas em todo o país, como: o fula, o manjaco, o mancanha, o bijagó de Orango Grande, o bijagó de Canhabaque, o mandinga, o papel, o nalu e entre outros.

Sobre a situação linguística da Guiné-Bissau (COUTO; EMBALÓ) se apresenta atualmente da seguinte forma:

No pequeno território da atual Guiné-Bissau, são faladas cerca de 20 línguas, muitas delas pertencentes a famílias diferentes, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialetos de uma mesma língua, como veremos logo abaixo. Estas línguas coabitam com o crioulo, língua veicular e de unidade nacional, e com o português, língua oficial, ambas resultantes da colonização portuguesa. As principais línguas étnicas são as seguintes, com porcentagem aproximada do número de falantes: fula 16%, balanta 14%, mandinga 7%, manjaco 5%, pepel 3%, felupe 1%, beafada 0,7 %, bijagó 0,5%, mancanha 0,3%, nalu 0,1%. (2010, p. 28).

Ainda segundo Couto e Embaló, a situação linguística da Guiné-Bissau não fica apenas entre essas dez línguas:

As dez línguas recém-mencionadas não são as únicas que se fazem presentes na Guiné-Bissau. Com um número pouco significativo de falantes, poderíamos acrescentar ainda o bayote, o banhum, o badyara (pajadinca), o cobiana, o nalu, o cunante (sem porcentagem de falantes), o cassanga (já praticamente desaparecido), o wolof, o francês, o inglês etc. O francês se faz presente devido às intensas relações que os guineenses mantêm com os vizinhos Senegal e Guiné-Conacri, nos quais ele é a língua oficial. Com efeito, esses países são também multilíngues, sendo que no Senegal o wolof é a língua de união nacional e o francês a língua do Estado. Voltando à Guiné-Bissau, o crioulo é falado por uns 75% a 80% da população (IDEM, p. 30).

Atualmente, a religião que predomina em Guiné-Bissau é o islamismo. Cerca de metade da população pratica a religião muçulmana. Por outro lado, entre 10 a 15% dos

⁸ Língua étnica mistura elementos linguísticos de dialetos africanos com algumas palavras aportuguesadas.

guineenses são cristãos e grande parte da população, professa uma ou outra religião, ou nenhuma. Há também, por outro lado, grande parte de animistas⁹.

Segundo dados oficiais do governo, a distribuição das religiões pela população, apresenta: 50% de muçulmanos, 40% de animistas e 10% de cristãos. Alguns autores, como Onofre e Rosa, divergem sobre o percentual de inserção das religiões em Guiné-Bissau e apresentam o seguinte quadro:

<u>Onofre</u> (1996)	<u>Rosa</u> (1993)
muçulmanos 46%	muçulmanos 30%
animistas 36%	animistas 45%
católicos 13%	cristãos 25%
cristãos 2%	
outros 3%	

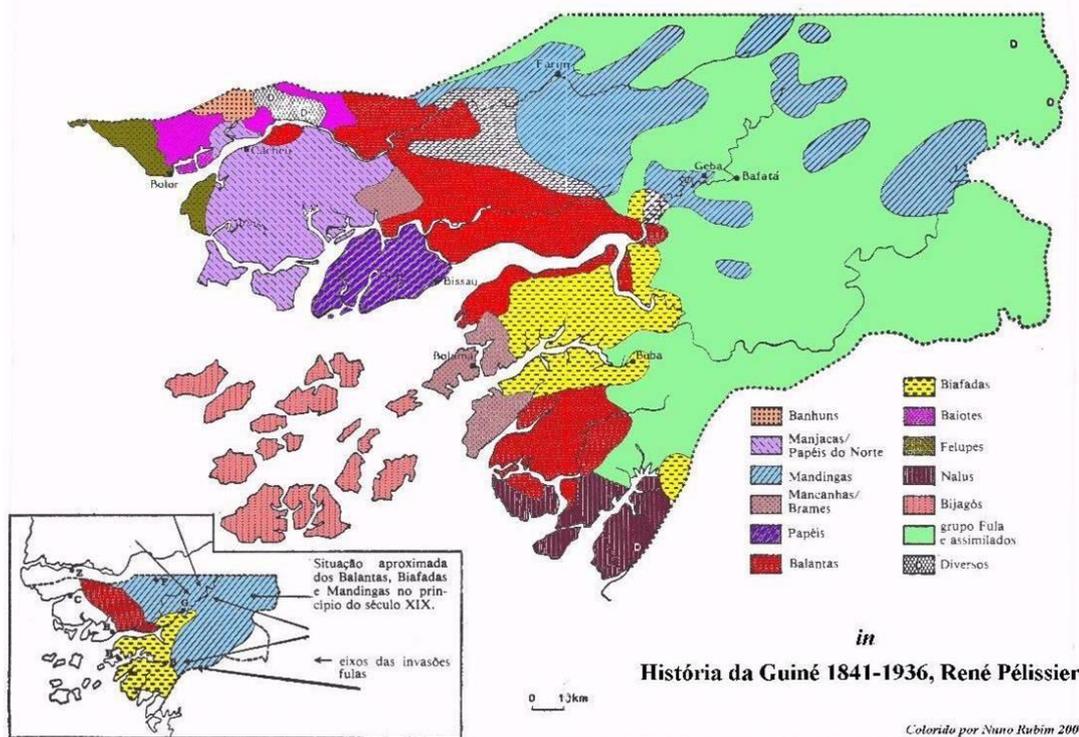
(IDEM, p.30)

Atualmente, quarenta grupos étnicos aproximadamente dividem o espaço da Guiné-Bissau. Diversas etnias dividem o país. As que possuem maiores números, segundo o censo de 2009, são: Fula (28,5%), Balanta (22,5%), Mandinga (14,7%), Papel (9,1%), Manjaca (8,3%). Em menor número podemos encontrar os Biafadas (3,5%), Mancanha (3,1%). A etnia Bijagó que habita o Arquipélago Bolama/Bijagós, com (2,1%), Felupe (1,7%), Mansonca (1,4%) e Balanta Mane com (1%). Nalu, Saracole e Sosso representam menos de (1%) da população e 2,2% assumem não pertencer a nenhuma das etnias.

No que diz respeito à dificuldade de se encontrarem dados oficiais sobre a distribuição étnica na Guiné-Bissau, Couto e Embaló afirmam que:

É difícil encontrarem-se dados oficiais sobre a distribuição étnica depois de 1991. Não sabemos se houve uma decisão deliberada de não se determinarem as percentagens dos grupos étnicos, talvez para evitar a utilização do fator étnico com fins políticos e/ou eleitorais. Pelo menos a um dado momento essa questão foi levantada. De qualquer forma, essas estatísticas são de final da década de 70. Uma outra estatística, com base no recenseamento feito em 1991, apresenta o seguinte quadro: fulas 25%, balantas 24%, mandingas 14%, papéis 9%, brames 4%, beafadas 3%, outros 12% (2010, p. 29)

⁹ Crentes da espiritualidade onipresente. Naquilo ou naquele que vive nas águas, nas rochas, nas árvores, nos céus, nas pessoas e nos mortos. É um modelo de uma religião que visa às crenças tradicionais com base na ancestralidade africana. (TINIGUENA, 2015).



Mapa 3 - Mapa etnográfico da Guiné-Bissau.

Disponível em: <http://eportuguese.blogspot.com.br/2011/08/as-origens-e-evolucao-etnico-cultural_14.html> Acessado em: 13 de março 2016.

A Guiné-Bissau é um país laico, unitário e democrático. O país é regido pela Constituição de 1996¹⁰, o qual consagrou a Guiné-Bissau com o governo semipresidencialista. Seu atual presidente é o senhor José Mário Vaz, tendo como seu primeiro-ministro o senhor, Baciro Djá.

Sua moeda local é o *Franco CFA*¹¹, também usada em mais sete estados independentes da África Ocidental, tais como Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Mali, Níger, Senegal e Togo, membros do *BCEAO*¹², *CEDEAO*¹³ e também da *UEMOA*¹⁴. As moedas são de 25, 50, 100, 200 e 500F, e as notas são de 500, 1.000, 2.000, 5.000 e 10.000F.

O meio de transporte mais utilizado na Guiné-Bissau são os “Toca-Toca”, pequeno carro com capacidade para cerca de 20 passageiros. Sendo ele, a forma mais econômica de

¹⁰ Dados retirados do site da Assembleia Nacional Popular – ANP. Disponível em: <<http://www.anpguinebissau.org/leis/constituicao/constituicaoquine.pdf/view>> Acessado em: 12 de novembro de 2016.

¹¹ Franco da Comunidade Financeira Africana.

¹² Banco Central dos Estados da África Ocidental.

¹³ Membro da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental desde 1975.

¹⁴ Membro da União Econômica e Monetária do Oeste Africano desde 1997.

andar pela capital e por algumas áreas vizinhas. Os pontos quem dita são os próprios usuários. Qualquer lugar pode ser ponto de embarque e desembarque em Bissau.

Além dos táxis, azuis e brancos, que também cobram muito barato por cada viagem e como não há taxímetros, o valor pode ser negociado na hora do embarque. Um ponto importante é o coletivismo no uso do táxi. Podendo haver quatro passageiros com locais distintos de desembarque. As viagens noturnas são as mais caras, mas quando se conhece um taxista, basta negociar os valores.

Já o deslocamento para áreas mais distantes e até mesmo fora do país, como é o caso do transporte até Ziguinchor e Dakar, no Senegal (regiões muito acessadas pelos guineenses), pode ser usado o *sete place*¹⁵. Há também as *candongas*¹⁶. No que tange aos transportes marítimos, há *barco de carreira*¹⁷, *canoas e pirogas motorizadas*¹⁸, além dos barcos particulares.

A população bissau-guineense destaca-se por ser majoritariamente jovem. Cerca de 49,6% da população tem menos de 18 anos e a esperança de vida ronda os 55,16 anos¹⁹. A taxa de frequência na escola primária é de 38,4% das meninas e 35,67% dos meninos²⁰. Este abandono escolar se torna elevado por questões econômicas, culturais e sociais.

Pelos registros históricos encontrados durante a pesquisa, nota-se uma manipulação por parte do ocidente em explicitar a história do povo africano. Segundo os relatos, os europeus começam a contar a história dos povos deste continente a partir de suas chegadas, enaltecendo a descoberta, como se fossem eles os descobridores das terras em África.

Os primeiros vestígios da presença humana na Guiné-Bissau datam de 200 mil anos a.C. mas os registros históricos mais evidentes iniciam no 3º milênio a.C com a chegada dos povos do deserto do Sahara, ascendentes dos atuais grupos étnicos do litoral e das ilhas da Guiné-Bissau. No século IV a.C, funda-se o império do Gana

¹⁵ Meio de transporte alternativo para se deslocar até outras cidades ou regiões do país, e como o próprio nome indica, é um carro de sete lugares que geralmente só parte com a lotação máxima.

¹⁶ Meio de transporte com capacidade para vinte pessoas que faz viagens entre as diversas regiões do país. Nela, há um pouco de segurança, talvez não muita para os passageiros, mas pelas cargas que elas carregam em cima do teto. Vão frutas, animais, bicicletas, mobília de casa, etc.

¹⁷ Para o deslocamento de passageiros e viajantes para as ilhas Bijagós há dois deste tipo. Normalmente saem de Bissau as sextas com destino a Bubaque e a Bolama, regressando aos domingos. O horário de partida varia de acordo com as tábuas das marés, que são coladas no Porto Cais sempre no dia anterior, mesmo assim, pode haver mudanças. Esse transporte possui duas classes, a normal e a classe VIP, que oferece mais conforto numa viagem que pode durar mais do que o tempo esperado.

¹⁸ Para o deslocamento de passageiros e viajantes para as ilhas Bijagós. Pouco recomendada por questões de segurança. Faz ligação entre as ilhas do arquipélago com o tempo, percursos e frequências variáveis e adaptáveis ao desejo do passageiro, dependendo da quantidade de cargas e de viajantes.

¹⁹ Dados do Banco Mundial, 2014. Disponível em: <<http://datos.bancomundial.org/pais/guinea-bissau>> Acessado em: 12 de novembro de 2016.

²⁰ Idem.

que perdura até ao séc. XI, quando os Almorávidas tomam Kumbi-Saleh, a capital do Gana. É então que os povos Naulus e Ladurnas chegam à Guiné-Bissau, onde dominavam os povos Mandingas, pertencentes ao Reino de Gabú, instalados entre a região nordeste da Guiné-Bissau e a região de Casamansa. O Reino de Gabú era por sua vez vassalo do Império do Mali (1230 a 1546), Estado rico e sumptuoso que se estendeu entre a Região do Rio Senegal a do Alto Níger. (BENZINHO; ROSA. 2015, p.11).

Sobre a chegada dos portugueses à Guiné-Bissau, é possível encontrar várias datas, pessoas envolvidas ou enviadas e locais atracados. Os registos divergem nas afirmações, o que resulta em contradições em fontes históricas, como podemos ver:

A chegada dos portugueses à Guiné-Bissau deu-se entre 1445 e 1447, e é atribuída a Nuno Tristão que terá morrido numa destas primeiras investidas num ataque perpetrado iniciado pelas tribos locais no rio Geba. Outros historiadores atribuem-na a Álvaro Fernandes que, pela mesma altura, terá chegado à praia de Varela. A presença portuguesa no território guineense inicia-se em 1588 na vila de Cacheu, à altura sujeita administradamente ao Arquipélago de Cabo Verde. Esta localidade ficou conhecida pelo seu porto de águas fundas, ideais para o transporte marítimo do ouro, marfim, especiarias e de escravos. Para além dos comerciantes portugueses e cabo-verdianos, Cacheu foi a casa dos portugueses “lançados” (aventureiros) e dos “degradados” (condenados ao exílio). As ocupações portuguesas seguintes, onde também se instalaram feitorias para fins comerciais, são posteriores a 1640 e foram sempre feitas a partir dos rios: Casamansa, São Domingos, Farim, Bissau, e mais tarde, Bolama e Bafatá. (...)

Em 1753 é estabelecida pelos portugueses a Capitania de Bissau. Os ingleses conseguem por sua vez, estabelecer-se em Bolama, ilha do Arquipélago dos Bijagós mais perto do território continental da Guiné, em 1792. Em 1879 procede-se à separação administrativa de Cabo Verde e constitui-se mais uma colônia de Portugal, Guiné Portuguesa que teve como primeira capital Bolama. Após a Conferência de Berlim (1884 – 1885), em que Portugal apresentou o falhado Mapa Cor-de-Rosa, [...] Em 1936 dá-se a última grande revolta que ficou conhecida como a revolta dos Bijagós de Canhabaque. [...] Em 1951, face à pressão internacional, o estatuto de Colônia da Guiné Portuguesa é substituído pelo de Província Ultramarina. (IDEM, p.11).

O espaço atual de Guiné-Bissau fazia parte de dois grandes reinos: Gabu e Mali, e séculos depois, parte do grupo de colônias da Corte Portuguesa, que também acabou sofrendo desde o século XVI com o processo escravocrata sob o domínio do Império Português. A presença portuguesa na região é, portanto, muito antiga, no entanto, podemos falar de uma colonização portuguesa, efetivamente a partir do final do século XIX, no contexto de expansão do imperialismo europeu. Processo que dura até meados dos anos de 1960, quando se iniciam as lutas pela independência.

Sobre o histórico de participação de luta pela independência da Guiné-Bissau, foi criado um partido que tinha o intuito de tornar não apenas Guiné-Bissau, como Cabo Verde, países independentes. As ex-colônias portuguesas, Cabo Verde e Guiné-Bissau,

tiveram como seu principal representante, Amílcar Cabral, um dos fundadores do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), segundo (TINIGUENA, 2015, p. 12).

Depois deste período, deu-se início aos processos de lutas históricas:

[...] tendo como marco histórico a fundação do PAIGC (Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde) em 19 de setembro de 1956 por Amílcar Cabral, Luís Cabral, Aristides Pereira e Júlio de Almeida. Durante três anos a resistência do PAIGC foi pacífica mas endureceu após o massacre do Pidjiguiti²¹ de 3 de agosto de 1959. [...] Em 1963, o PAIGC inicia a luta armada de guerrilha de oposição ao regime colonial, que fica registrada pelo assassinato do seu líder e doutrinário, Amílcar Cabral, a 20 de janeiro 1972, sem nunca determinar quem foi o responsável. (BENZINHO; ROSA. 2015, p.12).

No ano de 1973 a Guiné-Bissau declara-se independente após anos de imposição políticas, financeira, cultural, religiosa de Portugal. Sua independência só foi reconhecida em 1974. A primeira colônia portuguesa do continente africano a ter a independência reconhecida por Portugal foi Guiné-Bissau. Sua capital atual, Bissau, foi adicionada ao nome do país para diferenciar-se e evitar tumultos e confusões com a atual Guiné, antiga Guiné-Francesa. Após o final da luta pela independência, Guiné-Bissau não viveu situações políticas instáveis, pois, aconteceram sucessivos conflitos políticos, militares e golpes de Estado:

[...] registrando-se até 1979 o fuzilamento de ex-Comandos africanos e de cidadãos conotados com o Partido FLING, bem como uma tentativa do Presidente de implementar um governo de inspiração socialista, num projeto de Unidade da Guiné-Bissau e de Cabo Verde que termina abruptamente em 1980, com um golpe de estado perpetrado pelo Primeiro-Ministro Nino Vieira, que assim assume a liderança do país. Em 1986 dá-se uma nova tentativa de golpe de estado, desta feita encabeçado pelo Vice-presidente do Conselho da Revolução, pelo Procurador-Geral da República e vários oficiais superiores das Forças Armadas que acabam detidos e parte deles fuzilados no que veio a ser conhecido por “caso 17 de outubro”. [...] 1998 dita o início de um período muito conturbado e de má memória para a Guiné-Bissau – uma guerra civil que opõe o governo eleito democraticamente e uma auto-intitulada “Junta Militar”²², tendo como sua base rivalidades e lutar pelo controle de poder no PAIGC. [...] A guerra civil termina em 1999 com a renúncia de Nino Vieira ao cargo e a assunção de funções interinamente pelo Presidente da Assembleia Nacional Popular, Malam Bacai Sanhá. (BENZINHO; ROSA. 2015, p.13).

²¹ Neste dia, os trabalhadores do Porto de Bissau, estivadores e marinheiros, encontravam-se em greve, exigindo melhorias salariais, mas as forças portuguesas da PIDE (Política Internacional e de Defesa do Estado) interromperam a manifestação e mataram cerca de 50 pessoas, ferindo ainda outros 100 manifestantes. O dia 3 de agosto foi transformado num dos marcos de luta de libertação da Guiné e atualmente um dos feriados mais importantes do país. (BENZINHO; ROSA. 2015).

²² Esta guerra durou cerca de 11 meses, devastou infraestruturas, a economia, a sociedade, famílias e ceifou muitas vidas. A destruição do tecido econômico e social teve consequências catastróficas no país e que perduram até os dias de hoje. (BENZINHO; ROSA. 2015).

Nos últimos quinze anos, Guiné-Bissau viveu períodos políticos e militares de alguma tensão que vieram a traduzir inclusive em dois golpes de Estado (2003 e 2012), como vão apontar Benzinho e Rosa (2015). Estes autores trazem em sua obra, um breve retrato da recente da situação política do país, mesmo após um processo democrático, onde foi eleito o presidente José Mário Vaz, este que por sua vez, demite o Primeiro-Ministro Domingos Simões Pereira, membro do seu próprio partido, o PAIGC.

De certo modo, esse cenário político da Guiné-Bissau retratado acima, mostra a dificuldade do crescimento e desenvolvimento da nação guineense e a própria consolidação da democracia no país, consequência dos diversos golpes de Estado e conflitos, verdadeiros geradores da atual instabilidade política vivida em Guiné-Bissau.

CAPÍTULO II - A EXPERIÊNCIA NAS DÓRCADES ENCANTADAS.

2.1 O ARQUIPÉLAGO DOS POVOS BIJAGÓ E SEUS HABITANTES.

Segundo João Dias Vicente, a palavra “Bijagó” teria provindo da junção das palavras “Be” e “odjogo”, que na língua Bijagó quer dizer: “pessoas inteiras, pessoas íntegras”. Para Fernando Rogado Quintino (1969, p. 885), a hipótese mais aceitável é do nome “provir do vocábulo odjogô, que significa pessoa íntegra – cardinal vinte (que a pessoa inteira inculca). Be-odjogô seria, assim, o plural: pessoas íntegras. Bidjogô e bijagó representam variantes, a primeira forma em língua *crioula*, e a segunda em língua portuguesa”.

As origens certas de seu significado permanecem ainda incógnitas. Os povos Bijagó não são originários das ilhas que compõem o Arquipélago. Eles chegaram às ilhas depois de terem sido derrotados por outros povos do continente africano. Estas que lhes serviram como refúgio antes da conquista de Malinké, no século XIII. Ao chegarem, se organizaram para construir suas aldeias no centro das ilhas, dentro da floresta e em todos os espaços para que melhor fosse sua defesa. (NÓBREGA, 2003).

A história do povo Bijagó tem um passado bastante agitado. As informações sobre os Bijagó não são muito precisas, e por vezes, são mesmo contraditórias. A maior parte da população que vive no arquipélago pertence à etnia Bijagó. Contudo, existem outros grupos étnicos que coabitam com os Bijagó neste meio insular. Por outro lado, os estrangeiros vindos da sub-região estão igualmente presentes no território em conjunto com os Nhomincas do Senegal, os guineenses de Conacri e os habitantes da Serra Leoa. (IDEM, 2003).

Os povos Bijagó são divididos em quatro linhagens. Uns chamam clã, outros chamam linhas de gerações, outros linhagem. SILVA (2000) em sua obra menciona que:

Um primeiro traço distintivo que faz com que o indivíduo se considere como Bijagó é descender de um dos clãs (ou geração), como dizem no arquipélago:

*Ogubane – poder do fogo;
Oraga – poder da chuva e dos ventos;
Ominca – poder das plantas medicinais;
Orácuma – poder do chão.*

Já SCANTAMBURLO (1991) vai dizer que:

O primeiro ser humano era uma mulher chamada *Maria*, cujo nome foi originado na primeira palavra que o seu filho lhe dirigiu enquanto jazia

desesperado e nu à beira-mar: «Vem, leva-me» (B. *Ma-Riá*). Teve quatro filhos, Uracuma, Oraga, Onocá ou Ogubane e Ominca, que são os quatro ancestrais mitológicos de quatro clãs matrilineares (C. *djorson*). A maioria dos Bijagós pode frequentemente estar de acordo com estas tradições; mas quando se lhes pede que especifiquem mais pormenores, podem ouvir-se uma diversidade de opiniões, segundo a fonte de informação.

A vida econômica dos povos Bijagó se concentra na agricultura e na pesca. São trabalhos que ficam evidentes pelos os homens e pelas as mulheres nas tabancas e fora também. Os homens saem cedo para pescar. Se a maré tiver baixa, é dia de a mulher ir, pois tem muito *combe*²³ a beira da praia para pegar também.

A busca da palha para cobrir as casas também é muito grande durante o ano. Tem datas e épocas para todo tipo de colheita. A natureza é respeitada e venerada a todo o momento. Não se tira uma folha da árvore sem a permissão de *Nindo*²⁴. A vida econômica dos povos Bijagó é basicamente baseada no campo. “*Tecnicamente, os Bijagós são agricultores e passam a maior parte do tempo, entre Abril e Dezembro, no trabalho do campo e os restantes meses na pesca, na reparação da casa e na realização das cerimónias.*” (SCANTAMBURLO, 1991).

É da agricultura de subsistência que a maioria deles vive. SCANTAMBURLO (1991) vai explicitar a crítica dos anciãos bijagós com a chegada dos portugueses às terras:

Os anciãos bijagós estão de acordo num ponto: a vida era melhor e muito mais fácil antes da chegada dos europeus. «Quando nós éramos novos», ter-me-iam dito alguns, «tínhamos muito mais comida que agora, a floresta era rica em frutos e o mar em peixe e moluscos. Os mais velhos não precisavam de trabalhar como agora, porque os seus filhos forneciam-lhes diariamente os alimentos.» De facto, o meio ambiente da ilha é bastante generoso para quem vive numa base económica de subsistência, sendo as actividades principais as seguintes:

- a) As culturas primárias, o arroz e outras culturas secundárias, como os amendoins, o milho, o feijão, o inhame, a mandioca e a abóbora;
- b) A extração do óleo de palma;
- c) A criação dos animais domésticos, vacas, cabras, carneiros, porcos e galinhas;
- d) A pesca feita pelos homens com rede, anzóis e arpão.

Escolher as ilhas para visitar não foi tarefa fácil. Num universo de oitenta e oito ilhas, das quais apenas dezessete habitadas, escolher apenas quatro e encarar uma situação comum aos seus habitantes, na qual em cada uma dessas ilhas se espera um “branco” que lhe

²³ Fruto do mar cavado a beira da praia. Usado para alimentações diárias e cerimónias tradicionais da etnia Bijagó.

²⁴ Mesmo que Deus, só que em língua Bijagó.

venha observar, para ser bem recebido e com isso mostrar um pouco de sua cultura, seu modo de viver, comer e vestir.

A ideia era passar pelas ilhas citadas nas poucas referências bibliográficas que encontrei, a fim de observar diferenças e semelhanças, historicamente falando, depois de um tempo do lugar de fala de quem escreveu – Dilma de Melo Silva, por exemplo – e perceber os traços deixados pela “tradição”, observando-os a partir de um contexto de uma suposta modernidade aderida ou vivenciada pelos locais visitados e retratados (SILVA, 1986).

A visita foi organizada na consistência de um trabalho de campo desenvolvido à base de informações, observações, percepções e investigações no que tangesse ao modelo de vivência atual do povo Bijagó nas ilhas, pensando a partir das suas tradições, que ao decorrer do tempo têm se perdido, e quê, na maioria das vezes, se deve ao êxodo da juventude que sai de suas tabancas em busca de melhores condições de estudos e trabalho fora das suas ilhas.

Caracterizar os povos do arquipélago Bolama/Bijagós, não é uma atividade simples. Eles não vivem de forma única e homogênea. Os povos Bijagó são um grupo étnico muito rico em diversidade cultural. Há uma grande variação em suas práticas culturais, costumes e línguas. A diferença é tão grande e diverge de uma ilha para outra, quanto dentro de uma única ilha, o que faz repensar o conceito de etnia, utilizado por Munanga (2000), no qual ele vai afirmar que: “uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum, têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão, uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território”. Pois mesmo entre os Bijagó existem peculiaridades e especificidades. É como se houvesse “sub-etnias”, ou etnias dentro das etnias. Impossível dar conta dessa diversidade em tão pouco tempo de pesquisa.

Dessa forma, elaborei um apanhado baseado em quatro ilhas, porque foi este o número que consegui visitar durante a minha pesquisa de campo, são elas: Bolama, Bubaque, Canhabaque e Orango Grande. Todas situadas no complexo insular Bolama/Bijagós.

Em relação à visita às ilhas do Arquipélago Bijagó, elaborei um cronograma de viagem, pensando numa possibilidade de conseguir passar a maior parte do tempo na Ilha de Orango Grande, que por muitos anos fora comandada pela rainha Okinka Pampa (1910 a 1930), e que faleceu no ano de 1930, segundo reza a lenda, com mais de cem anos de idade. Hoje, a sua *tabanca*²⁵ é comandada pelo *Régulo*²⁶ Augusto Pereira Fernandes.

²⁵ Designação atribuída a aldeias e aglomerados de casas.

²⁶ Entidade máxima numa determinada comunidade local que funciona independentemente do Estado, tendo responsabilidade em matéria de administração territorial, de arbitragem em questões de ordem social ou divisão fundiária e agindo mesmo na veste judicial. Detém também um papel crucial na regulação social e cabe-lhe, por



Imagem 4 - Túmulo da Rainha Okinka Pampa, que se encontra localizado no Museu Histórico da Rainha Okinka Pampa, em sua antiga tabanca, de nome Eticoga na ilha de Orango Grande.



Imagem 5 - Augusto Pereira Fernandes, atual Régulo da tabanca de Eticoga da Ilha de Orango Grande.

Acervos pessoais. Maio/2016.

exemplo, no contexto da etnia Manjaca, determinar o início e o fim das colheitas por parte de todos os cidadãos da região subordinada ao seu poder, seguindo-se uma série de rituais pré-estabelecidos. Já nas etnias islamizadas, o Régulo foi, de certa forma, substituído pelas autoridades religiosas. É transversal a todas as etnias o enorme respeito pelos mais velhos e o conceito de família e de solidariedade é bastante amplo, havendo sempre lugar para acolher mais um, dois ou três em casa em caso de morte familiar que lhes assegurava sustento. Os principais momentos da vida social guineense, como nascimentos, casamentos, funerais, cerimônias de iniciação dos jovens ou o princípio da época das colheitas estão sujeitas a cerimônias cheias de significado e que diferem de etnia para etnia.

2.2 VISITA À ILHA DE BOLAMA E CERIMÔNIA DE PAGAMENTO DI GARANDEZAS

Minha pesquisa de campo no Arquipélago Bolama/Bijagós começa com uma visita à ilha de Bolama. Fui com um amigo Bijagó, da tabanca de Abu, ilha de Formosa, Danilson Costa Banca (*in memoriam*²⁷). Ele era um bijagó de pai e mãe. Sua mãe, bijagó da tabanca de Anneguen, da ilha de Ganogo. Seu pai, bijagó da tabanca de Abu, da ilha de Formosa. Essa visita saudosa durou três dias incompletos. Chegamos numa sexta-feira e voltamos no domingo para a capital, Bissau.

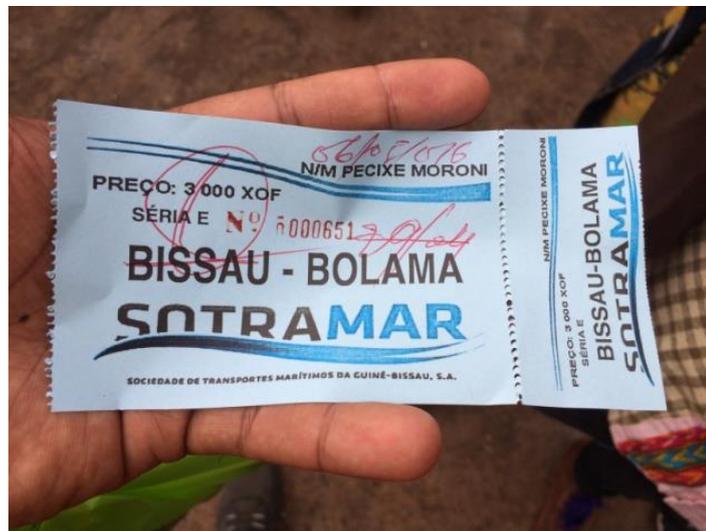


Imagem 6 - Ingresso para a viagem de barco de Bissau para Bolama.



Imagem 7 - Embarcação de passageiros e cargas no porto Cais.

²⁷ Faleceu em Bissau, no dia 13 de novembro de 2016.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Bolama é uma ilha histórica. Foi palco de guerras entre os Bijagó e os Beafada, e depois, com a chegada da Corte Portuguesa, se tornou umas das ilhas mais importantes no processo de colonização da Guiné-Bissau. Seu povo, seu espaço, sua cultura foram usados pelos antigos colonos portugueses para ajudar a si mesmos a sobreviverem à altura do processo escravocrata.

Como explica Branco Madeira *apud* João Paulo Carvalho (2009, p.26): “*Durante os séculos XVIII e XIX, o arquipélago é incluído na placa transatlântica do tráfico de escravos, que partiu da costa africana.*” Segundo o cabo-verdiano natural de Santiago, André Álvares d’Almada, em seu “Tratado Breve dos Rios da Guiné”, que visitou as ilhas no século XVI:

Todas estas ilhas vão correndo ao mar das Ilhetas até á terra dos Beafares , como está dito , e todas senhorêão os Bijagós , tirando a Ilha das Galinhas , que fica de frente da ponta de *Bulama* , terra dos Beafares , os quaes habitão nesta ilha , e há reinelia , e tem amizade com os Bijagós, mas no mar encontrando-se pelejão. (1841, p. 53).

André Álvares d’Almada, foi o primeiro viajante a identificar e detalhar os Bijagó. Em uma passagem do Tratado, ele faz um relato sobre a Ilha das Galinhas e acerca da Ilha de Bolama, enfatizando o seu local e a que povo a ela pertence. A ilha de Bolama, em sua parte central, vive hoje em ruínas. Uma grande área foi devastada por conta do salito do mar e do tempo que, a cada vez que passa, leva um pouco da estrutura colonial que ali resta. Infelizmente, até a data da minha visita, não existia nenhum projeto para reconstrução dos casarões ou restauração de seus monumentos e construções históricos.

Ainda que haja diversas ações por parte de grandes ONG’s e até mesmo alguns centros de instruções, escolas e outras instituições bancadas pela União Europeia, a ilha de Bolama, para um visitante que chega sem algum guia, passa por um lugar desabitado, esquecido e impossível de se fazer habitado, mas não é essa a realidade.

Bolama hoje é uma das ilhas que mais tem habitação e moradia, seja do seu próprio povo quanto do povo de “fora” no que tange à demografia populacional das ilhas que compõe o arquipélago Bijagó. Grande tanto na sua extensão territorial, quanto aquática. Composta por diversas tabancas e casas distribuídas pelo centro da ilha, possui cerca de 21 mil habitantes entre os quais, além dos Bijagó, predominam os de etnia Mancanha. Pesca e agricultura compõem são a base econômica, produzindo-se mancarra, batata, milho, mandioca e caju (BENZINHO, 2015. p.105).

Atravessei quase toda a Ilha e pude adentrar e conviver em duas tabancas: a de Kaleidje e a de Bolama de Baixo. Na tabanca de Kaleidje, conheci os familiares de Itelvina Fernandes, estudante da UNILAB que também é Bijagó. Na oportunidade, conheci sua mãe, seus tios e tias, suas irmãs, primas e primos. Todos reunidos numa só tabanca.



Imagem 8 - Visita à tabanca de Kaleidje.



Imagem 9 - Crianças comendo e quebrando o coco do caju (castanha).

Acervos pessoais. Maio/2016.

Em todas as tabancas. Em todas as casas. Em todos os locais que visitei ou passei nem que fosse por trinta minutos, era impossível sair sem comer ou beber alguma coisa. Tinha

ao menos que tomar nem que fosse um copo de água. Na maioria, não ficava apenas na água, comia quase sempre um peixe fresco, seja ele caldo branco ou bagre defumado e aquele arroz branquinho e solto no prato. Mesmo que não tivesse fome, às vezes, saboreava aqueles pratos pelo simples prazer de estar ali com aquelas pessoas e ser bem recebido, assim como para não “fazer desfeita”. Nesse caso, se passasse em dez casas, nas dez eu beliscava algo.

Ao sair de Kaleidje, fui em direção à tabanca de Bolama de Baixo. Soubemos que lá aconteceria uma cerimônia tradicional e cultural. Era a cerimônia de *pagamento di garandessas*²⁸. Transição de uma mulher da condição de *Odôdo*²⁹ para a de *Cadjona*³⁰. Esta cerimônia de passagem, consiste no pagamento de uma obrigação e apenas mulheres participam, desde a preparação até as andanças pelas tabancas. Ela ocorre depois que se faz vinte anos de ida ao *fanado*³¹, e como pagamento, a mulher em transição deve oferecer um prato, onde se cozinha feijão Bijagó e arroz branco, tudo junto numa panela e serve-se vinho de palma.

²⁸ Para transitar de uma categoria de idade para a outra é necessária a realização de cerimônias iniciáticas associadas ao pagamento das prestações às classes de idades superiores.

²⁹ Mulher adulta. Longo período dedicado aos trabalhos mais duros e à aquisição dos bens necessários para o *pagamento di garandessas* em troca de aprendizagem e conhecimento de todos os segredos da vida.

³⁰ Mulher adulta. Período depois de terem feito todas as cerimônias. Asseguram os rituais como o “ronia” e a preparação do cadáver para o enterro.

³¹ Ritual de iniciação da vida adulta efetuado por várias etnias, praticado por rapazes (trata-se, entre outras coisas, da circuncisão) e por moças (em alguns casos envolvendo a prática da excisão, criminalizada na Guiné-Bissau desde 2011), variando a idade dos intervenientes, a periodicidade com que é praticado ou a sua duração. Com o fanado, estes jovens tomam consciência da sua função social e da sua personalidade, passando em algumas etnias, um período na floresta ou no mato, no cumprimento de uma série de cerimônias envoltas em grande secretismo de que não devem falar quando regressam e assumem o seu novo papel na sociedade. O processo de circuncisão entre os Bijagó costuma ser demorado e geralmente é feito no mato, estando proibido qualquer tipo de contato com os habitantes da tabanca. Por essa razão costumam ser preparados pratos que não se deterioram facilmente, como é o caso do *conhano* (tubérculo selvagem parecido com inhame-do-mato), *eba* (fruto de tarrafe), porco, peixe frito. Também se levam ingredientes comprados em Bissau, como o cuscuz e o *panquete*.



Imagem 10 - Comida de pagamento di garandessas.



Imagem 11 - Mulheres participantes da cerimônia de pagamento di garandessas em passagem pela tabanca de Kaleidje.



Imagem 12 - Mulheres participantes da cerimônia de pagamento di garandessas em passagem pela tabanca de Kaleidje.



Imagem 13 - Mulheres participantes da cerimônia de pagamento di garandessas em passagem pela tabanca de Kaleidje.



Imagem 14 - Interação com mulheres Bijagó na Tabanca de Kaleidje.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Após acabar a visita às tabancas, foi hora de voltar para o centro da cidade e preparar as coisas para voltar para Bissau. A visita durou poucos dias, mas a experiência foi válida e o tempo vivido também, principalmente por chegar e poder presenciar, logo de cara, uma cerimônia tradicional.



Imagem 15 - Família que me acolheu em Bolama.



Imagem 16 – Panorâmica do Porto principal da Ilha de Bolama.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Passear de um lado para o outro foi um encanto. Foi muito intensa a sensação de pisar pela primeira vez no solo do povo Bijagó. Fui muito bem acolhido pelas pessoas da Ilha de Bolama. Além de não poder ficar mais tempo por que meu amigo teria de voltar ao trabalho na segunda-feira, outros compromissos me esperavam em Bissau. Já tinha marcado algumas entrevistas e eu não poderia deixar de ir, pois o tempo era muito corrido. Em Bolama passei apenas dois dias. Fui na sexta-feira e voltei no domingo. São esses os dias que o barco faz traslado entre as pontes.

2.3 BUBAQUE E CANHABAQUE: UMA CONEXÃO EM VISTA

A visita às ilhas de Bubaque e Canhabaque se deu através de um amigo bijagó, nascido em Bolama (por questões de complicações da saúde de sua mãe), mas cuja família se divide entre Canhabaque e Bubaque: Adão Lopes Correia, bijagó de pai e mãe. Seu pai pertencia à tabanca de Bijante na ilha de Bubaque e era homem de família real, da linhagem Oraga.

Foi nessa viagem que conheci Adão pessoalmente, pessoa que se tornou crucial para a minha pesquisa e com quem já havia travado contado desde o Brasil, antes mesmo da viagem à Guiné-Bissau. Foi através de duas amigas brasileiras, Dani Jêje e Nátali Yamas que consegui seu contato. Eu as quais conheci durante o Congresso Baiano de Pesquisadores Negros – CBPN, edição de 2015.

Naquela ocasião apresentei meu projeto de pesquisa ainda em fase inicial, e numa conversa onde nos identificamos com os assuntos e com a proposta do meu trabalho, foi que

descobri que Nátali já havia estado em Guiné-Bissau, em especial, nas ilhas Bijagós (Bubaque). E daí, trocamos contatos, o conhecido, *network*³².

Em várias conversas, foi que vim a descobrir como se deu seu processo de intercâmbio na Guiné-Bissau. Em outro momento, conheci a Dani. Ambas fazem parte de um grupo sociocultural, de nome “Casa do Boneco de Itacaré”, com sede no Sul da Bahia, na cidade de Itacaré, uma associação sem fins lucrativos que trabalha com temáticas ligadas às populações afro-indígena, e cujos objetivos principais são: “aliar identidade cultural à sustentabilidade socioeconômica a partir de uma educação afro popular, engajamento político e capacitações profissionalizantes, escambos, intercâmbios com organizações e mestres”³³.

Em parceria com diversos espaços, inclusive no âmbito internacional, é que surge esse contato em forma de apoio³⁴. As meninas entraram em contato com o responsável de outra organização de ênfase também sociocultural, que se dispôs prontamente a me ajudar em termos de informações, turismo, cultura e história dos povos Bijagós.

Adão é o responsável pela associação Nô Kultura³⁵. Projeto que consiste na valorização da cultura do povo Bijagó dentro do espaço Bijagó, utilizando a juventude de forma a se pensar na preservação dos seus valores étnicos e tradicionais. É nesta perspectiva que o projeto se organiza e articula mobilizações, seja artísticas ou culturais, em prol da valorização do seu povo. E, é também neste contexto que a “Casa do Boneco de Itacaré” entra, proporcionando trocas de experiências entre jovens brasileiros e guineenses. Essa associação atua desde 2013 em parceria com instituições guineenses como a “No Kultura” desenvolve:

Oficinas de capacitação na área de comunicação, cultura, tecnologia e turismo de base comunitária com crianças, jovens e adultos da Ilha de Bubaque, bem como realizando pesquisas acerca da ancestralidade africana e guineense no Brasil através da gastronomia, religiosidade, idioma e outros aspectos peculiares em comum aos países³⁶.

³² É uma palavra em inglês que indica a capacidade de estabelecer uma rede de contatos ou uma conexão com algo ou com alguém. **Disponível em:** <<https://www.significados.com.br/networking/>> **Acessado em:** 18 de novembro de 2016.

³³ **Disponível em:** <<http://casadoboneco.blogspot.com.br/p/casa-do-boneco.html>> **Acessado em:** 18 de novembro de 2016.

³⁴ Refiro-me ao apoio recebido pela da Casa de Boneco de Itacaré, por terem viabilizado de alguma forma, além do contato, o diálogo com o responsável da NoKultura.

³⁵ Expressão na língua *crioula* de Guiné-Bissau e que em português refere-se à Nossa Cultura.

³⁶ **Disponível em:** <<http://casadoboneco.blogspot.com.br/2015/07/um-pouco-da-guine-bissau-no-ile-dere.html>> **Acessado em:** 18 de novembro de 2016.

A ponte com a Nô Kultura foi essencial para minha pesquisa de campo. Após chegar à Bubaque, fiquei hospedado por sua conta na “Pousada do Arlindo”. Foi-me cedido um quarto, onde pude passar alguns dias durante a minha estadia na ilha. Bubaque era a ilha que iria me trazer para o contexto de modernidade, isto é, pensar numa modernidade vivida pelos jovens da etnia Bijagó.

A ilha de Bubaque tem uma área de 48 (quarenta e oito) Km² e cerca de 11.300 mil habitantes. Fica ao sudeste do Arquipélago, separada pelo estreito canal de Rubane e relativamente próxima das ilhas de Soga e Canhabaque.

Bubaque é a ilha mais turística de todo Arquipélago Bolama/Bijagós. Tem uma grande variedade de hotéis e pousadas, e é marcada culturalmente pelo Festival de Música que acontece sempre no final de semana da Páscoa, atraindo turistas de todo o continente africano para assistirem aos três dias do maior festival de música contemporânea e tradicional guineense. Bubaque: uma ponte de passagem para as outras ilhas do Arquipélago Bolama/Bijagós. Foi a partir dali, que projetei as minhas visitas, tanto para Canhabaque, como para Orango Grande.



Imagem 17 - Desembarque no Porto de Bubaque.



Imagem 18 - Placa de recepção aos turistas e estrangeiros à Bubaque.

Acervos pessoais. Maio/2016.

A minha estadia em Bubaque possibilitou observar certa “ocidentalização” da juventude, apontada por Bordonaro (2006) ao destacar os novos usos e formas de vestimentas, as novas formas dos jovens se comunicarem, os cortes e modelos de cabelos, os usos de adereços (chapéu e correntes), reflexos de um novo modelo de modernidade, segundo o autor. São jovens que se “transformam” através das novidades trazidas pelo ocidente, como por exemplo:

Em particular, quem desse um passeio na Praça de Bubaque no sábado a noite, ficaria surpreendido para o cuidado com quem rapazes e raparigas se vestem, se adornam: as atitudes, os corte de cabelo, as roupas, todos respondem a uma estética, um estilo que os rapazes chamam *cool*. Ser *cool* não é só vestir gangas, ténis de marca, chapéu de baseball e absurdos óculos de sol nas escuras noites de Bubaque. É também uma maneira de andar, de cumprimentar os amigos, de falar, de tratar com as meninas (2006, p. 2).

Não tive muito tempo de observar durante muito tempo o quadro retratado por Bordonaro, pois, surpresa! Tive que me despedir temporariamente de Bubaque, ao ser alertado por Adão de que eu havia chegado numa época boa, em que as coisas estavam

fluindo ao meu favor. Segundo meu amigo, eu tinha dado sorte, pois aconteceria na semana próxima, em Canhabaque, a ida de alguns homens da tabanca de Angumba para o *fanado*.

O que ele quis dizer com isso? Ele quis dizer que meu campo de pesquisa estava a começar a fluir. Que os meus olhos iriam ver aquilo que não estava planejado. Como expliquei em um dos capítulos o significado de *fanado*, ressalvei o tempo em que cada tabanca realiza essa cerimônia religiosa.

Não há um tempo específico. Não há anos concretos. Tudo e todas as circunstâncias giram em torno da natureza. Desde a preparação até à realização. Desde a colheita do arroz, ao vinho de palma. Da colheita do caju, ao tempo do crescimento do chabeu³⁷.

Eu fiquei muito feliz com essa notícia, pois, o intervalo de uma cerimônia para outra e no caso da tradicional e religiosa, que é o *fanado*, pode ser de até dez anos. Em Orango Grande, por exemplo, é esse o tempo que os jovens esperam para irem a esta cerimônia. Mas também pode variar de tabanca para tabanca.

O Régulo da tabanca de Eticoga, Augusto Fernandes, em uma entrevista, disse que demora muito para que uma cerimônia de *fanado* aconteça. E que talvez, ele nem esteja mais enquanto Régulo na próxima pelo tempo que se é de esperar. E também que depende muito das outras Ilhas, pois como há uma Ilha sagrada onde fazem uso do espaço para a cerimônia requer tempo e espera da natureza para que tudo dê certo.

E como exemplo, uso também o caso do Magnusson. Ele que também é Bijagó, estava em êxodo quando aconteceu a última cerimônia em sua tabanca de origem, ou seja, esperará por cerca de mais dez anos para que ela aconteça novamente e assim possa participar. E tem um caso muito interessante que é, segundo a tradição, caso os pais dele faleçam, ele não pode ver o defunto, pois, não foi ao *fanado*.

Só poderá ver o defunto àquele que foi ao *fanado*, disse a sua mãe, Leopoldina, da tabanca de Eticoga na Ilha de Orango Grande. Antes, Magnusson fugia dessa cerimônia, hoje, ele reconhece a prática enquanto valorização da sua cultura e por isso quer estar presente na próxima vez em que a cerimônia vier a ocorrer.

Voltando para a viagem... Eu já estava pronto. Já tinha tudo arrumado na mochila, era só seguir viagem. Bastava acreditar pra acontecer, era o que eu pensava a todo o momento. Esperei passar os dias. Estava ansioso que não sabia dar conta. Só queria que

³⁷ Também conhecido como “dendê” no Brasil, é o pequeno fruto vermelho alaranjado que nasce sob as folhas de um tipo de palmeira originário da África Ocidental e do qual se extrai o óleo de palma. **Disponível em:** <<http://www.independenciaslusa.info/chabeu-fruto-desconhecido-do-caldo-mais-tipico-da-guine/>> **Acessado em:** 18 de novembro de 2016.

chegasse o dia da viagem para poder começar a sentir, além das energias de atravessar de uma ilha para outra, as energias de outros povos Bijagós, desta vez, os de Canhabaque.

Quando chegou o dia, foi só despedir das pessoas, encontrar com Adão, e seguir para o porto, afinal, viagem pra Canhabaque é sempre concorrida, pois há apenas, uma viagem por semana, ou seja, se não fosse naquele dia, ficaria impossibilitado de acompanhar a cerimônia a ser realizada. E assim entrei num barco apinhado de gente rumo a uma nova experiência....



Imagem 19 - Saindo da Pousada em direção ao Porto para fazer o traslado Bubaque - Canhabaque.



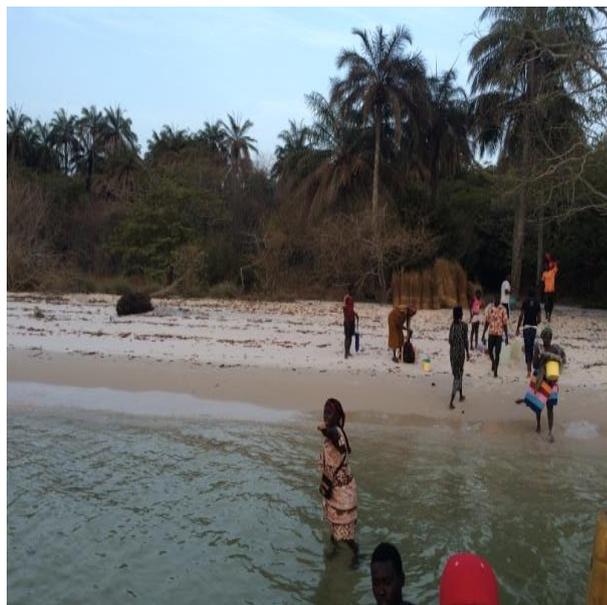
Imagem 20 - Chamada e embarque dos passageiros do traslado de Bubaque - Canhabaque.

2.4 A INESPERADA VIAGEM À CANHABAQUE E UMA CERIMÔNIA A SER ACOMPANHADA

Canhabaque é uma das ilhas que compõe o quadro insular Bolama/Bijagós, com 111 (cento e onze) km³, coberta por uma vasta vegetação e com lindas praias alternadas com formações rochosas. Conta-se como a primeira ilha habitada do Arquipélago, hoje, com aproximadamente 2500 (dois mil e quinhentos) habitantes, divididos por várias tabancas (BENZINHO; ROSA. 2015).

A ilha de Canhabaque é consideravelmente a ilha mais tradicional de todo o Arquipélago, em matéria de costumes e modo de vida, e disputa com Caravela a reputação de mais bonita. É uma ilha encantada para os animistas, havendo a crença de que as árvores falam. Nela podemos encontrar tradições matrilineares, onde as mulheres têm forte poder e predominam na gestão das tabancas.

Para chegar até Canhabaque, é preciso que se apanhem pirogas³⁸ nos portos das ilhas. Como eu estava em Bubaque e lá é ponto de partida, não precisei sair. A viagem dura em média uma hora e meia até a primeira parada de desembarque, pois há também vários pontos de desembarque em Canhabaque. À medida que a tabanca fique mais próxima das paradas, é ali que o passageiro se sente a vontade para descer.



³⁸ Tipo de canoa motorizada, usada para o deslocamento de passageiros e viajantes dentro das ilhas Bijagós. Pouco recomendada por questões de segurança. Faz ligação entre as ilhas do arquipélago com o tempo, percursos e frequências variáveis e adaptáveis ao desejo do passageiro, dependendo da quantidade de cargas e de viajantes.

Imagem 21 - Primeira parada de desembarque em Canhabaque.



Imagem 22 - Segunda parada de desembarque em Canhabaque.

Acervos pessoais. Maio/2016.

O nosso destino estava traçado em descermos na terceira e última parada de desembarque na ilha de Canhabaque. A viagem começou pela tarde e em pleno alto mar, fomos contemplados pela natureza exuberante a nossa volta com uma linda coloração quente no céu antes do escurecer.

Após algumas horas de viagem por vias marítimas, ainda não estávamos perto de onde queríamos chegar. Teríamos que andar por aproximadamente 10 km (dez quilômetros). Resumindo: eu deveria andar esse percurso todo, com uma mochila de 13 kg nas costas, no escuro e com pouca bateria na lanterna. Ufa! Assim que cheguei, registrei em meu diário o seguinte desabafo:

Cheguei e cheguei super bem! Fui muito bem recebido pela mãe natureza. Orgulho desse povo que renasce as minhas esperanças de um futuro melhor. Só pelo sorriso do meu rosto vocês perceberão o quanto que estou feliz. Cada passo, uma realização. Trilhei um caminho cerca de 1:30h, mas nem parece que levei este tempo todo. Eita Guiné que me mata!!!³⁹

³⁹ Acervo pessoal. Trecho retirado de uma publicação em uma rede social (Facebook).



Imagem 23 - Trilha da parada do desembarque para a tabanca de Angumba.



Imagem 24 - Casa que fiquei hospedado em Canhabaque.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Chegamos à tabanca a noite e já estava tudo escuro. A maioria das pessoas já estava dormindo. Na trilha que fizemos, havia mais pessoas, e pasmem! De tabancas ainda mais longe do que a que paramos. Ou seja, enquanto eu já estava alojado ainda havia pessoas caminhando.

Além de pensar em descarregar o cansaço do corpo e da mente, eu só pensava em acordar na ansiedade de me deparar com povos e práticas mais tradicionais do que eu já tinha

visto e vivenciado nas ilhas de Bolama e Bubaque. Era outra realidade a ser vivida. Era outro contexto e perspectiva de olhar a tradição de um povo. E eu estava diante daquele processo em pleno andamento!

Ao acordar, a tabanca toda já sabia que havia um estrangeiro ali. Na verdade, a ilha de Canhabaque toda, se assim posso dizer, porque são muitos os comentários e eles andam tão rápidos como as passadas de meus amigos Bijagó. Desde a viagem de canoa, todos me reparavam bem. Alguns chegavam para cumprimentar, outros, por timidez, sorriam ou acenavam de longe.

Mas isso tudo para mim estava sendo novo. Muito novo! A primeira diferença notada, para além das estruturas das casas e da beleza natural, era a língua usada pela maioria deles. Em alguns momentos eu me sentia como um estrangeiro de fato. Enquanto falavam em crioulo, eu não me sentia deslocado, mas ao sair de Bubaque, na canoa mesmo, já senti a dificuldade em compreender.

Naquele contexto, falar a língua Bijagó pra mim estava sendo uma afirmação dos falantes. Uma questão de pertença. Por eu já ter vindo de contexto diferente (Bolama e Bubaque) eu já enxergava como valorização da língua daquele povo. E não podemos esquecer que a cultura tradicional enquanto valorização de um povo, também inclui línguas e dialetos.

Anteriormente, já havia mencionado acerca da diversidade no interior da própria etnia bijagó. Destaco novamente, a variação linguística que há entre eles. Variação que ocorre de ilha para ilha, ou dentro mesmo no interior de uma única. Uma de minhas entrevistadas afirmou compreender um pouco a língua Bijagó, mas que isso dependia muito da ilha na qual estivesse, principalmente da localização geográfica, mas, que ainda assim, havia muita diferença, ao ponto de uma ilha não compreender a língua bijagó falada pela outra.

Em Canhabaque, das crianças aos mais velhos, todos se cumprimentavam em suas respectivas línguas. Os entraves trazidos pela má compreensão do idioma estrangeiro, normalmente se tornam um problema para o pesquisador, principalmente no meu caso, que tinha pouco tempo para ficar em campo.

O guia como tradutor é o melhor mecanismo para potencializar a comunicação entre o visitante e os visitados. Se não fosse por Adão, não sei o que seria de mim! Onde ele não estava era o tempo onde eu mais refletia sobre o momento. Era o momento também destinado a observação dos espaços e das pessoas, uma vez que pouco entendia o que se falava ao meu redor.

O primeiro dia começou corrido. Chegamos praticamente em cima da tão esperada cerimônia tradicional religiosa. Sai e fui cumprimentar primeiro os mais velhos da tabanca. É incrível como você passa pela pessoa e ela fica aguardando você voltar para lhe cumprimentar. Pelo contexto hierárquico da tabanca, primeiro os cumprimentos são direcionados àqueles mais velhos e depois os mais novos.

A expectativa das pessoas de que você as cumprimente, respeitando a tradição, fica estampada em seus rostos. Nas crianças, mais ainda. Na ocasião, o mais velho da tabanca em contexto de hierarquia tradicional, era o tocador do *Bombolom*⁴⁰, senhor Marcelo. Fui cumprimentá-lo e me apresentar. Eu sempre tentava falar com as pessoas usando o crioulo, até mesmo pensando na facilitação do objetivo de uma eventual conversa, e o que não saia, o companheiro me ajudava.



Imagem 25 - Senhor Marcelo, tocador do bombolom.

Acervo pessoal. Maio/2016.

⁴⁰ Instrumento musical tradicional presente nos rituais sagrados. (TINIGUENA, 2012).

Ao falar com as pessoas, eu sentia uma energia muito forte. A ancestralidade toca, e é de fato muito forte para quem sabe sentir. Eu estava me sentindo prazeroso em estar ali. Em poder partilhar do convívio daquelas pessoas, mesmo sabendo que seria por questões dias, mas o que fica e marca só a lembrança guarda. No decorrer da manhã, fui conhecendo todos pouco a pouco.

Os mais novos, digo as crianças, ficavam sempre ao meu redor. Tinha os que falavam o bijagó, o crioulo e o português. Os que falavam só o bijagó e o crioulo, e aqueles que só falavam o bijagó. Por incrível que pareça, os que mais se aproximavam, eram os que falavam o crioulo e o bijagó. E às vezes, eu me sentia impotente em não entender o que eles diziam ou queriam. Fui à casa de algumas pessoas para que eu também me apresentasse. As mulheres em sua maioria, junto com suas filhas, sempre estavam a cuidar das coisas da casa e da organização da tabanca.



Imagem 26 – Cacho de *Chabeu*.



Imagem 27 - Mulher e criança tirando o fruto do chabeu para fazer o óleo de palma.



Imagem 28 - Mãe e filha compondo palha para colocar no teto da casa.



Imagem 29 - Irmãs compondo palha para colocar no teto da casa.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Os homens, em seu trabalho mais de trazer o que comer para dentro de casa sai para pescar e para caçar. E também ajudam nos trabalhos braçais que requerem mais força. O trabalho na maioria das vezes é feito coletivamente. Por exemplo, para compor a palha que será usada no teto da casa. O homem sai para buscar talhas tiradas das palmeiras e as mulheres para buscarem as palhas. Os trabalhos ficam subdivididos. Depois de elas terem juntado toda palha, eles vão e ajudam a trazer pra casa. Quando chegam à casa, os filhos, os sobrinhos, até mesmo os vizinhos, ajudam a compor.



Imagem 30 - Homem compondo as talhas da palmeira para o telhado da sua casa.
Acervo pessoal. Maio/2016.

Depois da colheita do arroz, os homens trazem tudo o que eles conseguiram e colocam dentro de um depósito de mantimentos, chamado de *bemba*. É lá que ficam recolhidas as especiarias colhidas. Em cada casa, o homem cria a sua. E somente as mulheres tem acesso. O espaço é trancado com cadeado.



Imagem 31 - *Bemba*.
Acervo pessoal. Maio/2016.

É de costume de quem visita oferecer aos mais velhos tabaco, vinho de palma ou aguardente. No meu caso, cheguei a oferecer até pilhas para eles colocarem nas lanternas. Eles não estipulam nem valores, nem quantidade. Vai da vontade e das condições do visitante.

As crianças gostam mesmo é de atenção. Fazem muitas perguntas. Aquela curiosidade infantil, de quem tudo pergunta. Acho que uma das melhores formas de se aprender é perguntando aquilo que não sabe. Não tendo vergonha e nem se abstendo das demasiadas perguntas.

O dia foi passando e as expectativas foram sendo superadas aos poucos. A vivência já tomava conta de mim. Sempre ansioso e esperando que as movimentações começassem. Adão ia para um lado, ia para o outro, para tentar organizar junto com o restante do pessoal que a todo o momento se reunia.

Após falar com o tocador do *bombolom*, ficou acertado de eu contribuir para a compra do *vinho de palma*⁴¹, isso na condição de visitante e pesquisador da cultura daquela tabanca. É normal que se peça contribuições também. E também fica a critério do visitante.

Feita a contribuição, o tocador foi à procura do *vinho de palma*, voltou quando conseguiu e em seguida, tocou o *bombolom*. Ao tocar o referido instrumento, ele avisa as tabancas vizinhas, a depender do toque, qual tipo de cerimônia irá ocorrer no dia seguinte.



Imagem 32 - Tocadores do bombolom avisando as tabancas vizinhas da dança do Cabarô⁴² no dia seguinte na tabanca de Angumba, ilha de Canhabaque.

⁴¹ O “elixir dos irãs”, o vinho de palma, é obtido pelo sangrar do pedúnculo do cacho de chabeu com frutos ainda verdes. Uma palmeira jovem pode produzir diariamente cerca de 1 litro de vinho, durante dez a quinze dias, sendo o vinho da melhor qualidade obtido na estação da seca, entre os meses de novembro a maio, uma vez que não é influenciado pela água das chuvas. Tratando-se de uma bebida de grande simbologia na cultura Bijagó, o vinho de palma faz parte de uma série de pagamento de prestações, de tabus e restrições alimentares que se aplicam durante a kusina e o manrase. (TINIGUENA, 2012).

⁴² Corresponde à quarta fase da classe de idades masculina. Tradicionalmente é a última fase em que existe um tipo de dança característico. (TINIGUENA, 2012).



Imagem 33 - Tocadores do bombole avisando as tabancas vizinhas da dança do Cabarô no dia seguinte na tabanca de Angumba, ilha de Canhabaque.



Imagem 34 - Tocadores do bombole avisando as tabancas vizinhas da dança do Cabarô no dia seguinte na tabanca de Angumba, ilha de Canhabaque.



Imagem 35 - Tocadores do bombole avisando as tabancas vizinhas da dança do Cabarô no dia seguinte na tabanca de Angumba, ilha de Canhabaque.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Estava eu já na maior impaciência para o início da cerimônia de fanado, quando depois de mais reuniões, decidiram por adiá-la por conta da falta de materiais... Faltava mais vinho de palma e outras especiarias que eu não cheguei a ter conhecimento, por conta do sigilo e hierarquia tradicional na cultura da etnia Bijagó. *A priori*, fiquei triste por não ter acontecido tudo conforme fora planejado.

As pessoas vieram se desculpar por não ter acontecido. Vieram explicar basicamente as causas principais, explicando porque a cerimônia não ocorrera, mas que não era para eu desanimar, que uma hora ou outra, algo iria dar certo, e que não era culpa deles, mas que *Nindo* iria cuidar de tudo.

Depois do fato, resolvi então aproveitar o tempo disponível para conhecer o restante do grupo, conversar, sempre problematizando a grande saída dos jovens em busca de “melhorias” e da não valorização das práticas culturais da etnia Bijagó. Em uma das conversas, Adão me interrompeu e me avisou, que a dança do *Cabarô* iria ocorrer no dia seguinte.

Voltei para o bate papo, e aproveitei a ocasião, para perguntar a Adão como se dava essa cerimônia. Eu havia lido em Tinguena (2012), sobre as divisões das responsabilidades e funções das diferentes categorias de idade, e então, perguntei o que significava a “*limpeza dos caminhos de cerimônias*”. Adão, muito solícito, me explicou que:

A limpeza dos caminhos de cerimônias consiste na limpeza que fica sob a responsabilidade dos *Cabarôs*, em limpar o caminho que os novos passarão até chegar ao local da cerimônia do fanado. A limpeza é para que na ida eles cheguem lá limpos e puros, sem a impureza da terra e na volta, aconteça a mesma coisa. Então, os *Cabarôs* da tabanca se reúnem e fazem essa atividade. A ideia é deixar o espaço de passagem limpo e sem barreiras ou obstáculos para os recém-iniciados.

Também pude conhecer uma mulher, Rainha de uma tabanca na Ilha de Canhabaque, mas era de origem Angumba. Na ocasião, ela me pediu *messinho*⁴³ para as vistas, estava com os olhos lacrimejando e lá não havia remédio. A última vez em que ela tivera esse *messinho* foi quando um europeu (não me lembro de qual país) lhe ofereceu.

⁴³ Remédio, na língua *crioula* de Guiné-Bissau.



Imagem 36 – *Mindjer garandi*⁴⁴. Rainha de uma tabanca na ilha de Canhabaque.



Imagem 37 - *Homi garandi*⁴⁵ fazendo remo para canoa.

Acervos pessoais. Maio/2016.

⁴⁴ Expressão em língua crioula, quer dizer, mulher mais velha, mulher grande.

⁴⁵ Expressão em língua crioula, quer dizer, homem mais velho, homem grande.

Antes do início da dança do *Cabarô*, as mulheres prepararam a comida para receber os convidados. Na ocasião foi servido arroz com *katoré*⁴⁶, e também vinho de palma. Em cerimônias tradicionais se faz importante e necessário que se sirva o vinho de palma, principalmente para os mais velhos da tabanca. Oferecer o vinho de palma é tradicionalmente sinal de respeito.



Imagem 38 - Arroz com *katoré* para servir antes de começar a dança do *Cabarô*.



Imagem 39 - *Buli*⁴⁷.

Acervos pessoais. Maio/2016.

⁴⁶ Tipo de comida tradicional da etnia Bijagó, feita com o peixe arraia e caldo de chabeu.

⁴⁷ É o fruto da *Lagenaria sicerarial*, vulgo cabaça, usado na exploração da palmeira, servindo como receptáculo do vinho de palma, água e óleo de palma, mas também para conservar e transportar sementes. (TINIGUENA, 2012).

Após servir a comida, é hora do *djumbai*⁴⁸, os povos se celebram. Todos também muito ansiosos para ver o *Cabarô* dançar. Os *Canhocãs*⁴⁹ se reúnem. São eles os percussionistas na hora da dança. As pessoas começam a chegar. Juntam os jovens, as crianças, e os mais velhos ao redor para ver o *Cabarô* dançar.



Imagem 40 - Dança do *Cabarô* e *Canhocãs* posicionados para iniciar a dança.

Acervo pessoal. Maio/2016.

A dança do *Cabarô* é caracterizada pela representação de um animal. Por exemplo, este *Cabarô*, escolheu como seu “personagem” a vaca. Ele obrigatoriamente, durante sua apresentação, deve-se comportar como tal. Precisa demonstrar em sua dança semelhanças com uma vaca. Deve, de fato, incorporar o comportamento de uma vaca.

⁴⁸ As chamadas conversas informais. Hora de bater papo, colocar as informações em dias.

⁴⁹ Adolescente. Fase de iniciação nas regras sociais. Participação nas actividades produtoras e em tudo o que requer força física. Funcionam como polícias da tabanca. (TINIGUENA, 2012).



Imagem 41 - *Baca bruto* em cena.



Imagem 42 - *Baca bruto* em cena.



Imagem 43 - *Baca bruto* em cena.



Imagem 44 - *Baca bruto* em cena.



Imagem 45 - *Baca bruto* em cena.



Imagem 46 - *Baca bruto* em cena.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Esse da imagem é um *baka bruto*⁵⁰. Suas características são semelhantes a uma vaca bruta e ele dança como se o animal estivesse enraivado. Quanto mais parecer com o animal, mais ênfase haverá na dança. Os *Canhocãs* ao tocar para o *Cabarô* cada um com seu tambor. Eles estão enfeitados com folhas, pois, há uma tradição, de, que ao tocar, os que estiverem mais bem “arrumados” chamarão a atenção das mulheres que estão solteiras na tabanca.

Há todo um envolvimento coletivo, tanto que quem tá dançando, quanto de quem tá tocando. Em relação à estrutura, na dança *Cabarô* o dançarino posiciona-se frente ao grupo, manifestando a sua exibição com base no seu estilo, ritmo e forma de dançar. Caracterizada pelo som de três instrumentos diferentes (tambor, cabaça e *bombolom*), cada tipo de dança acontece em uma cerimônia. (TINIGUENA, 2012, p.76).



Imagem 47 - *Baca bruto* em cena.

Acervo pessoal. Maio/2016.

O momento era de festa. O *Cabarô* parecia não estar cansado nem tampouco, os *Canhocãs*. Era um ritmo mais rápido que o outro. Eu não estava conseguindo nem acompanhar os passos do *Cabarô*. Enquanto isso, eu estava filmando a dança e gravando os sons e as palavras que o *Cabarô* falava. Momento único, então, tudo tinha de ser registrado.

⁵⁰ Vaca bruta, em língua *crioula*.



Imagem 48 - Tocador do tambor longe afinando a pele do instrumento.



Imagem 49 - *Baca bruto* em cena.

Acervos pessoais. Maio/2016.

A dança durou quase cinco horas. Nesta ocasião, foi até o anoitecer do dia. As pessoas estavam tão empolgadas quanto eu. A experiência de ver parte da cena era de arrepiar. Eu nunca imaginei que fosse me deparar com práticas culturais tão de perto como estava vivendo. Era uma oportunidade ímpar. Um verdadeiro privilégio. Eis que chega a hora da dança parar. Também se deu sinal da falta do vinho de palma. As pessoas envolvidas já estavam cansadas⁵¹, e então, deu por encerrado.

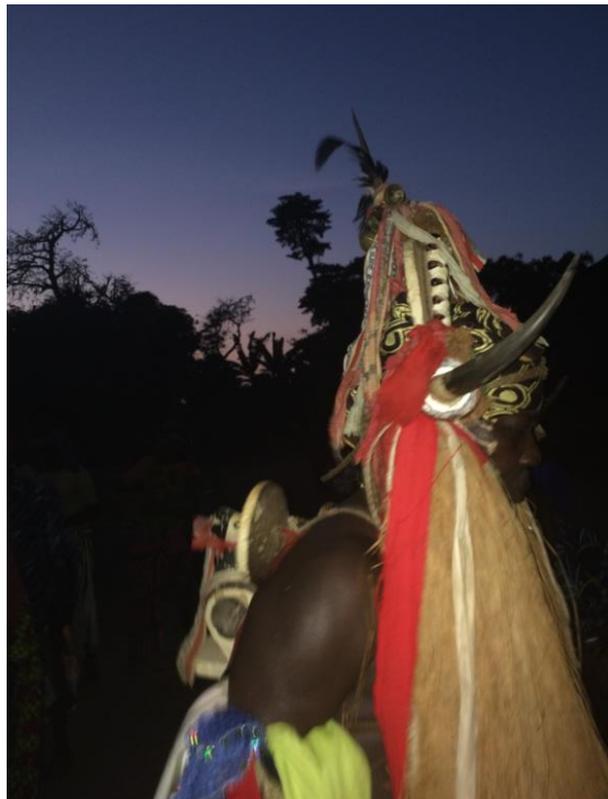


Imagem 50 - Encerramento da dança do *Cabarô*.

Acervo pessoal. Maio/2016.

Dado por encerrado a dança, era hora também de dar adeus àquela tabanca. Além do tempo corrido, era dia de arrumar os pertences, pois, no outro dia, bem, teríamos que voltar para Bubaque. A ida de Bubaque para Canhabaque era aos dias de segunda-feira e a volta aos dias de quarta-feira.

Voltando de Canhabaque para Bubaque, na quarta-feira e esperar a terça-feira da semana próxima, pois era o dia de viajar para o próximo destino. Ilha de Orango Grande! Visitar uma Ilha do Parque Nacional de Orando. Ela era a ultima do roteiro e também a qual

⁵¹ Refiro-me aos *Canhocãs* e ao *Cabarô*.

eu iria passar mais tempo, afinal, a escolha foi mais por representatividade do que outro quesito. Eu me sentia representado pela àquela Ilha sem ao menos nunca ter pisado o pé.

2.5 A PASSAGEM PELA ILHA DE ORANGO GRANDE: EXPERIÊNCIA DE COMO VIVER NUMA “CIDADE MARAVILHOSA”!

O Parque Nacional de Orango, PNO, fica situado ao sul do complexo insular Bolama/Bijagós. Composto por cinco ilhas principais: Orango Grande, Orangozinho, Meneque, Canogo e Imbone e por mais três ilhéus: Adonga, Canuapa e Anetive. Tem uma superfície de 158.235 hectares.

Orango Grande, que integra o Parque Nacional e possui o mesmo nome, é a ilha mais distante da parte continental da Guiné-Bissau e a maior em termos de superfície, embora só contabilize 2.500 habitantes espalhados por cerca de 10% do território. O território é de responsabilidade do Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas, o IBAP⁵².

Esta ilha é composta por uma fauna de grande abundância, na qual se incluem hipopótamos⁵³ marinhos - principalmente nas águas da Lagoa de Anôr - crocodilos, algumas espécies de tartarugas que lá fazem desovas, gazelas-pintadas, macacos verdes, lontras, manatins e golfinhos.

Saindo de Bubaque mais uma vez, desta vez, ponto de partida para uma ilha diferente. A ilha que eu escolhi para “chamar de minha” e acreditar que tudo que procurava estaria ali. É onde as famílias de Pina e da Costa se fazem presentes majoritariamente. É a ilha da Rainha Okinka Pampa. A ilha dos hipopótamos. Conheceria finalmente a família da Costa, que me recebera tão calorosamente em Bissau.

⁵² Criado em 2004, o IBAP tem a responsabilidade de proteger e gerir a Biodiversidade da Guiné-Bissau, através do Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SNAP) com o intuito de: promover a salvaguarda dos ecossistemas e da biodiversidade; apoiar a criação e a gestão das Áreas Protegidas; favorecer a utilização racional e equitativa dos recursos naturais. **Disponível em:** <<http://www.ibapgbissau.org/index.php/about>> **Acessado em:** 22 de novembro de 2016.

⁵³ O hipopótamo é considerado pelos habitantes um animal sagrado a que não se deve fazer qualquer tipo de investida ou matar. Segundo as crenças animistas dos Bijagós, quando se faz mal a um hipopótamo, a desgraça abate-se sobre essa pessoa ou família. (TINIGUENA, 2015).



Imagem 51 - Família da Costa durante a viagem de Bissau para Bubaque.



Imagem 52 - Amigo Dominginhos da Costa, amigo e fiel escudeiro, oriundo da ilha de Orango Grande, tabanca de Eticoga.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Saindo de Bubaque, a caminho de Orango Grande, registrei em meu diário:

“Depois de quase 5 horas de viagem, deixei Bubaque mais uma vez para ir até outra ilha. Além do passeio pelo arquipélago até o destino final, paramos em Uno para o desembarque de algumas pessoas e embarque de outras e só agora parei no destino desejado. Bubaque eu vim, mas volto depois. Chegando a Orango, para o dia ser mais especial ainda, um banco de areia empata a canoa de encostar-se ao Porto. Não podia perder tempo aqui. Desci, coloquei a bagagem na cabeça e já

cheguei. Esperando agora os outros irmãos descerem e chegarem também. E Orango, cheguei para te usar!”⁵⁴



Imagem 53 - Paisagem da saída do Porto de Bubaque.



Imagem 54 - Porto da Ilha de Uno. Espera da aproximação da canoa para fazer o embarque e desembarque.

⁵⁴ Acervo pessoal. Trecho retirado de uma publicação em uma rede social (Facebook).



Imagem 55 - Espera do desembarque do pessoal restante.



Imagem 56 - Desembarque das pessoas no Porto de Orango Grande.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Mais uma viagem cansativa. E como em todas as visitas às ilhas, já havia pessoas à nossa espera. Desta vez, eu estava viajando com mais um amigo bijagó, Matchon de Pina, filho de pai e mãe bijagó da Ilha de Orango Grande, o qual me recebeu durante toda a estadia

em Bissau e me acompanhou nessa viagem até sua terra natal. Foi esta ilha, aliás, que me cativou mais intensamente e me deu a oportunidade de poder vivenciar mais de perto um pouco da realidade dos Bijagó. Muitas coisas contribuíram para isso acontecer, entre as quais, a relação de afetividade estabelecida com as famílias de Pina e da Costa.

Em Orango Grande, conheci mais “parentes-irmãos” de “amigos-irmãos”. Dessa vez, foi Dominginhos da Costa, 13 anos, irmão de Magnusson da Costa, estudante do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB, quem me guiou na empreitada em Orango Grande. Ambos são filhos de Domingos da Costa, todos nascidos e criados na tabanca de Eticoga. Da Costa, sobrenome de uma entre tantas famílias que me recepcionaram muito bem, tanto em Bissau, como na ilha de Orango. Durante toda a estadia, tive amparo das famílias de Pina e da Costa, que são parentes e donos de uma peculiaridade familiar inexplicável.

A minha chegada em Orango causou uma repercussão muito grande em toda a Ilha. Primeiro, porque já se sabia que havia um estrangeiro embarcando de Bubaque para Orango Grande, e mesmo que não se soubesse, numa viagem longa, dentro de uma canoa relativamente pequena e lotada, minha presença era notória. Segundo, porque fui com o amigo Matchon e com mais alguns outros que eu já tinha feito em Bissau e em Bubaque. Então, já conhecia algumas pessoas que também estavam embarcadas junto comigo, fazendo com que despertasse no povo o interesse de saber quem eu era. Finalmente, porque eu era convidado de um amigo bijagó da tabanca de Eticoga da Ilha de Orango Grande da Guiné-Bissau, Magnusson da Costa, que do Brasil, pediu para que sua família, amigos e vizinhos, me acolhessem e me recebessem, recomendando esforços para que eles pudessem contribuir com a minha pesquisa, sem fugir das expectativas e dos objetivos do meu trabalho, o que também acabou provocando nas pessoas a vontade e o desejo de me ter por perto, a fim de sempre que eu precisasse, ou solicitasse ajuda, dentro do possível, meu pedido fosse aceito. Mais um visto de cortesia!

Da chegada ao Porto de Orango o percurso até a tabanca de Eticoga durou cerca de trinta minutos mais ou menos. O caminho parecia ser longo, depois de já ter viajado sentado em praticamente duas posições. Uma trilha de areia e matos, uns verdes outros queimados. Muita gente carregava suas bagagens. Em algumas oportunidades, é possível que se apanhe boleia do Porto para a tabanca de Eticoga. Depende muito da época e dos passageiros. É

muito bom quando alguém do Orango Parque Hotel⁵⁵ recebe visitantes ou chega algum funcionário representante do IBAP àquela ilha, pois, sobram lugares e vagas na moto-carro e os condutores levam os que pedirem ajuda primeiro.

Interessante observar que existe uma hierarquia para pegar a carona. Primeiro o representante da instituição, depois os mais velhos. Se tiver gente da família do condutor, também há prioridade. Acontece de o condutor voltar e acabar dando mais uma ou duas viagens, não é sempre, depende muito. Ao chegar a casa em que iria ficar durante a pesquisa, coloquei as bagagens e já saí para cumprimentar os mais velhos da tabanca, ir à casa da família do Magnusson, conhecer também a família de Matchon e me situar no local da atuação da investigação. Para todo lado que eu ia, as crianças me seguiam. Todos queriam saber quem era o “estrangeiro”.

Tudo na viagem para mim era novo, então, eu sempre esperava as coisas acontecerem, sem muito perguntar e observando sempre. A observação usada como caráter especial de se entender um lugar e as peculiaridades de um povo. Nada foi fácil de entender. Desde a forma que comíamos juntos até a forma que o dia amanhecia. Todo dia ao acordar, além do cantarolar das aves, o som das pessoas andando sob a areia molhada com cascalho, as saudações em bijagó de Orango, as crianças passando pela porta do quarto sem saber se eu estava dormindo ou acordado, mas que na verdade tinham vontade mesmo era de entrar e me acordar para não perder o dia, era incrível!

O primeiro dia em Orago foi destinado às famílias que estavam me esperando, De Pina e da Costa. Aparentemente, salvo engano, são as famílias de mais componentes na tabanca de Eticoga. Digo isso, porque, quando eu passava com a mãe ou o irmão de Magnusson ou até mesmo com Matchon, eles sempre me apresentavam mais um tio, uma tia, um primo ou uma prima. Magnusson é primo de Mejú, que é primo de Matchon, por exemplo. A cada duas casas, havia gente dessas famílias. O que também, além de ter ficado marcado, se tornou interessante para mim, era a união dos casais entre essas duas famílias. Um dos tios de Matchon, tio Pedro, é esposo da tia de Magnusson, tia Sábado. E não para por aí. Se eu continuasse compondo os casais, daria quase uma página!

⁵⁵ É um projeto apoiado pela União Europeia. Este projeto, levado a cabo pela Fundação CBD-Habitat e financiado pela EU com 500 mil euros, visa dinamizar o desenvolvimento de ações ligadas à conservação da biodiversidade e habitat, facilitando as relações entre o homem e o ambiente natural no Arquipélago dos Bijagós e também desenvolve programas de ecoturismo responsável nos parques naturais existentes. A CBD Habitat administra o Orango Parque Hotel, na Ilha de Orango onde reinveste os lucros obtidos em pequenos projetos comunitários em benefício da população local. (TINIGUENA, 2015).

Não conheci só os parentes, bem como, quase toda a comunidade de Eticoga, se estendendo depois, para a tabanca de Acagumé. A maioria das pessoas eu fui conhecendo e me apresentando durante a semana. Entre elas, o régulo, os avós de Magnusson, sua família paterna e parte da sua família materna também.

2.5.1 Experiência com a comunidade da ilha de Eticoga.

O carinho, o afeto e o laço familiar logo se foram construindo. A cada dia, era uma experiência familiar diferente que eu vivia. Desde o tratamento que eu recebia das crianças, aos cuidados dos mais velhos. A preocupação se eu já tinha tomado café, almoçado e jantado era uma constante. E nunca havia apenas uma opção de cardápio para o almoço. Os meninos com o tanto de tios que tinham, era quase a quantidade de pratos que chegavam lá em casa. Todos os pratos que chegava eu o experimentavam.

Havia uma grande fartura e então, se eu gostasse muito, já sobrava para o jantar. Mas, minha comida preferida, era mesmo o *combe* com arroz. Eles têm o mesmo formato de uma ostra. Não sei se posso chamar pelo mesmo nome. Mas, além do formato, tem um gosto parecido. A mãe do Magnusson era quem sempre preparava para mim. Além do *combe*, havia o peixe cozido ou assado com caldo branco, e o frango cozido com manga. É uma mistura deliciosa. Quando comia a manga, era como se tivesse comendo a batata da terra. Tem um sabor muito parecido. Como eu aprecio a mistura da comida com frutas, então, me sentia muito a vontade e me adaptei rapidamente à dieta alimentar dos Bijagó. Quando não era a comida, eram os petiscos ou frutas. Os meninos corriam para ver quem iria chegar primeiro com aquilo que tinham caçado no mato. A cada saída, era quase um litro de suco de caju. A cada parada, torravam uma castanha para mim. O interessante foi que eu estava na Ilha, durante o período da colheita do caju e da castanha, então, acabava que eu ganhava muitos também.

À tarde, um pouco depois do almoço, era hora de ficar em frente da casa, quando não tinha uma entrevista marcada, era brincando com as crianças. Nós fazíamos tanta bagunça que tudo era motivo de alegria. Reunia os meninos e meninas da tabanca para conversar, jogar bola e brincar de tirar fotos. Era uma alegria só. A cada foto tirada, era uma observação diferente. Quando tirava foto de um, tinha que tirar do outro, e no final, sempre saía uma foto coletiva do grupo daquela tarde. Uns, estudavam pela manhã, outros pela tarde, logo, quando houvesse tempo pela manhã, também era hora de se reunir com eles.



Imagem 57 - Menino bijagó de Orango Grande após pintar o rosto com as cinzas da madeira queimada.



Imagem 58 - Meninos bijagó de Orango Grande, após pintarem os rostos com as cinzas da madeira queimada.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Reconhecer a importância de saber lidar com a infância e maturidade de uma criança é reafirmar a criança que tem dentro de nós. Saber que precisamos tratar as crianças como crianças, fazer com que elas se desenvolvam em seu período infantil, é também, dar a elas o direito de ir e vir. A educação e lazer como ponto de partida da valorização e de pertencimento do seu povo também é muito valioso.

Saber tratar de situações adversas, provocando-as com suas atividades, dialogando e indicando como deve fazer para que aquelas práticas, que são culturais, mesmo que for a caráter formal de educação ou em forma de educação lúdica, sempre mostrar a ela, que a mesma tem um lugar, que ela pertence a um povo e que aquele povo deve ser respeitado e lembrado nas futuras gerações.

Sim. E é dessa forma que acontece a educação na tabanca de Eticoga. É desta forma que os pais ensinam aos seus filhos. Ensinam como fazer para sobreviver e como ter seu próprio meio de subsistência para sustentar toda família. Há todo um aparato por parte dos responsáveis em dialogar com elas e mostrar quais melhores caminhos para se percorrer. É chamando o filho para ir catar o caju ou levar ele para a beira da praia quando for cavar a areia para tirar o *combe*. É sabendo ensinar qual folha ou qual madeira serve para fazer chá, e para qual situação se deve tirá-las do pé. A oralidade ganha força nesses momentos, mesmo que em outros possa parecer perdida.

Um irmão mais novo sempre vai ouvir os pais e acatar aquelas opções de vida por vários fatores. Um dos fatores é a influência do laço em que a criança tende a permanecer sob o acalanto dos seus pais. E é este, o maior fator, que faz com que a criança seja ainda ligada ao afeto paternal e maternal. Faço referência ao êxodo partindo dos mais novos.

Já um irmão mais velho que aproveita uma oportunidade de ir à capital, seja de férias ou por qualquer outra função, quando regressa, sempre volta com um novo olhar para o trabalho de campo. Repararam para o trabalho, visando à perspectiva de ele ser indigno por não conseguir alcançar novas formas consideradas de viver melhor conforme encontrara na capital. Há certas provocações que acabam passando em suas cabeças, fazendo com que eles pensem no retrato que lhe compete, observando também a falta de oportunidades que têm ao morar na ilha, até que lhe façam perceber, que neste formato, não se têm o mesmo acesso comparando com outro jovem que ele encontrou em Bissau.

O jovem vai observar e criticar a forma em que ele vive, antipatizando a continuação e a forma de viver sob uma cultura de agricultura familiar, como é o caso dos jovens que saem das Ilhas até agora visitadas, em alegação de buscas de novas oportunidades.

Apesar de eu não ter vivenciado e nem visto nenhuma cerimônia tradicional de caráter religioso na Ilha de Orango Grande, pude partilhar bastante durante uma semana do cotidiano dos povos desta Ilha e da tabanca onde eu estava. Para mim, foi de extrema importância também, para perceber a essencialidade no que diz respeito das relações. Seja ela de família, vizinhança ou de amigos.

Acredito que a experiência junto a esta comunidade me tornou mais humano, me tornou mais humilde e mais feliz com a vida que levo. Uma ressalva para a gentileza das pessoas e para coletividade vivida por aquele povo daquele lugar. É de excelência e genialidade e não é algo pessoal com que termino este capítulo. É preciso viver para compreender. As palavras estão longe para agradecer tudo que vivi e pude presenciar. Até mais, Orango Grande!

CAPÍTULO III – VIVÊNCIAS EM BISSAU, A CAPITAL DA GUINÉ.

3.1 CHEGADA À GUINÉ-BISSAU, ÁFRICA

Registro do meu diário de bordo:

[#DaTerraMaeDoBrasil](#)

[#ParaATerraMaeDoMundo](#)

30 de abril de 2016

Bom, cheguei à Guiné-Bissau por volta das 15h30min do dia 30 de abril de 2016. Vim de uma longa viagem, cheia de paradas em diversos aeroportos. Fui de Salvador para Recife, de Recife para Sal – Cabo Verde e de Sal – Cabo Verde vim pra Bissau. Muitas horas de voo. Muito tempo de espera também.

Mais tempo de espera, e eis que surge na tela a hora do embarque para Bissau – 12h00minh do dia 30. Já não aguentava mais para chegar logo ao meu destino final. E eu pensava: vou chegar a um país, com várias pessoas humildes, e não também, mas que sempre estão a sorrir. Não têm instabilidade política que dispersem os seres guineenses de sorrirem e mostrarem sempre estar felizes.

Enfim... Embarquei no voo, e dentro de cinquenta minutos já estava lá.



Imagem 59 - Pós-embarque de Cabo Verde para Guiné-Bissau, África.

Acervo pessoal. Maio/2016.

Quando cheguei a Bissau, pensava que haveria apenas duas pessoas me esperando no desembarque, seriam elas: Danilson Banca e Matchon de Pina, dois amigos Bijagós (depois vocês começarão a entender o porquê da ênfase na etnia destes dois), mas não, havia seis. Danilson, Onimoto, Matchon, Meju, Talibé e seu amigo. Um pegou uma mala, o outro, outra, o outro a mochila, o outro me buscou dentro ainda do desembarque, podendo ver a revista da Polícia Federal, o outro já veio com o celular para eu falar com um amigo no Brasil, Luis Fernandes Júnior, também estudante da UNILAB, e quando vi, me sentia leve.

*Estava leve em todos os sentidos. Tirei o peso das costas por conta das mochilas e tirei o peso da ansiedade por chegar logo a Guiné-Bissau – minha terra querida, e também por sentir aquele ar. **AR PURO DA MÃE ÁFRICA!***

Fui pra onde iria me hospedar, bairro de Plack II, bem próximo ao Aeroporto, coisa de cinco minutos e já estava em casa. O carro foi descarregado que eu nem vi a hora. Só estava mesmo era consumindo aqueles primeiros minutos na terra que eu amo. Vi muitas árvores. No Brasil – Baobá. Na Guiné-Bissau – Cabaceira. Tudo muito perfeito para mim.



Imagem 60 - Fruto da cabaceira.

Acervo pessoal. Abril/2016.

Quando sentei, só vi a comida chegando. Tudo muito rápido. Só deu tempo eu mostrar um objeto fantástico que eu trouxe – uma toalha seca rápido. Mostrei porque contei do banho que tomei no Aeroporto e foi o tempo suficiente para a comida chegar. Um arroz

que nunca vi igual. Um arroz tão branco que deve ter mais vitamina que um copo de 500 ml de vitamina de abacate.

Comemos e conversamos. A boca ardia um pouco por conta da malagueta. “Eita” vício desse povo. Pimenta em todas as comidas, mas sempre “sabi” – sabe em crioulo significa gostosa, saborosa. Comíamos em cinco, eu e mais quatro de vez. Talibé e seu amigo já tinham ido embora. Era sem pratos. Só colheres. Mas muito bom mesmo. E parece que é mais gostoso quando comemos assim. Nada de divisão. Come quem quer.



Imagem 61 - Comendo *bianda*⁵⁶ com os amigos, da esquerda para a direita: Iuri, Matchon, Magno, Onimoto, Mejú e Danilson (*in memoriam*).

Acervo pessoal. Abril/2016.

Depois disso. Tomei banho e fui conhecer um pouco de Bissau. Passei pela frente de diversos lugares públicos, os quais ainda não conseguir gravar os nomes. Mas lembro-me que passei na frente de onde se instalará o Ministério da Justiça. Passei pela Assembleia – Câmara dos Deputados e Palácio do Governo.

⁵⁶ Bianda é comida que tem arroz, expressão em língua crioula.

Passei pela Estátua de Amílcar Cabral que fica em frente do Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira. Pela frente do Comercial Santy. E outras instituições. Fui parar mesmo na Praça. Praça da Independência. Foi neste lugar que comprei meu novo chip e saldo.



Imagem 62 - Estátua de Amílcar Cabral em frente ao Aeroporto Internacional da Guiné-Bissau, Osvaldo Vieira.



Imagem 63 - Palácio do Governo.



Imagem 64 - Mercado de Bandim.



Imagem 65 - Palácio da Presidência.



Imagem 66 - Praça da Independência.

Acervos pessoais. Abril/2016.

Tempo vai, tempo vem. Conversa vai, conversa vem. Muita troca de experiência entre nós. Nesta hora éramos apenas três. Eu, Matchon e Danilson. Bacari foi buscar sua esposa e Meju seguiu para sua casa. Depois de umas três horas de conversa na frente da praça, fomos num lugar que servia comidas e petiscos. Chegamos. Pus o celular para tomar carga. Comemos. E depois fomos embora.

3.2 EXPERIÊNCIA EM BISSAU, RECEPÇÃO E CONVIVÊNCIA EM PLACK

II

Chegando a Guiné-Bissau, mais especificamente em Bissau, fui recepcionado na casa de quatro meninos bijagó, todos eles da Ilha de Orango Grande e também primos de Magnusson. Eram quatro irmãos, Ani, Deke, Magno e Matchon de Pina. Filhos do mesmo pai, mas de mães diferentes.

Ani e Matchon, filhos do casal que no momento encontra-se em Portugal. Deke, filho de uma bijagó da tabanca de Acagumé, na Ilha de Orango Grande, e Magno, filho de uma bijagó que mora no centro da Ilha de Bubaque, dividem um quarto no bairro de Plack II na capital.

Todos eles já trabalham. Ani, Deke e Matchon não têm trabalho e nem profissão fixa, diferente de Magno que vende frango na feira do bairro. Em situação colegial, Ani e Deke

que são os mais novos, estão ainda no colegial. Magno se dispersou das atividades e Matchon, o mais velho, já terminou os estudos.

Quando eu cheguei a casa, só estava presente Magno e Matchon. A escola pública estava sem aulas e por isso Ani e Deke não estavam na capital. Os dois tinham ido para Ilha de Orango Grande. Os dois são os mais novos dos que moram na casa e cada um tem um filho.

Nessa mesma época era o tempo de colheita do caju, então, como forma de arrecadar algum dinheiro e como estavam sem atividades em Bissau, foram para a Ilha. Segundo Matchon, lá na tabanca de Eticoga e no caminho indo para Acagumé, seu pai tem uma plantação de caju, e era lá que os meninos estavam colhendo os frutos da plantação.

A colheita do caju é uma tradição cultural em várias partes da Guiné-Bissau, nas Ilhas isso era muito visível. O assunto dentro das tabancas era sempre a colheita do caju, o suco do caju, o vinho do caju, a castanha do caju.



Imagem 67 - Tirando caju do cajueiro.



Imagem 68 - Fruta caju.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Segundo os moradores das tabancas, toneladas de castanhas eram exportadas para a Índia. Os maiores compradores de castanhas nas tabancas eram oriundos da etnia fula. Os povos da etnia fula costumam ser caracterizados como comerciantes, por terem negócios por todas as partes da Guiné Bissau, e a exemplo de um bijagó, na Ilha de Orango, tinha um senhor chamado Zé da Silva, conhecido como o maior exportador da Ilha de Orango Grande.

A estadia na casa dos meninos se deu de forma muito tranquila. A família em si era muito acolhedora. Sempre muito atenciosa. O quarto ficava ao lado de fora de uma casa. Era um casarão que foi dividido e repartido para os filhos e as duas mulheres do falecido dono da casa. Cada um fez do seu pedaço o que pôde e quis.

Essa casa em que fiquei era alugada. O acordo ficou de o pai pagar a saca do arroz e o aluguel e os filhos darem conta das outras eventuais necessidades. Raramente eles me deixavam pagar alguma coisa. Eu gastava muito comprando água e muita comida para alimentação fora de casa, além do café da manhã e da noite.

Com a minha visita os vizinhos sempre repartiam os pratos que faziam em casa. Era de fato uma família reunida numa só casa, só que cada em seu quarto. A relação de afetividade era muito perceptível. E sempre o tratamento dos mais novos com os mais velhos, era como de filhos para pais.

M'Balia Cumba Sá era a mulher mais velha da casa. Saiu da Guiné-Conacri junto com seu falecido marido. Ele fazia parte da tropa militar e deixou suas duas mulheres, M'Balia e Amelia e vários filhos. Todos moram juntos na configuração da casa descrita acima anteriormente.

Os irmãos sempre estavam muito unidos e munidos de afeto. Um protegia o outro. Era uma relação que Matchon chegou até comentar comigo, que toda a família havia reclamado da estrutura da casa e de como eles teriam de morar. Depois, se surpreenderam pela boa formação e convivência entre todos. Cada um com suas especificidades, mas sempre pensando no coletivo. É óbvio que sempre tem a briga de irmãos por não concordar com algo que o outro fez, mas sempre havendo respeito, mesmo não tendo muita diferença de idade eles respeitavam o mais velho, não só como aquele que tem mais idade e sim como um irmão mais velho mesmo.

Depois que eu fui para a Ilha de Orango, pude presenciar também a forma como eles conviviam dentro da tabanca. Na tabanca era quase a mesma configuração, só que ficava dividido em dois quartos. Ani e Deke em um e Magno e Matchon no outro. Nesta viagem, o único que não estava presente foi Magno, que como eu disse, tinha seu trabalho em Bissau.

Na volta, éramos cinco no quarto. Uma experiência fantástica! Quase nunca conseguíamos reunir os cinco. Sempre cada um tinha uma atividade para fazer, o que causava alguns desencontros. E quando estavam três, Ani, Deke e Magno – Matchon estava comigo na rua.

As crianças todas eram muito meigas e amigas. Zezinho, Axa, Crishilda, Juzelia, Cremildes, Neuzazinho eram meus despertadores. Sempre que podiam estavam ao meu redor. Nos momentos em que eu estava em Bissau eles aproveitam bastante o tempo. Quando eu viajava para as Ilhas, ficavam sempre saudosos. E eu também!



Imagem 69 - Da esquerda para a direita: Valeriana, Zezinho, Iuri e Juzelia.

Acervo pessoal. Maio/2016.

No dia em que eu tinha de lavar o cabelo, como não havia chuveiro, lavava mesmo na área externa. Tinha um espaço livre na frente da casa com chão de barro batido. Era uma alegria. Zezinho sempre pedia para depois que eu lavasse o meu, eu lavasse o dele. Tinha quase nada de cabelo. As meninas gostavam de conversar e tirar fotos. Ficavam prontas esperando a hora depois do almoço para poderem ser fotografadas. A maioria me ajudava a pegar água na fonte. Colocava o balde na corda e puxava umas vinte vezes até chegar à parte superior.

Toda vez que Mama M’Balía, a quem todos chamam de Mama, saía para fazer qualquer coisa, me trazia frutas. Uma manga maior que a outra. Sempre me chamava para comer da sua comida. Como era hipertensa, a comida era feita separada e sem sal. Era um gesto de amor atrás do outro.

Chamava-me sempre para ficar na sombra depois do almoço. Conversávamos bastante. Como ela não fala português, nossa conversa era toda em *crioulo*. Ela só falava o *crioulo* e o francês, aprendido ainda em Guiné-Conacri.



Imagem 70 - Retirando água da fonte.



Imagem 71 - Mama M’Balía Cumba Sá.

Acervos pessoais. Maio/2016.

No final da viagem, a despedida foi um pouco rápida e tensa. Meu voo de volta para o Brasil era à noite em um horário em que todos já estavam dormindo. Ou seja, dormiram

conversando comigo e acordaram sem mim. Mas, como um bom visitante, as portas ficaram abertas e eu dei palavra de volta. E que eles esperem, pois será mais um sonho reencontra-los.

3.3 ÊXODO DOS JOVENS BIJAGÓ

O êxodo dos jovens Bijagó em Guiné-Bissau origina-se na maioria das vezes do conflito entre o tradicionalismo cultural e a modernidade, no que tange às práticas culturais da etnia. A não valorização do espaço, enquanto não industrial e moderno, é parte desse processo de migração para a capital e até mesmo, em alguns casos, outros países vizinhos ou até mesmo os parceiros.⁵⁷

O êxodo dos jovens Bijagó parte também, de uma má distribuição de verbas pelo governo. São verbas que deveriam ser destinadas às ilhas a fim de aumentarem os níveis de educação básica dos pequenos estudantes e dar suporte aos maiores, numa perspectiva de melhoria para todo o povo.

Os jovens bijagó não saem de suas ilhas apenas em busca de educação ou trabalho. Na educação básica e familiar muito lhe é dado. Trabalho também não falta, sobretudo aquele voltado ainda para a agricultura familiar. Mas os meninos de lá, assim como os nossos daqui, querem algo “melhor”. Querem alçar maiores voos e conseguir destacar-se no cenário sociopolítico do seu país. Como explicita LEITE (2008, p. 78):

Para configurar-se socialmente, o individuo depende totalmente da sociedade. Existem aí duas proposições básicas. A primeira, muito evidente, é a de que somente a sociedade é fonte absoluta dos valores sociais e técnicas que levam à socialização. A segunda, menos evidente, coloca o ser como dinâmico e transformável em sua substância, cabendo à sociedade, através de representantes qualificados e técnicas especiais, provocar e conduzir as transformações básicas necessárias. Em outras palavras, a sociedade está encarregada de produzir o ser histórico através da manipulação eficaz dos elementos constitutivos do homem. Isso explica o fato de a iniciação constituir um elemento vital da interpretação do homem. Para os fins deste trabalho, convém desde logo distinguir duas grandes dimensões da iniciação: 1. a iniciação aqui chamada de *atípica*, até certo ponto não abrangente, que envolve a formação do individuo em relação a uma atividade social específica, como por exemplo, dentre outras, aquelas referidas a ferreiros, caçadores, pescadores, médicos, dirigentes de cultos a divindades e ancestrais, adivinhos, “comedores de alma”, “mágicos” e, mesmo, aquelas concernentes às práticas políticas, caso da iniciação leva, portanto, à emergência de tipos sociais *diferenciados*; 2. a iniciação denominada típica, que faz aparecer plenamente o individuo natural-social padrão por excelência e o introduz formalmente na sociedade, levando à emergência de tipos sociais *não-diferenciados*.

⁵⁷ Vide o conceito de tradição inventada pelo ocidente, segundo RANGER, HOBBSAWN. (1997).

Os fatores existentes para uma consolidação dos migrantes da zona rural para a urbana pode ser explicada pela onda de imposições do Ocidente, em caracterizar as sociedades africanas no que diz respeito às tradições, classificando-as como estáticas e não receptíveis a uma nova configuração (modernidade) e assim, gerando incapacidade de produção pelos jovens. No geral, e em particular, é notória a necessidade da juventude para com seus processos de migrações. Não só a necessidade, pensando especificamente em melhorias de vida, mas também, na expectativa de se chegar a um novo contexto sociocultural, expandindo às novas oportunidades oferecidas pelo sistema moderno dos outros locais.

Os processos migratórios destes jovens partem de questionamentos do cotidiano, dos seus modos de vidas, a partir de novas perspectivas oferecidas em novos espaços, vistos como modelo por aqueles que conseguiram alcançar outras realidades. Questionando o modo de vida levado no campo, enaltecendo os valores tradicionais de uma sociedade que vive sob o aparato do ocidente.

A acentuação desses êxodos acontece também, acompanhada da esperança de um retorno a curto ou longo prazo, com benefício próprio. Também pensando em trazer benfeitorias às suas famílias. Esse é um fenômeno consequente dos próprios processos de descobertas, fruto de ampliações de oportunidades geradas em outros Espaços.

No campo, a divisão do trabalho deriva-se da formatação de vivência tradicional dos povos africanos. As mulheres, em sua maioria, ainda sem contar com o êxodo dos seus filhos, ficam com a parte do trabalho agrícola e doméstico, enquanto os homens se dedicam a caça e a pesca.

Para além de divisão familiar, as responsabilidades por cada atividade definem o trabalho coletivo nas tabancas. É necessário que haja empenho por parte dos integrantes de seus grupos, valorizando o trabalho coletivo na perspectiva da sobrevivência de todos, caracterizando-se uma dinâmica social e de produção que sustenta o alicerce da agricultura de subsistência.

Não se têm uma valorização daquele que mais produz ou que mais caça. Daqueles que vão à horta para colher o caju em sua época de colheita ou daquele outro que mais consegue construir viés de melhoria em suas casas. A atividade do grupo não é pensada e nem valorizada em seu modo individual.

A relação do coletivismo parte do sentido de reciprocidade, pensando numa perspectiva de redistribuição daquele trabalho coletivo. Esta relação foge das regras e normas

de mercado (sentido financeiro). Nesse coletivismo, depois do trabalho, o resultado das colheitas é dividido. Os mais velhos sempre são contemplados, pois, já contribuíram bastante com seu trabalho para a tabanca. Vai explicar, (SCANTAMBURLO, 1991):

Através dos séculos, a cultura e a tabanca bijagós só puderem sobreviver como uma unidade independente devido à transmissão sucessiva das normas da sua sociedade de uma geração para outra. Mantendo todos os elementos juntos através de relações de amizade e de necessidade de ajuda mútua, desenvolveu-se no povo a convicção de que a unidade e a responsabilidade para com as tradições poderia garantir a sobrevivência de todos.

Não há obrigação em você trabalhar para dar ou receber, mas é neste intuito que a relação dos indivíduos se respalda. Não se envolve contrapartidas superiores aos laços de amizade, família, questões étnica ou por vizinhança, a afetividade é que sustenta a forma tradicional de viver. Em contrapartida, conforme menciona Pinto:

Nas cidades, a família tradicional, o sistema económico, as relações políticas tradicionais degeneram. A sobrevivência faz-se de outro modo. A cooperação comunitária tende a dar lugar à competição natural da economia urbana. Gerações de guineenses conheceram as praças coloniais, a metrópole e outros países desenvolvidos (são estes que predominam na elite política e intelectual da actual Guiné-Bissau). A vida moderna integrou a sua formação e a vida tradicional já não respondia às suas aspirações. Inicia-se, no entanto, uma nova fase na relação de forças entre o mundo urbano e o mundo rural, entre a tradição e a modernidade. A vida tradicional começa a recriar-se no espaço urbano. (2009, p.23).

Como consequência da migração para a capital e outros locais mais desenvolvidos, chamo atenção para a construção de novos laços de pertencimento, em outros espaços, para além da etnicidade. Ainda segundo Pinto:

Apesar do acentuado individualismo que caracteriza a vida na cidade, verifica-se, em Bissau, uma solidariedade, não só para com a família alargada, mas também para com os membros de uma mesma etnia. Apesar da perturbação da estrutura social tradicional, o sentido de pertença ao grupo étnico tem sofrido um desgaste mais lento, tendo até momentos de forte reanimação. O desenraizamento social é um factor a considerar como potencializador da manutenção da pertença étnica em ambiente social estranho (2009, p. 23).

Existe uma complexidade ao tentar detalhar culturalmente os povos da etnia Bijagó das ilhas denominadas ainda como tradicionais, como por exemplo, Orango Grande e Canhabaque. São ilhas que possuem vivências e práticas culturais tradicionais, mas que não ficaram paradas no tempo, ao contrário, acompanham as dinâmicas das transformações sociais, a que são postas à provas, assim como muitas comunidades tradicionais africanas,

reforçando o conceito de tradição como não estática, contudo, entretanto, inversas às práticas culturais das ilhas de Bolama e Bubaque⁵⁸.

Ao ouvir os relatos dos jovens Bijagó, é possível notar o grau da relatividade no que tange a cultura e as práticas tradicionais entre os Bijagó de Orango e os Bijagó de Bubaque, mesmo àqueles que viveram ou vivem as migrações de suas tabancas, como exemplifica Bordonaro ao abordar as narrativas dos que vivem atualmente em tabancas ou *Praça*⁵⁹.

Um dos aspectos mais sobressaliente dos jovens que vivem neste espaço são as suas narrativas modernistas, caracterizadas pelas oposições próprias da ideologia da modernidade. Definindo-se a si mesmos como “desenvolvidos”, urbanos, educados, os jovens da *Praça* contrapõem-se ao mundo das aldeias, considerado com desprezo como atrasado, primitivo e não civilizado (2006, p. 2).

A adesão a uma nova modernidade, como é referenciada a ilha de Bolama, pode ser vista, para além de uma alteração das práticas culturais tradicionais, bem como, de um novo modelo e estilo de vida, adotando a contextualização de como vestir, arrumar o cabelo ou como cumprimentar as pessoas. O que também pode ser analisado de forma inclusiva usando os conceitos de tradição e modernidade. Bordonaro comenta e explicita o conceito de modernidade adotada na ilha de Bolama, enfatizando, sobretudo, um passeio pelas praças, no qual ele vai registrar, que:

Em particular, quem desse um passeio na Praça de Bubaque no Sábado a noite, ficaria surpreendido para o cuidado com quem rapazes e raparigas se vestem, se adornam: as atitudes, os corte de cabelo, as roupas, todos respondem a uma estética, um estilo que os rapazes chamam *cool*. Ser *cool* não é só vestir gangas, ténis de marca, chapéu de baseball e absurdos óculos de sol nas escuras noites de Bubaque. É também uma maneira de andar, de cumprimentar os amigos, de falar, de tratar com as meninas. Paralelamente ao que acontece em outros lugares em África (Larkin 2000, Weiss 2002), a estética do *cool* em Bubaque tem muito a ver com ícones de sucesso global da cultura negro-americana, nomeadamente a cultura do hip-hop, mediada e reinterpretada por os artistas da cena musical Africana e Lúso-Africana em particular (2006, p. 2).

No contexto da reafirmação do conceito de modernidade enquanto mediadora de uma nova civilização, Bordonaro aponta uma das consequências do êxodo das tabancas pela juventude Bijagó:

⁵⁸ Não faço referência ao comportamento utilizado por todas as tabancas.

⁵⁹ O autor utiliza esse conceito para diferenciar os jovens moradores das tabancas ou das praças, no sentido da modernização do espaço.

Para a maioria deles a *Praça* é o lugar onde alguém tem que se vestir correctamente, à moda, quase um palco da modernidade. As roupas são também um sinal de 'civilização' e de 'desenvolvimento', eficaz para marcar o distanciamento dos valores e hábitos da aldeia, manifestando ao mesmo tempo proximidade com o ambiente moderno da *Praça* (2006, p. 3).

Em certo ponto, essa modernidade acaba por pesar sobre os valores tradicionais, culturais e étnicos do grupo, pois, passam a ser vistos como atrasados, “fora da moda”, fugindo do conceito de civilização utilizado pelo ocidente, ao retratarem as comunidades tradicionais africanas como não civilizadas, isso num contexto de uso dos seus próprios métodos e modos de atualização e modernização.

Como por exemplo, a transmissão dos valores étnicos tradicionais: o respeito à natureza e aos mais velhos da tabanca e a separação entre o sagrado e o profano, que são passados de geração em geração e que por sua vez, são incumbidos da preservação das práticas culturais, a fim de serem retransmitidas para as gerações futuras, formando dessa forma, um ciclo histórico, tanto de aprendizado local como de valorização dos seus valores e pertencimento.

Imagino que as tradições inventadas com carácter moderno pelo ocidente sejam tão propositais e perversas quanto o processo escravocrata, no que diz respeito às imposições socioculturais do antigo sistema português. Uso como exemplo, a catequese, usada pelos portugueses como critério de doutrinação religiosa dos então escravizados.

A catequese tinha o intuito, de, para além de trazer os escravos para a doutrinação católica, fazer com que os novos adeptos se desligassem das suas práticas religiosas, extinguindo-as, e fazendo-se acreditarem no que ouvia durante o processo de aprendizagem dos conteúdos do catolicismo.

Segundo PINTO (2009, p. 29), podemos concordar até certo ponto sobre a explicação da ruptura das práticas tradicionais das comunidades africanas, mas, porém, há contradição em explicar este conceito, quando menciona que a “modernidade não exclui necessariamente a tradição”, pois tanto quanto no passado escravocrata em que a tendência era de impor uma religião, uma nova cultura aos africanos, lhes negando dessa forma o direito das praticidades das suas tradições culturais e religiosas.

Pois a modernidade imposta pelo ocidente pode ser vista como uma neocolonização, em que os valores locais tendem a ser submissos e renegados aos da globalização:

O fato de, como referido, as modalidades tradicional e moderna da experiência coexistirem no seio de uma mesma sociedade e numa mesma época, põe o problema

das relações que estabelecem entre si. Sob um ponto de vista social e psicológico, se a modernidade é ruptura, a tradição representa a única fonte possível de sentido. Mas a modernidade não exclui necessariamente a tradição. (PINTO. 2009, p.29).

HOUNTONDI (2008, p.1) provoca os novos pesquisadores e investigadores africanos que estejam envolvidos na área dos Estudos Africanos e de todas as outras disciplinas, ao afirmar que eles precisam produzir mais sobre suas trajetórias, e contar suas próprias histórias, pois, o que existe de estudos africanos tem sido escrito para fora, em confronto com as escritas maciças vinda do ocidente “[...] *Propõe uma nova orientação e novas ambições para investigação feita por africanos em África.*”

PINTO (2009, p.29) também provoca, mas de uma maneira sutil, relativizando o contexto de modernidade, explicada da seguinte forma. O jovem precisa entrar na tradição inventada pelo ocidente – a modernidade, para conseguir se superar e escrever também sobre suas histórias e trajetórias, mas, que agora, encontram-se incapacitados.

A jovem elite intelectual guineense é a matéria-prima ideal para realizar esta síntese. Estes jovens são produto, simultaneamente, de África e do Ocidente. Encontram-se, por enquanto, incapacitados em grande medida de provarem a sua hipotética capacidade de implementar políticas conducentes a uma profícua conjugação destas duas lógicas. Isto é, orientar uma procura e definição das continuidades e descontinuidades úteis para o desenvolvimento guineense.

Entendo que essa incapacitação referida pela autora, é derivada da não adoção da modernidade nas comunidades tradicionais africanas, o que gera, de certa forma, atraso nos resultados positivos dos africanos e de África.

LARAIA (2001) disse em uma passagem do seu livro que, no Manifesto sobre aculturação, resultado de um seminário realizado na Universidade de Stanford, em 1953, alguns autores afirmaram que, “[...] *O contato, muitas vezes, estimula a mudança mais brusca, geral e rápida do que as forças internas.*”

Em relação aos impactos de um homem moderno e de uma sociedade mergulhada na modernidade e no tempo⁶⁰, prefiro acreditar que a tradição, não a tradição inventada pelo ocidente⁶¹, e sim a tradição das comunidades tradicionais africanas caminha, porque não é uma tradição estagnada, sempre para um melhor modo de vida, perpassando as melhores experiências de se viver, como explicita (PINTO. 2009 p.29):

⁶⁰ Tempo não estático. Inverso ao contexto de modernidade trazida pelo ocidente.

⁶¹ RANGER; HOBBSAWN. (1997)

Por outro lado, a opção por uma modernidade à semelhança do Ocidente tem custos, cada vez mais visíveis sobre o Homem e sobre o meio ambiente. No entanto, a modernidade continua a ser identificada com o desenvolvimento. Mas, se o desenvolvimento se deve medir no aumento da qualidade de vida das pessoas, o que constatamos quando observamos o impacto da modernidade no Ocidente são as perturbações graves que os processos de modernização acabaram por provocar sobre o meio ambiente, assim como de insidiosas coacções sobre os processos de emancipação do sujeito. O stress e as condições muitas vezes infra-humanas da vida nas grandes metrópoles, o esgotamento dos recursos naturais, os atentados contra o meio ambiente, as novas formas de imposição de escolhas alheias à livre decisão dos cidadãos, o fim de um espaço público, onde os processos de livre discussão deveriam legitimar as escolhas políticas, e a sua substituição por processos mediáticos instrumentais de sedução são alguns exemplos de um novo tipo de condicionalismo sobre a experiência do homem moderno.

Dentro dos vários problemas que vimos até aqui, alguns dos quais parciais e outros de total responsabilidade pelos êxodos da juventude Bijagó. Aproveito para sinalizar e ressaltar, que as migrações das tabancas não se dão somente para a capital, bem como, se estendendo para além das fronteiras do país afora.

A falta de emprego, má distribuição de renda, más condições de serviços básicos de uma sociedade, tais como: saúde, educação, segurança, moradia e lazer, em menor proporção, também têm contribuído significativamente, e até taxativamente, para que aconteçam essas migrações em massas, como retrata INCOPTÉ (2014)⁶²:

E se pensarmos que uma das razões para o não aproveitamento dessas potencialidades na agricultura prende-se, justamente, com o êxodo rural dos jovens, que estão a invadir Bissau por falta de alternativas nos campos, fazendo-nos ter uma cidade cada vez mais lotada, com uma taxa de desemprego altíssima (acima dos 30%), chegamos à conclusão que poderíamos resolver esses problemas com um maior investimento/promoção na formação e no emprego jovem, no quadro do estancamento do êxodo rural, incentivando e disponibilizando formação profissional e emprego, muito focalizados naquilo que são as necessidades das zonas rurais.

Pinto vai retratar a causa da superlotação nas capitais, como consequência do regime mercantilista ocidental, que ao se instalar nas capitais vai provocar um forte processo migratório, no sentido de êxodos do campo para a cidade, já que no campo, com a chegada avassaladora de uma nova modernidade, o local⁶³ onde ainda prevalece à agricultura de subsistência, não se têm investimentos por parte do Estado, como referi acima.

⁶² Disponível em:

<http://www.didinho.org/Arquivo/OPAPELDAJUVENTUDENACONSOLIDACAODOPROJECTONACAO.htm>> Acessado em: 13 de novembro de 2016.

⁶³ Faço referência às tabancas.

A consequência mais decisiva para as sociedades tradicionais é o movimento migratório para as cidades, que até hoje se verifica. É nestes espaços que se começam a abandonar os comportamentos tradicionais que aqui se encontram deslocados, descontextualizados. A urbe opõe-se ao mundo tradicional, uma vez chegados, há que jogar com as novas regras. (2009, p.23).

Na verdade, a capital é o espaço que frequentemente tende a reproduzir práticas ocidentais, valorizando a contextualização da modernidade e priorizando a normalização do espaço moderno. Dentre as várias práticas, é possível distinguir os moradores da capital com os do campo, por exemplo, através da forma de vestir, de falar, e portar perante determinada situação, além do desejo consumista de ser.

3.4 PARTICIPAÇÃO NO EVENTO QUE MARCA A IDA DOS ESTUDANTES GUINEENSES PARA A BAHIA E CEARÁ, BRASIL

Em convite de um dos funcionários do Centro Cultural Brasil Guiné-Bissau, Frederico Cabral, em uma visita à Embaixada Brasileira no país, participei como convidado de honra do envio dos estudantes que haviam concorrido a bolsas da UNILAB para o Brasil na semana próxima.

Eram estudantes que estavam divididos entre envios para os estados da Bahia e Ceará, e para os municípios de São Francisco do Conde e Redenção, respectivamente. Este evento é uma celebração em formato de sessão solene, onde os representantes do Ministério das Relações Exteriores da Embaixada Brasileira na Guiné-Bissau confraternizam a ida dos estudantes guineenses para o Brasil.

Foi no auditório do Centro Cultural Brasil Guiné-Bissau que a Embaixada Brasileira recebeu os estudantes, as suas famílias e amigos. Um momento que os presentes se saúdam, fazem momentos de integração entre família-estudante-embaixada e comemora a vitória daqueles que estão prestes a partir de Bissau para estudar.

Na oportunidade do evento e na composição da mesa, participa um pai, José Gomes Vaz – aquele escolhido pelos estudantes para representar o coletivo de pais e responsáveis encarregados pela educação; um estudante, Júlio Sane Lopes – presidente da comissão aquele também escolhido pelos estudantes para representar o coletivo de estudantes durante o processo do edital, facilitando a comunicação entre embaixada-concorrente.

Também na composição da mesa, estavam os representantes da Embaixada Brasileira na Guiné Bissau e do Ministério das Relações Exteriores – MRE, Fernando Apparicio da

Silva – Embaixador e Leonardo Lott Rodrigues – Ministro Conselheiro. Além dos representantes consulares presentes na sessão, como Maria da Glória Lira e Evanilda Danilda.

A manifestação do pai, de extrema importância, foi de aconselhar aos estudantes que estavam indo para o Brasil, e ressaltou bem a questão do comportamento e disciplina fora do seu país: *“Traga diplomas e não filhos... Deixa os filhos para depois.”*. A fala do representante foi no intuito de agradecer aos pais e responsáveis pelos incansáveis esforços que fizeram para que eles conseguirem chegar aonde chegou.

Na fala dos representantes da Embaixada ficava evidente a saudação e congratulação em forma de recepção ao Brasil, desde a Guiné-Bissau. Além dos conselhos com caráter diplomáticos, os quais, segundo Frederico, já tinham sido repassados durante o processo do edital, e também sobre o projeto da UNILAB.



Imagem 72 - Informativo sobre a missão e projeto da cooperação da UNILAB com os países parceiros.

Acervo pessoal. Maio/2016.

No final da sessão solene, e por acreditar que não seja sempre o mesmo formato as confraternizações dos envios dos estudantes, o Embaixador sorteou alguns livros, foi recolhido uma quantia em dinheiro doado pelos pais para comprarem materiais e produtos com representação étnica para trazerem para o Brasil, fizeram uma homenagem ao Frederico pela constante mobilização e facilitação para os estudantes durante o processo da bolsa e no final, a confraternização acabou com um coquetel na área livre do Centro.



Imagem 73 - Término da Sessão Solene de envio dos estudantes da UNILAB. Da Guiné-Bissau para os estados da Bahia e Ceará no Brasil.

Acervo pessoal. Maio/2016.

3.5 VISITA E PARCERIA COM O INSTITUTO DA BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS – IBAP



Imagem 74 - Placa de abertura do IBAP.

Acervo pessoal. Maio/2016.

Em contato com a Coordenadora do Seguimento das Espécies e dos Habitats, do Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas da Guiné-Bissau, Aissa Regalla, foi que também ajudou a montar meu calendário de estadia e vista nas Ilhas a serem pesquisadas.

Pela relevância da minha pesquisa de campo na Guiné-Bissau, sobretudo nas ilhas do Arquipélago Bolama/Bijagós, recebi uma carta-convite (vide anexo 16) assinada pelo Diretor Geral do IBAP, Alfredo Simão da Silva, a fim de facilitar a minha estadia no país enquanto visitante/pesquisador/investigador, a qual resultou junto com outra carta-convite o visto de Cortesia pela embaixada da Guiné-Bissau no Brasil.

Ao chegar a Bissau e depois de me acomodar, fiz uma visita pessoalmente ao IBAO no setor o qual eu já mantinha contato desde o Brasil. Na oportunidade, foi me apresentada outras pessoas na intenção de me ajudar com outras informações e perspectivas sobre as Ilhas Bijagós.



Imagem 75 - Foto da fotografia de um homem segurando um cacho de *chabeu*.



Imagem 76 - Foto da foto do contato do homem com a natureza.

Acervos pessoais. Maio/2016.

No mesmo dia da visita, conheci as instalações da Instituição, ganhei alguns materiais informativos e peguei contatos de pessoas que poderiam me ajudar enquanto estivesse em algumas das Ilhas a serem visitadas.

Ao conhecer as instalações e passando pelas salas e corredores, conheci um senhor chamado Tomé Mereck, 43, representante da fundação CBD-Habitat empresa espanhola e parceira do IBAP, e já para me entrosar nos assuntos da minha pesquisa, lhe perguntei como via o êxodo dos jovens e adultos das Ilhas Bijagós, visando à perspectiva da permanência étnica, no que diz respeito às práticas culturais e tradicionais da etnia Bijagó:

“O que eu te posso responder é que quando um bijagó que sai do arquipélago e vem viver aqui em Bissau e casa com uma outra etnia independentemente disso, ele se é mulher, tanto o homem quanto a mulher não perde a sua identidade, sempre quando que ele sai já adulto do arquipélago e vem viver em Bissau e casar com outra etnia não muda, a não ser que, antes de sair dos Bijagó já mudou da religião ou é protestante ou é católico ou é de religião islâmica isso é outra coisa já não faz a tradição mas quem desde pequeno faz essa tradição continua, porque cada ano o Bijagó tem que pagar cerimônia, ela cada ano tem que fazer essa cerimônia, saindo de Bissau tem que voltar para poder fazer essa cerimônia.”

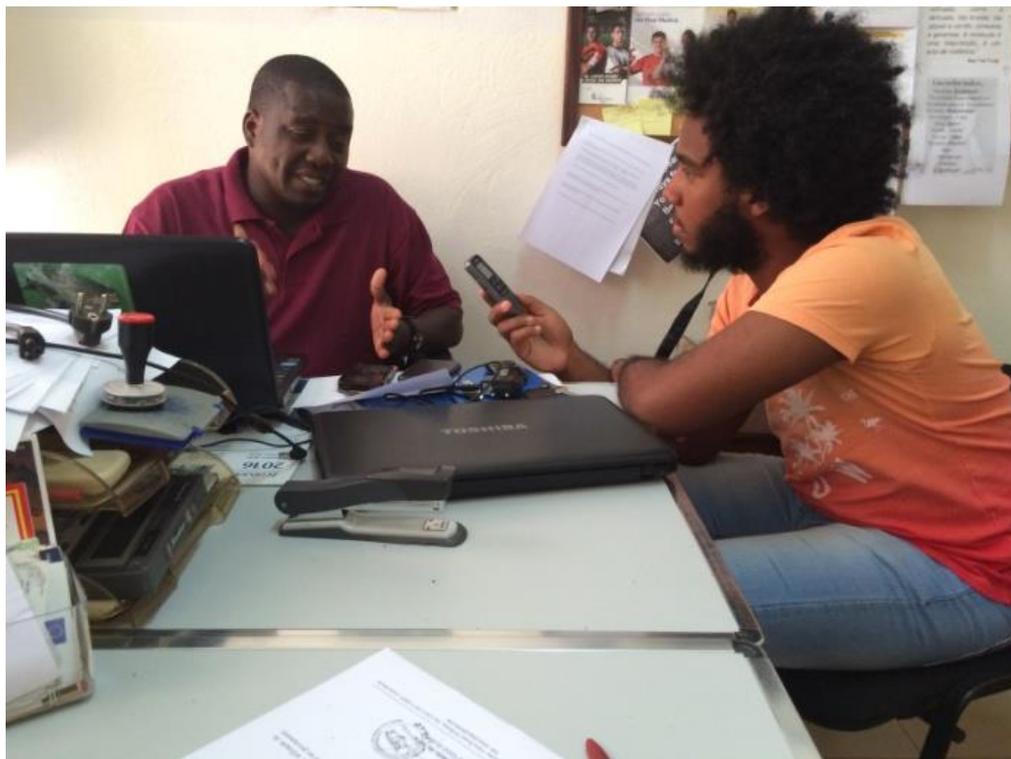


Imagem 77 - Entrevista com Tomé Mereck no IBAP.

Acervo pessoal. Maio/2016.

Acabando a entrevista, sai da sala e passei em outras para conhecer o restante dos responsáveis de cada setor desta mesma Instituição. Acabou a visita com a representante da área de comunicação do IBAP, Alanan Fonseca, a qual que ficou encarregada de me auxiliar com outros informativos mais específicos da presença do IBAP nas Ilhas Bijagós.

Em despedida com Aissa Regalla, ficou acordado de o IBAP me fornecer uma credencial (vide anexos) para que eu pudesse usar nos espaços onde eu fosse fazer as pesquisas caso me fosse solicitado, até mesmo como uma forma de segurança no que tange ao acesso em outras instituições.

3.6 PARCERIA COM INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA DA GUINÉ-BISSAU, INEP

A ideia de entrar em contato com o Instituto Nacional de Pesquisa da Guiné-Bissau surgiu de indicação de muita gente. Tanto no Brasil quanto em Bissau, eu recebia indicação para procurar, antes de qualquer coisa, esta instituição, pois, seria nela, em que eu poderia debruçar e conseguir muitos materiais (impressos) acerca da história e povo da Guiné-Bissau.

O INEP é o maior centro de referência em pesquisas da Guiné-Bissau. É uma enorme biblioteca com vastas peças publicadas tanto por guineenses quanto por estrangeiros. Lá é possível encontrar os Boletins Culturais das edições da Soronda, livros, revistas, jornais, artigos científicos, todo e qualquer tipo de informativo, não só que trate ou retrate a Guiné-Bissau.

Meu contato com esta Instituição começou muito cedo, ainda no Brasil. Foi através de um sociólogo e investigador que conheci na internet, Miguel de Barros, é que eu tive uma melhor noção do que era o Instituto e como eu deveria aproveitar da existência dele em termos de consulta para a fundamentação e embasamento da minha pesquisa.

Em contato direto com a assistente do Diretor Geral do INEP Prof. Dr. Leopoldo Amado, Magda Pinto Bull, foi que consegui estabilizar e manter o apoio. Depois de alguns contatos formalizados por e-mail, foi me enviado uma carta-convite (vide anexo 17), onde a Instituição assumia o papel de anfitriã, solicitando a Embaixada da Guiné-Bissau no Brasil o visto de Cortesia para que eu pudesse realizar a pesquisa de campo em Bissau.

Uma ressalva para a cortesia desde o primeiro contato com a Instituição (vide anexo 18). Magda, em nome do Diretor Geral do INEP, sempre mostrou foi colaboradora e de fácil acesso, na condição de assistente, assumiu o papel de guia e consultora. Levou-me à biblioteca logo na primeira visita e lá, pediu ao funcionário que me orientasse da melhor forma possível e de uma maneira que fosse rápida, visando o pouco tempo que eu tinha em Bissau.

O INEP para mim foi o ponto de partida crucial para a pesquisa de campo. Foi lá também que eu pude abrir o campo da pesquisa. Muitos professores, investigadores, sociólogos sempre estavam presentes. Cada conversa e diálogo, servia-me como forma de consultoria.

Foi na sede do INEP que também pude encontrar com o Boaventura Rodrigues Vaz Horta Santy, um estudante guineense, formado na Universidade Federal de São Carlos – (UFSCar) em São Paulo, e que também tratou sobre os povos e espaços Bijagós em sua graduação. Então, dessa forma, já era um ponto positivo.

Antes de voltar ao Brasil, tive a oportunidade de conversar com o Diretor Geral do INEP, Leopoldo Amado, o qual, eu ainda não havia tido contato por conta de alguns dos seus compromissos internacionais, e quando calhava dele estar em Bissau, eu estava nas Ilhas.



Imagem 78 - Foto com o Diretor Geral do Instituto Nacional de Pesquisa da Guiné-Bissau, INEP, Prof. Dr. Leopoldo Amado.

Acervo pessoal. Junho/2016.

A minha parceria com o INEP rendeu bons frutos, pois, fiz bons trabalhos de campo, deixei bastantes amigos, e, principalmente, portas abertas, para que em um futuro próximo, eu venha, também, fazer parte, de alguma forma, contribuindo, com a biblioteca desta Instituição.

3.7 VISITA AO MINISTÉRIO DE CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

Em um encontro com o Ministro da Cultura, Juventude e Desporto, Francisco Conduto de Pina, foi que se deu a realização da visita ao seu Ministério. Conduto de Pina, 59. Bijagó de Bubaque é dono de um currículo imensurável no governo do atual presidente da Guiné Bissau, José Mário Vaz.

Foi em um encontro no Centro Cultural Brasil Guiné-Bissau que lhe descobri e tomei seu contato para uma possível entrevista sobre a cultura do povo bijagó. Desde então, sempre estávamos a nos falar e sempre a marcar datar, mas por desencontros das nossas atividades, não estávamos conseguindo.

No dia em que marcamos para nos reunir e de fato, estávamos ali, estava a ser um dia muito cheio para ele. O governo estava passando por crise, e vivendo uma tensão muito grande. Fiquei bastante tempo a esperar para ser chamado em sua sala. Ao entrar em sua sala, fui logo muito bem recebido. O mesmo se desculpou pela demora, mas eu disse, eu, enquanto pesquisador, e como estou precisando do senhor e da sua entrevista, e não poderia ter ido embora ou desistido, então, eis-me aqui. E o bom mesmo, foi não ter ido embora.



Imagem 79 - Saia tradicional da etnia Bijagó pendurada na sala do então Ministro Francisco Conduto de Pina.



Imagem 80 - Tambor pequeno de madeira pendurado na sala do então Ministro Francisco Conduto de Pina.



Imagem 81 - Saia tradicional da etnia Bijagó pendurada na sala do então Ministro Francisco Conduto de Pina.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Durante a nossa conversa, o senhor Ministro chamou então um dos seus assessores e pediu para que ele tomasse conta do que se fizesse necessário para a ocorrência da minha pesquisa no país. Orientando-o a planejar comigo uma forma que eu chegasse a todos os lugares e pessoas que fossem necessários para a colaboração fundamentação do meu trabalho.

E por fim da reunião que não durou muito tempo por conta de outros afazeres de ambas as partes, de Pina me indicou alguns autores e publicações, como por exemplo, a tese do Padre Luigi Scantamburlo, a qual eu faço menção aqui neste trabalho e no final, me presenteou com uma obra de Joana Benzinho e Marta Rosa, a qual contribuiu bastante para um conhecimento maior sobre a História da Guiné-Bissau.

3.8 VIVÊNCIA EM UM CASAMENTO TRADICIONAL E RELIGIOSO DA ETNIA BIJAGÓ EM GUINÉ-BISSAU

Após chegar de Bolama... Agradecer pela viagem. Descansar um pouco e voltar à realidade da pesquisa, pois neste mesmo dia que cheguei de volta a Bissau, fui convidado a participar de uma cerimônia tradicional e religiosa, dessa vez, era um casamento e também a entrega do *leba cabas*⁶⁴. Janete e Carlos estavam prestes a se casarem. Janete, mulher de etnia Bijagó. Carlos, homem de etnia Balanta⁶⁵.

Não era apenas o casamento de duas pessoas, pois, estavam a casar os seus corpos, os corações, as crenças, as religiões, as práticas culturais, as comidas. Todos os seus costumes estava perto de não serem mais individuais. As ideias coletivas já estavam muito próximas da relação deles dois, a começar pela casa a ser compartilhada.



Imagem 82 - Chegada do *Cabas*⁶⁶ à casa da família de Janete.

⁶⁴ Para transitar de uma categoria de idade para a outra é necessária a realização de cerimônias iniciáticas associadas ao pagamento das prestações às classes de idades superiores.

⁶⁵ Etnia da Guiné-Bissau.

⁶⁶ É o fruto da *Lagenaria sicerarial*, também utilizado para colocar as bebidas e outros itens pedidos pela família da noiva à família do noivo, como condição de pagamento pela retirada da filha em entrega ao rapaz. Em português, significa cabaça. É uma trepadeira da família *Cucurbitácea*, nativa das regiões tropicais atingindo um



Imagem 83 - Espera da noiva e de seus familiares para abertura do *Cabas*.



Imagem 84 - Família do noivo a espera da família da noiva para abrir e conferir o que estava no *Cabas*.

Acervos pessoais. Maio/2016.

metro de comprimento, com fruto carnudo, variável em forma (esférica ou alongada), de múltiplas utilizações no artesanato. Na ilha de Formosa a planta é cultivada nos quintais, nos arrozais ou junto ao mato, tal como a abobora, a melancia e o pepino. Depois de maduro, o fruto é cortado, decorado e polido com óleo de palma (que confere brilho e maior resistência), destinado essencialmente ao fabrico de utensílios de cozinha, enfeites em certas danças Bijagós e uso com fins cerimoniais.

Muita gente reunida na casa da família materna da noiva. Suas tias. Seus tios. Muitos primos e primas. Amigos de todos os lados e cantos de Bissau. Já era de se imaginar em encontrar muitas pessoas que moram nas ilhas, afinal, era uma Bijagó casando na Capital.

Eis que chega a noiva! Uma alegria. Sorriso estampado no rosto de todos aqueles que ali se fazia presente. Ela chega acompanhada de sua mãe, sua tia mais velha e de todas as mulheres mais velhas da sua família. Sim. Faz parte da tradição. A tia mais velha da noiva é quem comanda o casório. A mãe fica como expectadora, só a observar.



Imagem 85 - Chegada da noiva para se apresentar aos convidados e familiares do noivo.



Imagem 86 - Noiva sentada conferindo os itens contido no *Cabas*.

Acervos pessoais. Maio/2016.

A noiva aparece coberta de pano de *pinti*⁶⁷. Também faz parte da tradição do casório. Ela chega com sua tia que a deixa em frente da sua mãe para que seja descoberta e todos possam a ver. A mãe lhe tira o pano do corpo, abraça e lhe aconselha. Logo após, senta-se ao lado da filha para conferir a lista do que pediu para o *cabas*.

Depois de tudo contado e separado, é hora dos conselhos dos tios da noiva para a família do noivo. São as considerações finais. Enquanto isso, o noivo fica à espera da futura mulher em casa. Fica na expectativa de que a família aceite o que está no *cabas* e libere a moça. É como a sensação da resposta e de um ‘sim’ nas nossas cerimônias de casamento.



Imagem 87 - Cumprimento da noiva aos familiares, amigos e convidados.

Acervo pessoal. Maio/2016.

⁶⁷ É um tipo de pano usado em várias cerimônias tradicionais na Guiné-Bissau. Usado também para construir vestimentas. Tem um valor, além de simbólico, cultural. Um tipo de pano, culturalmente reconhecido pelos povos da etnia Papel. Foram eles que começaram a comercializar e a construir esta peça artesanal. Os seus tecelões são apenas os homens desta mesma etnia que aprenderam a arte com seus pais ou tios e os panos continuam a ser produzidos com os mesmos métodos tradicionais e nos mesmos teares, que também tem um caráter sagrado, podendo ser utilizados em rituais para a cura de algumas doenças. A tecelagem é considerada uma atividade sagrada e o uso destes panos é atualmente símbolo de estatuto social. A oferta de um pano de *pinti* deverá ser considerada uma honra. Generalizou-se ainda o uso destes panos em cerimônias e rituais, mas primordialmente eram utilizados apenas em cerimônias fúnebres por serem peças raras e de grande valor.

Tudo conferido. *Cabas* arrumado novamente. Separa-se uma parte para a festa e outra para a noiva. Depois, é hora de todos irem ao encontro do noivo para avisá-lo que está tudo em ordem e festejar o casamento. Muita comida. Muita bebida. Muitos animais são oferecidos em prol daquele casamento. A espécie e a quantidade sempre vão depender do que a família da noiva pediu à família do rapaz. Caso não tenha a quantidade conforme fora combinada, a noiva só sai de casa depois que os pais do rapaz cumprirem o trato. O *cabas* é pedido e montado conforme a tradição de cada etnia e família.

O *cabas* deste casamento foi composto por: “*Um pano de pinti, um pano lanceado*⁶⁸, *10.000 mil CFA, tabaco, vela, cola*⁶⁹[...] *linha, agulha, isqueiro, 3 Martini, 2 Fantas, 2 Champagne.*” Os itens: linha e agulha, são para o uso da mulher – de forma tradicional – na costura da roupa do seu marido, isto é, não por questão de subalternidade, mas sim por questões de zelo pelo seu rapaz. A vela e o isqueiro representam a não falta da luz dentro da sua casa.

A noiva chega à casa do rapaz, o cumprimenta, e prepara para dar boas vindas a todos os presentes. Os convidados seguem da casa da família da moça para a casa onde a mesma começará a residir. Quem estava na primeira parte da cerimônia, apanham *boleias*⁷⁰, seus carros ou motos e segue com muita buzina e festejos para os comes e bebes.



Imagem 88 - Entrada da noiva carro para ir ao encontro do noivo em sua nova casa.

⁶⁸ Pano de modelo europeu. Pano industrializado.

⁶⁹ Noz de cola é um fruto utilizado pela maioria dos mulçumanos na Guiné-Bissau.

⁷⁰ É o mesmo que carona, só que escrito em língua *crioula* da Guiné-Bissau.



Imagem 89 - Noiva em casa recebendo os familiares e amigos após cerimônia de casamento tradicional.



Imagem 90 - Noiva recebe cumprimentos dos primos.

Acervo pessoal. Maio/2016.



Imagem 91 - Foto com os noivos, Carlos e Janete, após a cerimônia tradicional de casamento em Bissau.

Acervos pessoais. Maio/2016.

Depois de muitas horas de festa, regada a muita comida e bebida e de muito diálogo com os convidados, percebi, a grande importância da família nesta cerimônia religiosa, pois, são elas as protagonistas de todos os detalhes do ato. São elas que fazem acontecer, ainda que seja em menor intensidade, a valorização da tradição e da cultura étnica do seu lugar de pertença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos sentimentos que mais me marcou nessa experiência, foi a sensação de GRATIDÃO. Pois é! Até aqui, escrevendo, estou GRATO. E sei que levarei essa GRATIDÃO para o resto da minha vida. O que Bissau, Bolama, Bubaque, Canhabaque e Orango me proporcionaram jamais sairá do meu coração. São lições de como se viver bem, de como tratar o irmão, de como olhar para o próximo, de como se preocupar na preocupação do outro.

Foram situações e experiências que tentei descrever aqui, ao longo desta monografia. Pois, o que é bom, é para ser mostrado, e tentei fazer isso, ao máximo, da melhor forma possível. O povo Bijagó, especialmente da Ilha de Orango, tem uma especificidade, que, eu posso estar enganado, pois não visitei todas as ilhas, mas só foram demonstrações de amor e união.

Acordar, e ter ao seu redor, mais de dez crianças, isso num contexto de localização de onde eu estava, no caso, então, chamo atenção para dez que moravam mais próximo de onde eu estava alocado, era muito bom.

Os melhores mimos que podemos receber na vida, são aqueles que se externam, como os verdadeiros sorrisos e os frutos que a natureza lhe oferece. É de uma simbologia e valor, que são fantásticos. Perceba a GRATIDÃO de uma pessoa, ao receber um balde de cajus, por exemplo, outrora, um prato com castanhas de caju torradas?!

Ou mais. Como é você dormir tarde e acordar tarde no outro dia, e ser acordado com seu almoço, vindo de longe, carregado num balde na cabeça e com várias mangas para o almoço e sobremesa. Como lidar e como receber sem poder dar nada em troca daquela prática do bem? Que recepção é essa que nos cativa e nos faz sermos melhores a cada dia que se passa?



Imagem 92 - *Cabas* com *combe* catado na beira da praia do Porto da Ilha de Orango Grande.



Imagem 93 - Dominginhos da Costa me trazendo almoço.



Imagem 94 - Prato do dia: arroz, *combe* e salada vinagrete.

Acervos pessoais. Maio/2016.

A minha pesquisa de campo, considero ter sido de grande excelência. Agradeço por não ter ocorrido dentro do que eu esperava, assim, me surpreendi e me deixei levar para além do projeto em que havia escrito. O campo abriu a minha mente e fez com que eu conseguisse chegar aqui, nestas considerações finais do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Em momento algum, nem durante a viagem, tampouco durante a minha estadia, tive algum problema ou situações desagradáveis. Em todo momento sempre me foi dado à

atenção, mais do que o necessário, se assim posso dizer, e ressalvo que todos, de alguma forma, ajudaram para que eu conseguisse elaborar este trabalho que escrevo.

Concluo de forma parcial, dizendo, que não quero parar por aqui com este tema, com certeza, ele me fará alcançar maiores voos e melhores resultados. Não se podia esperar pouco depois de tantos esforços. É só gratidão. O trabalho saiu e não só da minha forma e sim da forma como tudo aconteceu e como tudo se deu.

REFERÊNCIAS

- BENZINHO, Joana. ROSA, Marta. **Guia turístico: à descoberta da Guiné-Bissau**. 2015.
- BORDONARO, Lorenzo. **Valores e ícones da cultura juvenil na Guiné-Bissau: uma abordagem individualista e não-essencialista à dinâmica local/global**. CEAS – Centro de Estudos de Antropologia Social. Lisboa, 2006.
- CARDOSO, Augusto. UFBA. **Administração Política e Saber Bijagós: uma perspectiva analítica de conservação da biodiversidade na Guiné-Bissau**. Vitória da Conquista. 2013.
- COUTO, Hildo Honório do. EMBALÓ, Filomena. Pávia. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. Um país da CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**. Número 20, [S.l.], 2010.
- D'ALMADA, André Álvares. **Breve tratado dos rios de Guiné e do Cabo Verde**, Porto: Typografia Comercia Portugeza. Lisboa, 1841.
- GAIVÃO, Luís Mascarenhas. CES/FEUC. **Lugares do Sul – espaços da lusofonia: fronteiras, tradução cultural e globalização contra-hegemónica**. Coimbra, S/D.
- HOUNTONDJI, Paulin. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, Março 2008: 149-160, Coimbra, 2008.
- INCOPTÉ, Edson. O papel da juventude na consolidação do projecto Nação. **Juventude e participação política: Novos desafios**. [S.l.], 2014.
- LARAIA, Roque de Barros, 1932 – 1.331c. **Cultura: uni conceito antropológico / Roque**. 14 e.d de Barros Laraia. – 14. e.d. Rio de Janeiro: Jorge “Zahar Ed., 2001.
- LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A questão ancestral**. África Negra. – São Paulo : Palas Athena : Casa das Áfricas, 2008.
- MADEIRA, João Paulo Carvalho e Branco. **A gestão do Espaço e da Propriedade Tradicional no Arquipélago dos Bijagós**. Lisboa, 2009.
- MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. USP. São Paulo, 2000.
- NÓBREGA, Álvaro, **A luta pelo poder na Guiné-Bissau**, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa, 2003.
- PINTO, Paula. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em estudos africanos pelo Centro de Estudos Africanos da faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2009.
- QUINTINO, Fernando Rogado. **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Vol. 24, nº 96. Lisboa, 1969.

RANGER, Terence; HOBBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1997.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues. **Ao Redor do Mundo: Leituras em Português**, Vol. 2. [S.l. / S.d.].

SANTOS, Jovenice Ferreira. **Desmitificando a monografia**. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. 3ª reimpressão. EDUNEB. Salvador, 2013.

SANTY, Boaventura Rodrigues Vaz Horta. **As representações sociais das mudanças do clima e suas implicações no processo de territorialização: os Bijagós da ilha de Formosa, Guiné Bissau**. São Carlos: UFSCar, 2012.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Etnologia dos Bijagós da Ilha de Bubaque**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical; Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Gráfica Portuguesa, Lisboa, 1991.

SILVA, Dilma de Melo. **Por entre as Dórcades encantadas: os Bijagó da Guiné-Bissau – São Paulo : Terceira Margem**, 2000.

SIMÕES, Landerset. Babel Negra. **Etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné**. Porto, 1935.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. **História oral**. 3ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1988.

TINIGUENA, 2012. **Produtos, Técnicas e Saberes da Tradição Bijagó, Artesanato, Danças e Trajes, Gastronomia**. Edição Tiniguena, Bissau.

ANEXOS

ANEXOS 01 – Divisão de responsabilidades e faixa etária da etnia Bijagó.

DIVISÃO DAS RESPONSABILIDADES E FUNÇÕES DAS DIFERENTES CATEGORIAS DE IDADE

HOMENS		MULHERES	
Categoria	Principais características e responsabilidades	Categoria	Principais características e responsabilidades
<i>Cudemingha</i>	Rapazinho. Vigia do gado e auxílio na caça. Fazem pequenos recados.	<i>Nimpuni</i>	Menina pequena. Trabalho doméstico. Transporte de água, apanha de moluscos e vigia dos arrozais.
<i>Cudene</i>	Rapaz. Período de iniciação sexual, festas, danças e conquistas amorosas. Apoio na vigia dos arrozais e na caça.	<i>Cumpuni</i>	Adolescente. Período de liberdade, festas, danças e conquistas amorosas. Fora da tabanca, as "cumpuni" comem, bebem e dançam entre si e aprendem como viver no mato. Fase de preparação para as cerimónias de defunto.
<i>Cunhocá</i>	Adolescente. Fase de iniciação nas regras sociais. Participação nas actividades produtivas e em tudo o que requer força física. Funcionam como polícias da tabanca.	<i>Obite</i>	Jovem rapariga. Grupo de "defunto".
<i>Caburo</i>	Jovem adulto. Período de liberdade, festas, dança e exibição da juventude, vigor e beleza física. São os mediadores da paz na tabanca. Algum trabalho regular e entre-ajuda nas actividades agrícolas, extracção de óleo de palma e limpeza dos caminhos de cerimónias. Preparação para o fanado.	<i>Cáburo jêmeu</i>	Rapariga. Fase transitória de preparação para o fanado, o casamento e formação de família. Apogeu da juventude e do vigor. Entre-ajuda nas actividades agrícolas, produção de óleo de palma e esteiras, para obter fundos para as despesas com o fanado. O casamento também é forma de ter ajuda do marido para as obrigações do fanado.

HOMENS		MULHERES	
Categoria	Principais características e responsabilidades	Categoria	Principais características e responsabilidades
<i>Camabi</i>	Adulto. Período depois do fanado, dedicado aos trabalhos mais duros para a comunidade. Administram as palmeiras, as matas, os rituais como "ronia", "mandjidura" das matas e do mar e a preparação do cadáver para o enterro. Podem ter casa e terra própria e direito de casar e constituir família.	<i>Camabi</i>	Jovem adulta. Curto período depois do fanado, dedicado a brincadeiras, trabalho voluntário para convívio entre elas.
<i>Odádo</i>	Homem maduro. Plenos direitos no Conselho dos anciões, servindo de porta-voz das resoluções desse órgão de decisão. São responsáveis da cerimónia do <i>jongajo</i> . Controlam a construção de cercas para o cultivo.	<i>Odádo</i>	Adulta. Longo período dedicado aos trabalhos mais duros e à aquisição dos bens necessários para o pagamento da garantia e em troca de aprendizagem e conhecimento de todos os segredos da vida.
<i>Cabongha</i>	Ancião. Fazem a última cerimónia para ter direito a ter banco e colher nas cerimónias. Recebem tributos dos mais jovens e são detentores do conhecimento e das regras tradicionais. São conselheiros da sua comunidade.	<i>Cudjona</i>	Mulheres. Período depois de terem feito todas as cerimónias. Asseguram os rituais como o "ronia" e a preparação do cadáver para o enterro.
		<i>Cabongha</i>	Mulher grande, depois da menopausa. Controlam as cerimónias das mulheres e são conselheiras na sua comunidade.

ANEXO 02 – Roteiro da viagem

ROTEIRO DA VIAGEM

Data de ida de Salvador-Bahia para Recife-Pernambuco – 29/30 de abril.

- Saída de Salvador-Bahia para Recife-Pernambuco;
- Parada para espera do voo no dia seguinte.

Data de ida de Recife-PE para Cabo Verde-Praia – 29 de abril.

- Saída de Recife-PE para Cabo Verde-Praia;
- Parada para espera do voo no dia seguinte.

Data de ida de Cabo Verde-Praia para Guiné-Bissau-Bissau – 30 de abril.

- Saída de Cabo Verde-Praia para Guiné-Bissau-Bissau.

Do dia 30 de abril ao dia 06 de maio, Guiné-Bissau – Bissau.

- Fazer contatos;
- Instituto Nacional de Pesquisa – INEP;
- Instituto de Biodiversidades e Áreas Protegidas – IBAP;
- Reserva de Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós (RBABB);
- Parque Nacional das Ilhas de Orango (PNO);
- Universidade Amílcar Cabral (UAC/ULG);
- Biblioteca Nacional e outras bibliotecas;
- Museu etnográfico;
- Parlamento Nacional da Juventude;
- Espaços culturais;
- Diário de campo.

Do dia 07 de maio ao dia 04 de junho, Guiné-Bissau-Arquipélago Bolama Bijagó – Ilhas de Bolama, Bubaque e Orango.

- Pesquisas de campo;
- Conversas;
- Vivência;

- Registros orais e visuais;
- Diário de campo.

Do dia 04 de junho ao dia 10 de junho Guiné-Bissau - Bissau.

- Retorno à Bissau para pesquisas nos locais já visitados;
- Recuperar diálogos com pessoas já entrevistadas;
- Recuperar contato com os espaços de Ensino já visitados;
- Coleta de materiais de pesquisas (livros, revistas, jornais, xerox);
- Participação em eventos, visitas a espaços públicos/políticos/sociais/culturais, bairros, igrejas, monumentos;
- Parque Nacional de João Vieira Poilão e Parque Nacional de Orango;
- Diário de campo.

Data de ida de Guiné-Bissau-Bissau para Cabo Verde-Praia – 10 de junho.

- Saída de Guiné-Bissau-Bissau para Cabo Verde-Praia;
- Parada para pesquisa na Cidade da Praia (Comunidade dos Rebelados) em Cabo Verde.

Do dia 10 de junho a 17 de junho Cabo Verde-Praia.

- Biblioteca Nacional de Cabo Verde;
- Universidade de Santiago de Cabo Verde;
- Comunidade dos Rebelados;
- Diário de Campo.

Data de ida de Cabo Verde-Praia para Recife-Pernambuco – 17 de junho.

- Saída de Cabo Verde (Praia) para Recife;
- Parada para espera do voo no dia seguinte.

Data de ida de Recife-Pernambuco para Salvador-Bahia – 18 de junho.

- Saída de Recife para Salvador;

Total de dias: 50 dias de viagem.

ANEXO 03 – Assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e coleta de dados dos entrevistados.

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
IURI SANTOS SILVA DO ROSARIO**

**COLETA DE DADOS
ENTREVISTAS PARA O PROCESSO DE ESCRITURA DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA

2016



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - CAMPUS DOS MALÊS
 PROCESSO DE ESCRITURA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Magnussen da Costa, portador do CPF nº _____, natural de Bissau, residente na Bahia-Brasil,

estou sendo convidado(a) à participar da pesquisa denominada **TRADIÇÕES E MODERNIDADE NAS PRÁTICAS CULTURAIS BIJAGÓ – “PASSEANDO PELAS DÓRCADES ENCANTADAS: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS DA ETNIA BIJAGÓ NA GUINÉ BISSAU.”**, cujo principal objetivo é oferecer subsídios com formato de relatos orais para preenchimento de lacunas no que diz respeito ao ajudar com informações sobre a minha etnia e sobre minhas vivências dentro da minha comunidade étnica.

A minha participação no referido estudo será no sentido de dar entrevistas, responder questionários e ser acompanhado/a pelo/a pesquisador/a em algumas atividades desenvolvidas no meu cotidiano. Por vezes, minhas conversas poderão ser gravadas, porém terei minha identidade preservada assim como todos os envolvidos nas minhas interações. Em momento algum da pesquisa, poderá ser realizada qualquer gravação de áudio/vídeo ou divulgado meu nome sem meu expresso consentimento.

Fui alertado de que essa pesquisa beneficiará diretamente o estudante **Iuri Santos Silva do Rosario**, portador do CPF _____ o qual está trabalhando sobre as práticas culturais e ritos e rituais religiosos da etnia que pertencem – Bijagó na Guiné-Bissau. Os relatos servirão como estudos da área de sociologia, antropologia e história da região a ser tratada no trabalho com a titulação já identificada anteriormente.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, estou ciente da presença de gravador ou câmera em conversas com o pesquisador, terei de dispor de tempo para conversar com o pesquisador, também precisarei recebê-lo em minha residência, bem como inseri-lo/a em atividades que desenvolvo no meu cotidiano, tais como faculdade, sala de aula e em reuniões marcadas pelo entrevistador.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo sempre que for pedido antes de qualquer entrevista. Fui informado de que posso me recusar a participar do estudo ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar me justificar. Também será assegurado a mim, durante toda a pesquisa, o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendidos a natureza e o objetivo do já referido estudo, **manifesto meu livre consentimento em participar**, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação. Caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: uma orientadora, **Fábia Barbosa Ribeiro** e um estudante do Bacharelado em Humanidades, **Iuri Santos Silva do Rosario**. Ciente do referido sei que poderei manter contato com eles pelos seguintes meios: fabiaribeiro@unilab.edu.br iuri.rosario@outlook.com, respectivamente.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo, devo ligar para o CEP UNILAB (85) 3332-1414 ou mandar um e-mail para cep@unilab.edu.br.

São Francisco do Conde-BA, 24 de Fevereiro de 2016.

Magnussen da Costa

Assinatura do(a) colaborador(a) da pesquisa.

Iuri Santos Silva do Rosario

Assinaturas dos pesquisadores responsáveis.

1º ENTREVISTAD(A)**QUAL O SEU NOME COMPLETO?**R: *Magnusson da Costa***QUEM ESCOLHEU SEU NOME?**R: *Meu pai***QUAL A SUA IDADE?**R: *23 anos***QUAL O SEU SEXO?**R: *Masculino***QUAL O SEU ESTADO CIVIL?**R: *Solteiro***QUANDO VOCÊ ENTROU NA UNILAB?**R: *2014***QUAL CURSO VOCÊ FAZ?**R: *Bacharelado em Humanidades***COMO VOCÊ SE RECONHECE ETNICAMENTE?**R: *Bijagó***QUAL A ETNIA DO SEU PAI?**R: *Bijagó***QUAL A ETNIA DA SUA MÃE?**R: *Bijagó***QUAL A SUA RELIGIÃO?**R: *Matrão***QUAL A RELIGIÃO DO SEU PAI?**R: *Tradicional - Bijagó***QUAL A RELIGIÃO DA SUA MÃE?**R: *Tradicional - Bijagó*

VOCÊ CULTUA DE ALGUMA FORMA, ALGUM RITUAL RELIGIOSO DA SUA ETNIA AQUI NO BRASIL?

R: Não

ONDE VOCÊ MORAVA NA GUINÉ-BISSAU?

R: Bissau

SEUS PAIS SÃO CASADOS ATÉ HOJE?

R: Sim

ONDE MORA SEU PAI?

R: Bissau

ONDE MORA SUA MÃE?

R: Bissau

VOCÊ TEM IRMÃOS, QUANTOS SÃO OS MAIS VELHOS E QUANTOS SÃO OS MAIS NOVOS QUE VOCÊ?

R: 2 mais velhos e 3 mais novo

VOCÊ JÁ MOROU NA CAPITAL DO SEU PAÍS?

R: Sim

E SEUS IRMÃOS?

R: Também

ONDE VOCÊ ESTUDOU NA GUINÉ-BISSAU?

R: Na escola pública - Bissau

VOCÊ SABE FALAR A SUA LÍNGUA ÉTNICA?

R: Um pouco

ONDE VOCÊ APRENDEU?

R: Com meus pais - em Bissau

PORQUE VOCÊ VEIO ESTUDAR NA UNILAB?

R: Não tinha condições de pagar uma Universidade em Bissau



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - CAMPUS DOS MALÊS
 PROCESSO DE ESCRITURA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Itelvina José Fernandes portador do CPF nº _____
 natural de Guiné-Bissau residente na

Bahia - Brasil
 estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa denominada **TRADIÇÕES E MODERNIDADE NAS PRÁTICAS CULTURAIS BIJAGÓ - "PASSEANDO PELAS DÓRCADES ENCANTADAS: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS DA ETNIA BIJAGÓ NA GUINÉ BISSAU."**, cujo principal objetivo é oferecer subsídios com formato de relatos orais para preenchimento de lacunas no que diz respeito ao ajudar com informações sobre a minha etnia e sobre minhas vivências dentro da minha comunidade étnica.

A minha participação no referido estudo será no sentido de dar entrevistas, responder questionários e ser acompanhado/a pelo/a pesquisador/a em algumas atividades desenvolvidas no meu cotidiano. Por vezes, minhas conversas poderão ser gravadas, porém terei minha identidade preservada assim como todos os envolvidos nas minhas interações. Em momento algum da pesquisa, poderá ser realizada qualquer gravação de áudio/vídeo ou divulgado meu nome sem meu expresso consentimento.

Fui alertado de que essa pesquisa beneficiará diretamente o estudante **Iuri Santos Silva do Rosario**, portador do CPF _____ o qual está trabalhando sobre as práticas culturais e ritos e rituais religiosos da etnia que pertence - Bijagó na Guiné-Bissau. Os relatos servirão como estudos da área de sociologia, antropologia e história da região a ser tratada no trabalho com a titulação já identificada anteriormente.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, estou ciente da presença de gravador ou câmera em conversas com o pesquisador, terei de dispor de tempo para conversar com o pesquisador, também precisarei recebê-lo em minha residência, bem como inseri-lo/a em atividades que desenvolvo no meu cotidiano, tais como faculdade, sala de aula e em reuniões marcadas pelo entrevistador.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo sempre que for pedido antes de qualquer entrevista. Fui informado de que posso me recusar a participar do estudo ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar me justificar. Também será assegurado a mim, durante toda a pesquisa, o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendidos a natureza e o objetivo do já referido estudo, **manifesto meu livre consentimento em participar**, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação. Caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: uma orientadora, **Fábia Barbosa Ribeiro** e um estudante do Bacharelado em Humanidades, **Iuri Santos Silva do Rosario**. Ciente do referido sei que poderei manter contato com eles pelos seguintes meios: fabiaribeiro@unilab.edu.br e iuri.rosario@outlook.com, respectivamente.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo, devo ligar para o CEP UNILAB (85) 3332-1414 ou mandar um e-mail para cep@unilab.edu.br.

São Francisco do Conde-BA, 24 de 02 de 2016.

Itelvina José Fernandes

Assinatura do(a) colaborador(a) da pesquisa.

Iuri Santos Silva do Rosario

Assinaturas dos pesquisadores responsáveis.

3º ENTREVISTADO(A)**QUAL O SEU NOME COMPLETO?**

R: Itelvina G. Fernandes

QUEM ESCOLHEU SEU NOME?

R: meus pais

QUAL A SUA IDADE?

R: 20 anos

QUAL O SEU SEXO?

R: Feminino

QUAL O SEU ESTADO CIVIL?

R: solteira

QUANDO VOCÊ ENTROU NA UNILAB?

R: 2015

QUAL CURSO VOCÊ FAZ?

R: Bacharelado em Humanidades

COMO VOCÊ SE RECONHECE ETNICAMENTE?

R: Bijagó

QUAL A ETNIA DO SEU PAI?

R: Bijagés

QUAL A ETNIA DA SUA MÃE?

R: Bijagés

QUAL A SUA RELIGIÃO?

R: Evangelica

QUAL A RELIGIÃO DO SEU PAI?

R: Sem religião

QUAL A RELIGIÃO DA SUA MÃE?

R: Sem religião

VOCÊ CULTUA DE ALGUMA FORMA, ALGUM RITUAL RELIGIOSO DA SUA ETNIA AQUI NO BRASIL?

R: Não

ONDE VOCÊ MORAVA NA GUINÉ-BISSAU?

R: Capital Bissau

SEUS PAIS SÃO CASADOS ATÉ HOJE?

R: Foram casados até o falecimento do meu pai

ONDE MORA SEU PAI?

R: Bissau

ONDE MORA SUA MÃE?

R: Bolama

VOCÊ TEM IRMÃOS, QUANTOS SÃO OS MAIS VELHOS E QUANTOS SÃO OS MAIS NOVOS QUE VOCÊ?

R: Sim, cinco. Sou a caçula

VOCÊ JÁ MOROU NA CAPITAL DO SEU PAÍS?

R: Sim

E SEUS IRMÃOS?

R: Sim

ONDE VOCÊ ESTUDOU NA GUINÉ-BISSAU?

R: Attadassum / Bissau

VOCÊ SABE FALAR A SUA LÍNGUA ÉTNICA?

R: Um pouco

ONDE VOCÊ APRENDEU?

R: Em Bissau, com a minha mãe e avô

PORQUE VOCÊ VEIO ESTUDAR NA UNILAB?

R: Porque eu quero conhecer melhor a história do meu país.

ANEXO 05 – Relatório de alunos ativos do curso de BHU.

24/03/2015

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas



Graduação

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS



EMITIDO EM 24/03/2015 09:56

RELATÓRIO DE ALUNOS ATIVOS POR CURSO

Curso: BACHARELADO EM HUMANIDADES/IHL - São Francisco do Conde 16

Total de Registros: 167

IHL - BACHARELADO EM HUMANIDADES / N

Ingresso	Matrícula	Nome	Status
2014.3	2014303668	ADRIANA DE BARROS FEITOSA DA SILVA	ATIVO
2014.1	2014102884	ADRIELE DE SOUZA DA SILVA	ATIVO
2014.1	2014108162	AGOSTINHO DA SILVA	ATIVO
2014.1	2014108171	AILA ANTÔNIO GOMES	ATIVO
2014.3	2014305386	ALBERTO ANDRADE NOGUEIRA	ATIVO
2014.3	2014304585	ALDAN COLLA IÉ	ATIVO
2014.1	2014108180	ALDINE VALENTE BATHILLON	ATIVO
2014.1	2014103120	ALEXANDRE DO NASCIMENTO BRAVO	ATIVO
2014.3	2014305180	ALINA GUIMARÃES LIMA	ATIVO
2014.3	2014303710	ALINE PAULA DOS ANJOS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303640	ALISON ALAN ALMEIDA DOS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014304600	AMADU VICTOR BEDAM	ATIVO
2014.1	2014103012	AMANDA MAGALHÃES BARRETO	ATIVO
2014.1	2014102848	ANA CLAUDIA SANTANA MILIANO	ATIVO
2014.3	2014304629	AVELINO VAZ	ATIVO
2014.1	2014103003	BEATRIZ BORGES BASTOS	ATIVO
2014.3	2014303550	BEATRIZ CATHERINE MARQUES COSTA	CADASTRADO
2014.1	2014108190	BETO INFANDÉ - <i>Beleante, Brante = Beleante</i>	ATIVO
2014.1	2014108206	BRAIMA SEIDI	ATIVO
2014.3	2014303784	BRENDA FERREIRA DE OLIVEIRA LIMA	CADASTRADO
2014.1	2014102632	BRUNA APARECIDA THALITA MAIA	ATIVO
2014.1	2014108215	CALIDO MANGO	ATIVO
2014.3	2014303470	CARLOS RONALDO SILVA DE JESUS	ATIVO
2014.1	2014102650	CAROLINE LIMA DOS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014305377	CAROLINE SANTOS REIS NASCIMENTO	ATIVO
2014.3	2014303416	CASSIA SANTOS DE OLIVEIRA	ATIVO
2014.1	2014110859	CHITUNGANE SEBASTIAO CHACHUAIO	ATIVO
2014.3	2014303505	CREMILDA GONÇALVES DA COSTA CATÃO	CADASTRADO
2014.1	2014102973	DAIANE BARBOSA TEIXEIRA	ATIVO
2014.1	2014108224	DANIEL LUIS TCHUDA	ATIVO
2014.3	2014305340	DANILO DA COSTA DOS SANTOS	ATIVO
2014.1	2014108233	DANILSON IVANDRO GONÇALVES DA VEIGA	ATIVO
2014.3	2014305199	DÉBORA MENEZES RIBEIRO	ATIVO
2014.1	2014108242	DEUINALOM FERNANDO CAMBANCO	ATIVO
2014.3	2014305297	DORALICE SANTOS DA SILVA	ATIVO
2014.1	2014103110	ÉBANO FRANCISCO SOUZA FRANCA	ATIVO
2014.3	2014305161	EDILENE SALVADOR OLIVEIRA SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303686	EDMILSON MENEZES DE ARAÚJO	ATIVO
2014.1	2014108251	EDNEUSA DIAMANTINO CÁ	ATIVO
2014.1	2014106471	ELAINE DOS SANTOS RIBEIRO	ATIVO
2014.3	2014303659	ELIAS OLIVEIRA MELO	ATIVO
2014.3	2014305330	ÉLIDA FERREIRA BERNARDO SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303425	ELISABETE CARDOSO CÉZAR	ATIVO
2014.1	2014106088	ELISANGELA SURAYA GOMES RAMOS	ATIVO
2014.3	2014305036	ELMA PEREIRA MANE	ATIVO
2014.1	2014108260	EMANUEL DE JESUS CORREIA SEMEDO	ATIVO
2014.1	2014108270	EMILIO MÁRIO TÉ	ATIVO
2014.3	2014304638	EMO MONTEIRO	ATIVO
2014.3	2014305303	FABIANA PEDREIRA GELARD	ATIVO
2014.1	2014102660	FABRÍCIO DE SENA FERREIRA	ATIVO
2014.3	2014303579	FELIPE TÁSSIO MATOS DA SILVA	CADASTRADO
2014.3	2014304647	FELIZMINA NANCASSA	ATIVO
2014.3	2014303775	FERNANDA ADRIELLY OLIVEIRA CORDEIRO	CADASTRADO
2014.1	2014102810	FERNANDA DE SOUZA SANTOS	ATIVO

24/03/2015

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

2014.1	2014108289	FERNANDO ABILINARIO LOPES ✓	ATIVO
2014.3	2014304656	FERNANDO COLONIA ✓	ATIVO
2014.3	2014303560	FLAMSTEED FLAMARION MACHADO RODRIGUES	ATIVO
2014.3	2014303461	FRANCISCO RODGER BESSA	ATIVO
2014.3	2014303523	GABRIELA MOREIRA PESSOA	CADASTRADO
2014.1	2014106097	GERSON FELÉMON DA SILVA LESS	ATIVO
2014.1	2014108592	GILSON GRACIANO DOS SANTOS ✓	ATIVO
2014.3	2014303612	GLIUSON DE JESUS DO CARMO	ATIVO
2014.1	2014109034	HALLYSON MARTINS DA SILVA	ATIVO
2014.1	2014102955	HERÁCLITO DOS SANTOS BARBOSA	ATIVO
2014.1	2014108298	HIPÓLITO MENDES ✓	ATIVO
2014.3	2014304665	IBRA CÔ ✓	ATIVO
2014.1	2014102964	ICARO SANTOS AMANCIO	ATIVO
2014.3	2014305134	IRENE LOPES ✓	ATIVO
2014.1	2014108304	ISNA GABRIEL SIA ✓	ATIVO
2014.3	2014303757	ITALA MARTINA FERREIRA AGUIAR	CADASTRADO
2014.1	2014102820	IURI SANTOS SILVA DO ROSÁRIO	ATIVO
2014.3	2014305223	IVONETE PONTES CARDOSO	ATIVO
2014.1	2014103157	JOANICE BISPO	ATIVO
2014.3	2014303499	JOÃO APOLINÁRIO DE SANTANA	ATIVO
2014.3	2014303748	JOÃO BOSCO SOARES DA FONSECA	ATIVO
2014.3	2014305232	JOÃO ROBERTO DA SILVA FIUZA	ATIVO
2014.3	2014303701	JOELMA DE JESUS SANTANA	ATIVO
2014.1	2014102919	JOICE LORENA DO SACRAMENTO ALVES	ATIVO
2014.3	2014303597	JOSÉ CARLOS DE JESUS	CADASTRADO
2014.3	2014305401	JOSÉ CELESTINO BISPO	ATIVO
2014.3	2014304674	JOSÉ EDUARDO GARCIA DOS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303621	JOSÉ VINICIUS CERQUEIRA DOS SANTOS	CADASTRADO
2014.3	2014303588	JUCEMIR ARAÚJO DOS SANTOS	CADASTRADO
2014.1	2014102730	JULIANA NASCIMENTO FERREIRA	ATIVO
2014.1	2014103166	JUNIELA VASCONCELOS DAS NEVES	ATIVO
2014.1	2014102801	KAICK YURI VIEIRA DA SILVA	ATIVO
2014.3	2014303434	KAIO BRHENNAN FERREIRA DA SILVA	CADASTRADO
2014.1	2014102893	KÁTIA CRISTINA BERNARDO DE JESUS	ATIVO
2014.3	2014305288	KELLEN CLÁUDIA DOS SANTOS MACHADO	ATIVO
2014.3	2014303532	KENATTE LIMA DE ARAÚJO	CADASTRADO
2014.1	2014102703	KLYLISSA CARLA RIBEIRO FREITAS	ATIVO
2014.3	2014303443	LAÍS SANTOS DE SOUZA	ATIVO
2014.3	2014305205	LAIZA BARBOSA FREITAS	ATIVO
2014.3	2014305241	LARISSA ALVES DE OLIVEIRA	ATIVO
2014.3	2014304899	LAURO JOSÉ DE ASSUNÇÃO ROSA CARDOSO	ATIVO
2014.3	2014304754	LÁZARO UASSENA UNA ✓	ATIVO
2014.3	2014304763	LENIRA MENDES MONTEIRO GONÇALVES	ATIVO
2014.3	2014305312	LEONARDO LÁZARO FAISLON	ATIVO
2014.1	2014108313	LEONEL VICENTE MENDES ✓	ATIVO
2014.1	2014102688	LETÍCIA MATTOS MOTA	ATIVO
2014.3	2014303720	LÍCIANE PEREIRA DA SILVA	ATIVO
2014.3	2014305368	LINDINALVA JESUS DOS ANJOS	ATIVO
2014.3	2014304709	LOCARINE UDULCIENE MENDES ONCAMPO ✓	ATIVO
2014.1	2014103068	LUANA RODRIGUES PEREIRA	ATIVO
2014.1	2014102857	LUCIANO DOS SANTOS GUEDES	ATIVO
2014.1	2014102900	LUCILENE DOS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014305359	LUCINELIA LIMA DE MOURA	ATIVO
2014.1	2014108322	LUÍS FERNANDES JÚNIOR ✓	ATIVO
2014.3	2014303766	LULIANE SOUSA DOS SANTOS	ATIVO
2014.1	2014110910	MABEL ARAUJO ANDRADE SANTOS	ATIVO
2014.1	2014108331	MAGNUSSON DA COSTA ✓	ATIVO
2014.1	2014103040	MAILSON SILVA BARRETO	ATIVO
2014.1	2014108340	MAMADU BALDE ✓	ATIVO
2014.3	2014304772	MAMADU DJALO ✓	ATIVO
2014.1	2014108350	MAMADÚ SEIDI ✓	ATIVO
2014.1	2014106506	MANOELLY DOS SANTOS CERQUEIRA	ATIVO
2014.1	2014108369	MANUELA GOMES PEREIRA ✓	ATIVO
2014.1	2014102982	MARCELO LENZ LOPES	ATIVO
2014.1	2014108378	MARGARIDA DUETE LOURENÇO BENDO	ATIVO
2014.3	2014303630	MARIA APARECIDA CAMPOS DOS SANTOS	CADASTRADO
2014.3	2014303390	MARIA APARECIDA SANTOS SANTANA	ATIVO
2014.1	2014102928	MARIA CLARA ARAÚJO DA MACENA	ATIVO
2014.3	2014305170	MARIA DE LOURDES GUIMARÃES LIMA	ATIVO
2014.3	2014303452	MAURÍCIO GUSTAVO DE SOUZA	ATIVO

24/03/2015

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

2014.1	2014110895	MICHELLE CASSIA DE AMORIM ALVES	ATIVO
2014.1	2014102777	MICHELLE CELESTE MIRANDA	ATIVO
2014.3	2014304790	MOACIR ARMANDO SOARES DA GAMA	ATIVO
2014.1	2014102712	NADIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS MIRANDA	ATIVO
2014.1	2014108387	NAENTREM MANUEL OLIVEIRA SANCA	ATIVO
2014.1	2014102839	NAIANE JESUS PINTO	ATIVO
2014.3	2014304825	NATALIA ERNESTO CÁ	ATIVO
2014.3	2014303480	NATALINO DE SANTANA SANTOS	CADASTRADO
2014.1	2014108396	NEEMIAS ANTÔNIO NANQUE	ATIVO
2014.1	2014108402	NEMÉSIO ALVES DE SÁ	ATIVO
2014.3	2014305260	NIDIA BATTISTA DOS SANTOS DOS ANJOS	ATIVO
2014.3	2014303514	NILSON CERQUEIRA SOUSA	ATIVO
2014.1	2014108411	NIVALDO CASIMIRO IÉ	ATIVO
2014.3	2014304843	NOEMIA ARMANDO MONTEIRO	ATIVO
2014.1	2014108420	OCANTE ANTÔNIO IÉ	ATIVO
2014.3	2014303739	PATRICIA GOMES MENDES	ATIVO
2014.3	2014303381	POLIANA SOUZA DUARTE	ATIVO
2014.1	2014102786	PRISCILA NEVES DE OLIVEIRA RIBEIRO	ATIVO
2014.1	2014103101	RAFAELA BACELAR SANTOS	ATIVO
2014.1	2014102937	RAMIRO DUARTE ALCANTARA DA SILVA	ATIVO
2014.1	2014109455	RAQUEL CORREIA SANTOS	ATIVO
2014.1	2014106533	RAYANDERSON PEREIRA BISPO ALCIDES	ATIVO
2014.1	2014108430	RÓ GILBERTO GOMES CÁ	ATIVO
2014.1	2014102759	RONALD CORDEIRO DO ROSARIO	ATIVO
2014.3	2014305279	RUTE SANTOS DE JESUS	ATIVO
2014.1	2014108449	SARA CRISTINA SEMEDO FORTES JERONIMO SALVATERRA	ATIVO
2014.1	2014108458	SECO BRAIMA SEIDE	ATIVO
2014.1	2014103175	SIMONE BAREQUEIRO DE SANTANA	ATIVO
2014.1	2014108467	SOLANGE CABRAL	ATIVO
2014.3	2014304870	SONIA MARIA RAMOS GONÇALVES	ATIVO
2014.1	2014108476	SULEIMANE ALFA BÁ	ATIVO
2014.3	2014303407	TAILANA CRISTINA RAMOS PINTO	ATIVO
2014.1	2014108485	TANIA CORREIA JALO	ATIVO
2014.1	2014109052	TATIANE DE BARROS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303603	THAIS CRISTINA DOS SANTOS LAGO	ATIVO
2014.3	2014303695	THIAGO SANTOS DE MORAES	ATIVO
2014.1	2014103086	THIARA ASSIS DE MESSIAS MENDES	ATIVO
2014.3	2014305214	VALQUIRIA BORGES DE MENEZES	ATIVO
2014.1	2014103059	VERA LÚCIA BISPO DOS SANTOS	ATIVO
2014.1	2014108500	VIRGINIO VICENTE MENDES	ATIVO
2014.3	2014303541	VITOR FAGUNDES DE JESUS	ATIVO
2014.3	2014305410	WANDERSON DOS SANTOS NASCIMENTO	ATIVO
2014.1	2014103077	WILLIAM SANTOS NASCIMENTO	ATIVO

SIGAA | Diretoria de Tecnologia da Informação - (85) 3332-1448 | Copyright © 2006-2015 - UNILAB - sig.producao2

ANEXO 06 – Relatório de alunos ativo do curso de Letras.

24/03/2015

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS



Graduação

EMITIDO EM 24/03/2015 09:57

RELATÓRIO DE ALUNOS ATIVOS POR CURSO

20

Curso: LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA/IHL - São Francisco do Conde

Total de Registros: 52

IHL - LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA / N

Ingresso	Matrícula	Nome	Status
2014.1	2014106687	ALBERTINO SUNTÉ INDI	ATIVO
2014.3	2014303256	ALINE GUEDES DA CRUZ	ATIVO
2014.3	2014303372	ANA PAULA RIBEIRO DOS REIS	ATIVO
2014.1	2014108529	ANDRÉ JUEL DA SILVA COSTA JÚNIOR	ATIVO
2014.3	2014305321	ANTONIO CARLOS DO NASCIMENTO REIS	ATIVO
2014.1	2014106604	ARIANA DE ALMEIDA PINTO	ATIVO
2014.3	2014303247	ARILEUDIS GÓIS COUTO	CADASTRADO
2014.3	2014303274	ARNALDO DE SANTANA SILVA	CADASTRADO
2014.1	2014108538	BATICA BRAIMA ENÇA MANÉ	ATIVO
2014.1	2014106622	BERNARDO ALEXANDRE INTIPE	ATIVO
2014.1	2014106631	CADI TURÉ	ATIVO
2014.1	2014102490	CAMILA ALVES DOS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014304914	CARLITOS NA NSAMBE	ATIVO
2014.3	2014304923	CATIA MANUEL	ATIVO
2014.3	2014303354	CORINA ANTONIA PEDREIRA DOS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303229	CRISTIANA DE JESUS SANTOS	CADASTRADO
2014.3	2014305395	CRISTINA SILVA DOS SANTOS	ATIVO
2014.1	2014106079	EDSANA PEREIRA SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303345	ELOISA HELENA SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303292	EMERSON DOS SANTOS DE OLIVEIRA	CADASTRADO
2014.1	2014102605	EMILLY SAMPAIO SILVA VELOSO	ATIVO
2014.1	2014102552	ETIENE DA SILVA ARAUJO	ATIVO
2014.1	2014102481	FELIPE DOS SANTOS GOMES	ATIVO
2014.3	2014303283	FRANCISCO ANDERSON DA SILVA PEREIRA	ATIVO
2014.3	2014303327	FRANKLIN JOSÉ DIAS DE ARAÚJO	ATIVO
2014.1	2014106598	IVO ALOIDE IE	ATIVO
2014.3	2014305420	JANDARIANE NASCIMENTO BISPO	ATIVO
2014.3	2014305250	JANE QUELE PINTO DOS SANTOS	ATIVO
2014.1	2014106613	JANICA ZAIDA LOPES N'DELA	ATIVO
2014.1	2014106640	JERÓNIMO PEREIRA	ATIVO
2014.1	2014108556	JOÃO DITO SAMBÚ	ATIVO
2014.1	2014106669	JOÃO FARIM DAVID BAFIRA CÁ	ATIVO
2014.3	2014303265	JOÃO PAULO PARANHOS BARAÚNA	CADASTRADO
2014.1	2014102561	KARINA DA SILVA SANTANA MAIA	ATIVO
2014.1	2014102472	LAISE CARLA FERREIRA EVANGELISTA	ATIVO
2014.1	2014102614	LILIANE BRITO MOTA	ATIVO
2014.3	2014303309	LUCIANO DO CARMO SANTANA	ATIVO
2014.3	2014303363	MARAÍZA FERNANDA DOS SANTOS DOS ANJOS	ATIVO
2014.1	2014102599	MARILIA CARMEM MOREIRA SANTOS	ATIVO
2014.3	2014304960	MAURILHO DA SILVA SALDANHA	ATIVO
2014.3	2014303318	MENDERSON CORREIA BULCAO	CADASTRADO
2014.1	2014106480	MURILO DOS SANTOS DAMIÃO	ATIVO
2014.3	2014303238	NÉLIA CONCEIÇÃO NASCIMENTO DE JESUS	ATIVO
2014.1	2014108565	NOÉ VITORINO VERMELHO CÓ	ATIVO
2014.1	2014106570	RAIANA ALVES DOS SANTOS	ATIVO
2014.3	2014303336	RAYLANE CAMPOS DOS SANTOS	CADASTRADO
2014.1	2014108574	ROSA ASSANATO BALDÉ	ATIVO
2014.1	2014102525	ROSEANE KELLEN DOS SANTOS DUARTE	ATIVO
2014.3	2014304997	VALDIR BICALE INFULNA IE	ATIVO
2014.1	2014106650	VALDO AUGUSTO MALÚ	ATIVO
2014.1	2014108583	VANIA IMBALI ENCANHA	ATIVO
2014.1	2014106678	VANITA BALDÉ	ATIVO

ANEXO 07 – Lista dos estudantes estrangeiros oriundos das entradas 2014.1 e 2014.3.

Juni +CC

INGRESSO: 2014.1

LETRAS:

Edsana Pereira Santos	Cabo Verde
Albertino Sunté Indi	Guiné-Bissau
André Juel da Silva Costa Junior	Guiné-Bissau
Ariana de Almeida Pinto	Guiné-Bissau
Baticã Braima Ença Mané	Guiné-Bissau
Bernardo Alexandre Intipe	Guiné-Bissau
Cadi Turé	Guiné-Bissau
Janica Zaida Lopes Ndela	Guiné-Bissau
Jerónimo Pereira	Guiné-Bissau
João Farim David Bafira Cá	Guiné-Bissau
Valdo Augusto Malú	Guiné-Bissau
Vania Imbali Encanha	Guiné-Bissau
Vanita Baldé	Guiné-Bissau
Ivo Aloide Ie	Guiné-Bissau
João Dito Sambú	Guiné-Bissau
Noé Vitorino Vermelho Có	Guiné-Bissau
Rosa Assanato Baldé	Guiné-Bissau

BHU:

Margarida Duete Lourenço Bendo	Angola
Danilson Ivandro Goncalves da Veiga	Cabo Verde
Elisangela Suraya Gomes Ramos	Cabo Verde
Emanuel de Jesus Correia Semedo	Cabo Verde
Gerson Felemon da Silva Less	Cabo Verde
Chitungane Sebastião Chachuaio	Moçambique
Sara Cristina Semedo Fortes Jerononimo Salvaterra	STP
Agostinho da Silva	Guiné-Bissau
Aila Antonio Gomes	Guiné-Bissau
Aldine Valente Bathillon	Guiné-Bissau
Beto Infande	Guiné-Bissau
Braima Seidi	Guiné-Bissau
Calido Mango	Guiné-Bissau
Daniel Luis Tchuda	Guiné-Bissau
Deuinalom Fernando Cambanco	Guiné-Bissau
Edneusa Diamantino Cá	Guiné-Bissau
Emílio Mario Te	Guiné-Bissau
Fernando Abilinario Lopes	Guiné-Bissau
Gilson Graciano dos Santos	Guiné-Bissau
Hipolito Mendes	Guiné-Bissau
Isna Gabriel Sia	Guiné-Bissau
Leonel Vicente Mendes	Guiné-Bissau
Luís Fernandes Júnior	Guiné-Bissau
Magnusson da Costa	Guiné-Bissau
Mamadu Balde	Guiné-Bissau
Mamadu Seidi	Guiné-Bissau
Manuela Gomes Pereira	Guiné-Bissau
Naentrem Manuel Oliveira Sanca	Guiné-Bissau

Neemias António Nanque	Guiné-Bissau
Nemésio Alves de Sá	Guiné-Bissau
Nivaldo Casimiro Ié	Guiné-Bissau
Ocante Antonio Ie	Guiné-Bissau
Ró Gilberto Gomes Cá	Guiné-Bissau
Seco Braima Seide	Guiné-Bissau
Solange Cabral	Guiné-Bissau
Suleimane Alfa Bá	Guiné-Bissau
Tania Correia Jaló	Guiné-Bissau
Virginio Vicente Mendes	Guiné-Bissau

INGRESSO: 2014.3

LETRAS:

CARLITOS NA N SAMBÉ	GUINÉ-BISSAU
CATIA MANUEL	GUINÉ-BISSAU
MAURILHO DA SILVA SALDANHA	GUINÉ-BISSAU
VALDIR BICALÉ INFULNA IÉ	GUINÉ-BISSAU

BHU:

JOSÉ EDUARDO GARCIA DOS SANTOS	CABO VERDE
LENIRA MENDES MONTEIRO GONÇALVES	CABO VERDE
SONIA MARIA RAMOS GONÇALVES	CABO VERDE
ALDAN COLLA IÉ	GUINÉ BISSAU
AMADU VICTOR BEDAM	GUINÉ BISSAU
AVELINO VAZ	GUINÉ BISSAU
ELMA PEREIRA MANÉ	GUINÉ BISSAU
EMO MONTEIRO	GUINÉ BISSAU
FELIZMINA NAMCASSA	GUINÉ BISSAU
FERNANDO COLINA	GUINÉ BISSAU
IRENE LOPES	GUINÉ BISSAU
IBRA CÔ	GUINÉ BISSAU
LOCARINE UDULCIENE MENDES ONCAMPO	GUINÉ BISSAU
LAZARO UASSENSA UNA	GUINÉ BISSAU
MAMADU DJALÓ	GUINÉ BISSAU
MOACIR ARMANDO SOARES DA GAMA	GUINÉ BISSAU
NATÁLIA ERNESTO CÁ	GUINÉ BISSAU
NOEMIA ARMANDO MONTEIRO	GUINÉ BISSAU
LAURO JOSÉ DE ASSUNÇÃO ROSA CARDOSO	STP

ANEXO 08 – Estudantes do curso de Letras/2014.1.

PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LEVANTAMENTO DAS ETNIAS EXISTENTES DENTRO DA UNILAB

CAMPUS DOS MALÊS - BAHIA

SEMESTRES – 2014.1 E 2014.3

16 p^{os} 13 Turmas

letros 2014.1

NOME E APELIDO	ETNIA PATERNA	ETNIA MATERNA	SUA ETNIA
Kadija Turé	Mandinga	Diafada	mandinga
Albertino Suntuza	papel	papel	papel
Rosa Balde	Fula	papel	fula
Batice Mane	Mandinga	Mandinga	Mandinga
Jhonimo Pereira	Manyaca	Manyaca	Manyaca
Bernardo Alexandre	Balanta	Balanta	Balanta
João Fernando	Papel	Papel	Papel
Janica Z. Lopes	Fula	Balanta	Balanta
João D. do Samba	Mansonga	Mansonga	Mansonga
Jarita Balde	Fula	Mancanhi	Fula
Nana J. Encarna	Balanta	Mancanhi	mancanhi
Anana	Cobo Verde	Cobo Verde	Cobo Verde
André	Balanta Manyaca	Manyaca	Diafada
Ivo			
Noé			
Valdo	Mancane	Mancane	Mancane

ANEXO 11- Estudantes do curso de BHU/2014.1.

PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LEVANTAMENTO DAS ETNIAS EXISTENTES DENTRO DA UNILAB

CAMPUS DOS MALÊS - BAHIA

SEMESTRES - 2014.1 E 2014.3

13 pessoas

BHU
19/11/2014

NOME E APELIDO	ETNIA PATERNA	ETNIA MATERNA	SUA ETNIA
Daniel Khuda	Balanta	Balanta	Balanta
Isma Gehniel	Balanta	Balanta (Brasa)	Balanta
Mamadou Baldi	fula	fula	fula
Naurthem Sarca	Mancanha	mancanha	Mancanha
Nunesio Sa	Papel	Papel	Papel
Nivaldo Jr	Papel	Balanta	Papel
Deonir Jr	Papel	Papel	Papel
Ro Gilberto			
Geco Brainer	mandinga	balanta	balanta
Solange Cornel			
Sulimane Pa			
Tania Jolo			
Vingunio Mendes			
Sulimane	Fula	Papel	Fula
Ró Gilberto Geó	Papel	papel	papel
Tania Corceia Jolo	Mandanga	Mangaco	Mangaco
Osante Antonio Jr	papel	papel	papel
Vingunio T. Mendes	Mangaco	Mangaco	Mangaco

ANEXO 16 – Carta-convite do INEP.



Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas

Para: Sr. Iuri Santos Silva do ROSARIO
Estudante no curso de Bacharelado em
Humanidades
Instituto de Humanidades e Letras – IHL
Bahia, Brazil

E-mail: iuri.rosario@outlook.com

De: Alfredo Simão da Silva
Director Geral IBAP

Data: 23 de Março de 2016

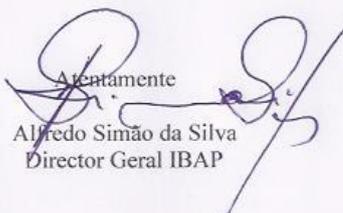
Assunto: Carta-Convite

Ref: /IBAP/2016

O Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP), no quadro das suas actividades, está a desenvolver relações de cooperação com varias instituições internacionais. Sendo uma instituição relativamente recente, o IBAP tem optado pela diversificação de parceiros e de programas de pesquisas nas áreas de conservação da biodiversidade e do património natural e cultural.

Nesta perspectiva, o IBAP pretende apoiar o estudante **Iuri Santos Silva do ROSARIO** na realização da sua monografia de conclusão de curso a respeito de aspectos culturais entre os Bijagós, uma temática que muito nos interessa, pois está em curso a apresentação da candidatura da Reserva da Biosfera do Arquipalago dos Bijagós (Guiné-Bissau) como património mundial natural e cultural da Humanidade. O trabalho de pesquisa terá lugar de **29 de Abril a 17 de Junho de 2016**, no Arquipelago dos Bijagos, Guiné-Bissau.

Sem mais assunto, queira aceitar os protestos da nossa elevada consideração.


Atentamente
Alfredo Simão da Silva
Director Geral IBAP

Avenida Dom Settimio Arturo Ferrazzetta. Caixa Postal 70 Bissau
Tel. (245) 320 71 06/07
Guiné-Bissau
Site: www.ibap-gb.org

ANEXO 17 – Carta-convite do INEP.**INSTITUTO NACIONAL
DE ESTUDOS E PESQUISA**CARTA CONVITE

Convida-se, por este intermédio, o estudante Iuri Santos Silva do Rosário (cidadão Brasileiro, com o passaporte [REDACTED], valido até [REDACTED]/[REDACTED]), atualmente graduando no curso de Bacharelado em Humanidades, pelo Instituto de Humanidades e Letras – IHL- Bahia, Brasil; a visitar o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau), onde desenvolverá a sua pesquisa científica entre o periodo de 29 de Abril e 17 de Junho de 2016.

Por ser verdade, segue esta Carta autenticada com carimbo à óleo em uso neste Instituto, rogando-se, a Embaixada/Consulado da Guiné-Bissau no Brasil, para que lhe seja concedido um visto de cortesia, e lhe seja dispensado a maior colaboração possível.

Bissau, 23 de Março de 2016.

Atenciosamente,

Prof. Doutor Leopoldo Amado

Director-Geral



*Avenida dos Combatentes da Liberdade da Pátria
Complexo Escolar 14 de Novembro – Bissau - Guiné-Bissau
Caixa Postal 112, e-mail: leopoldo.amado@gmail.com, Tel: (+245) 955884961*

ANEXO 18 – Credencial concebida pelo INEP.

**INSTITUTO NACIONAL
DE ESTUDOS E PESQUISA**

Bissau, 04 Maio de 2016

CREDECIAL

É do conhecimento do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa) que o estudante e investigador **Iuri Santos Silva do Rosário** está na Guiné-Bissau entre 29 de Abril e 10 de Junho de 2016, com o objectivo de pesquisar no âmbito da sua monografia de conclusão de curso (Bachelarelado em Humanidades pelo Instituto de Humanidades e Letras – IHL – Bahia, Brasil), a respeito de aspectos culturais entre os Bijagós.

Para o devido efeito, o INEP solicita a colaboração e apoio das autoridades nacionais no referido estudo.

Ficamos disponíveis para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos,

Magda Pinto Bull

Assistente do Director Geral

Avenida dos Combatentes da Liberdade da Pátria
Complexo Escolar 14 de Novembro - Bissau - Guiné-Bissau
Caixa Postal 112, e-mail: inep@inep.gw, Tel: (+245) 955884961